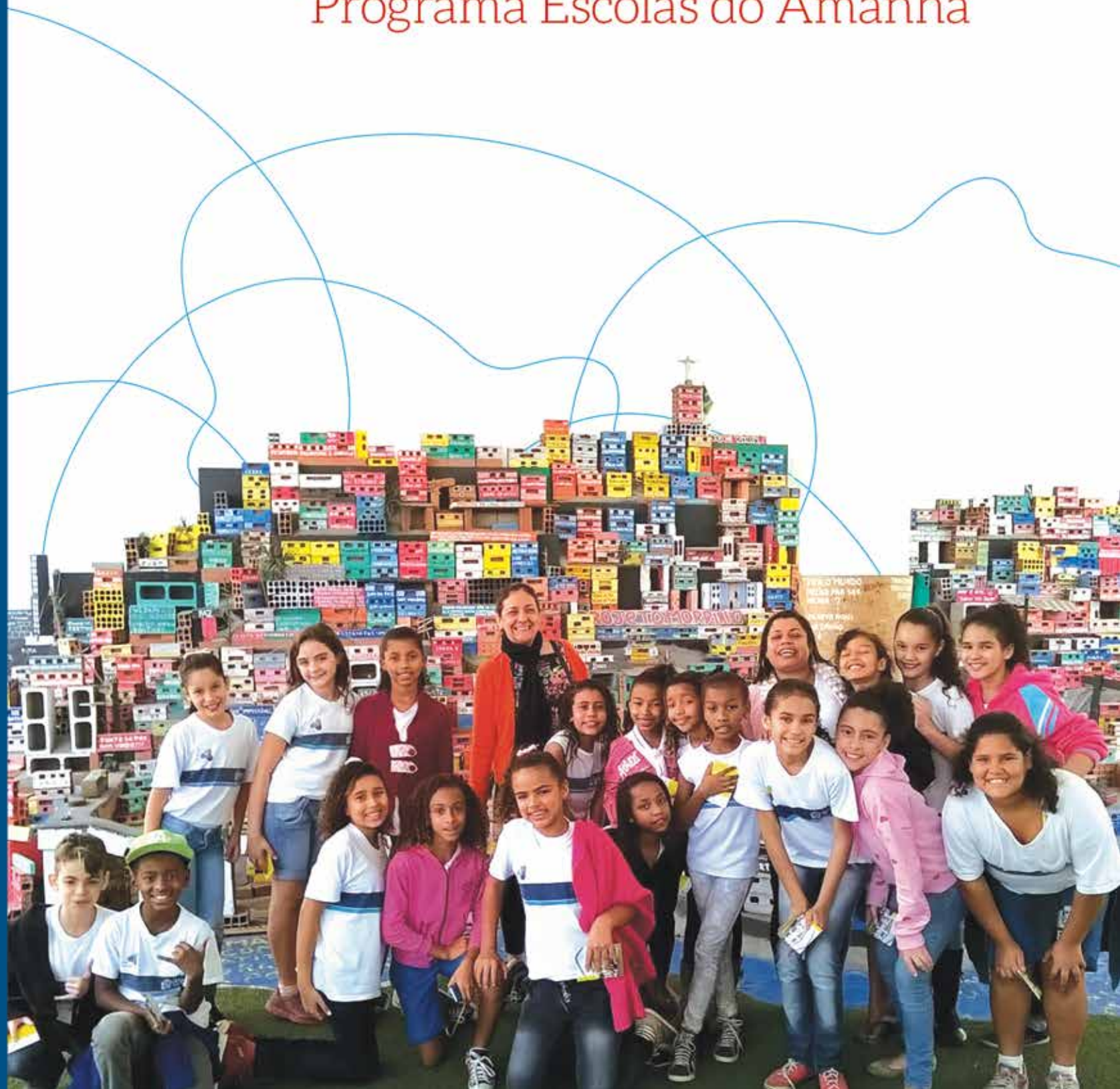
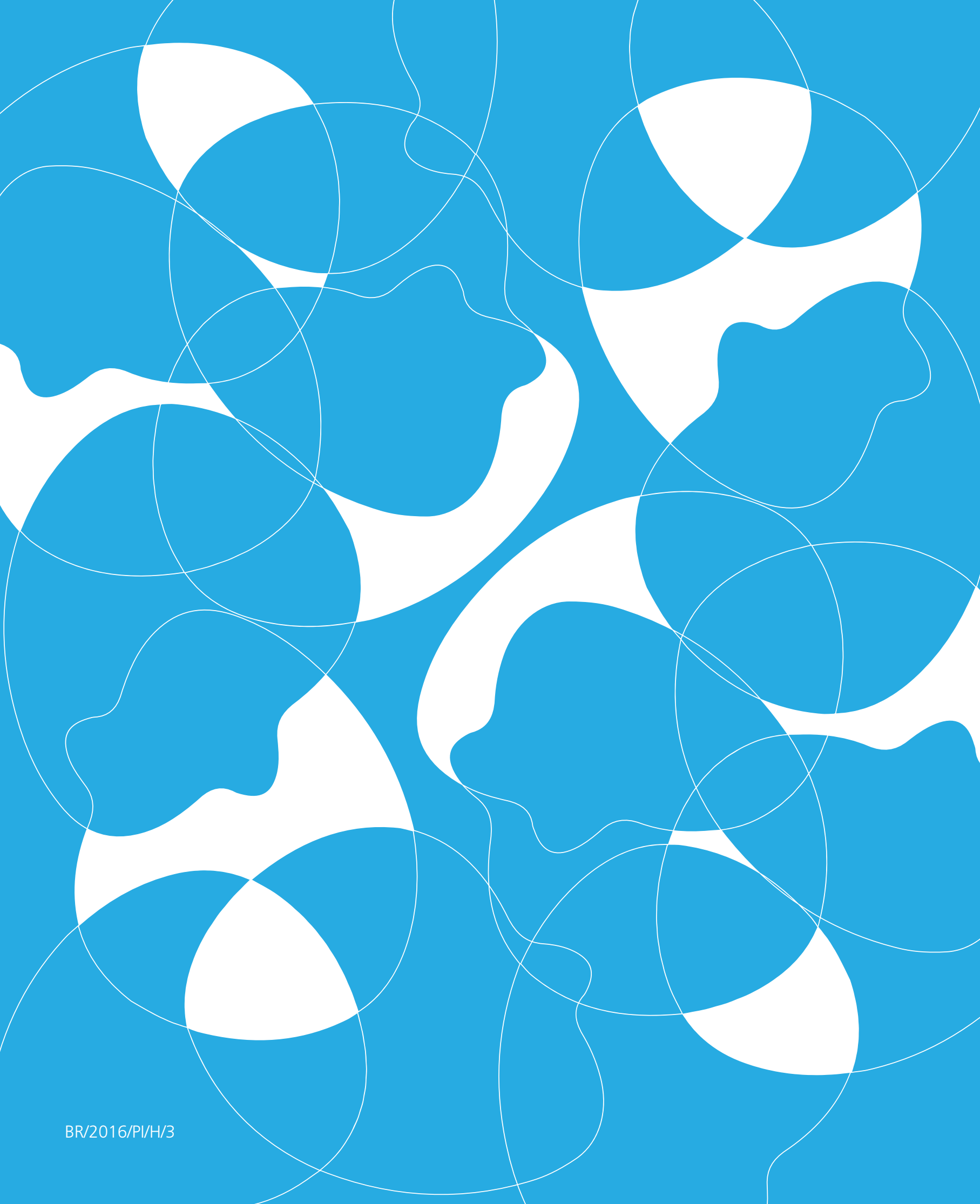




EXPERIÊNCIAS

Programa Escolas do Amanhã



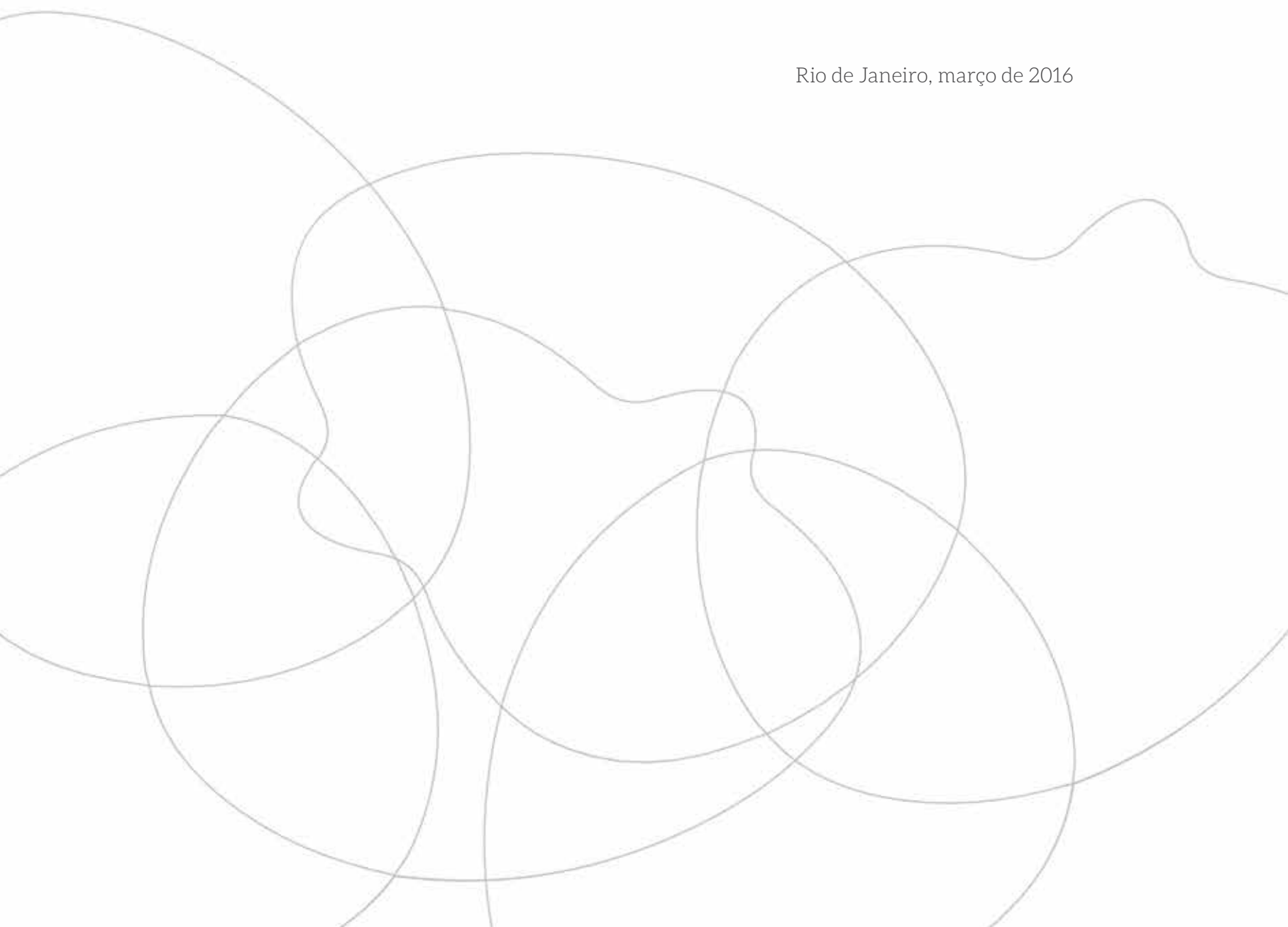




EXPERIÊNCIAS

Programa Escolas do Amanhã

Rio de Janeiro, março de 2016





PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Eduardo Paes

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

Helena Bomeny

SUBSECRETÁRIA DE ENSINO

Jurema Holperin

GESTORA DO PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ

Sueli Pontes Gaspar

“Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do projeto **“UNESCO e o Programa Escolas do Amanhã: direito à educação de qualidade aos jovens e crianças de comunidades vulneráveis do Município do Rio de Janeiro”** (914BRZ1122), que tem como objetivo garantir a educação de qualidade a jovens e crianças de comunidades vulneráveis no Município do Rio de Janeiro, com políticas públicas integradas de educação, desenvolvimento social e prevenção da violência implementadas nas escolas e seu entorno.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta revista não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.”

O Menino Azul

Cecília Meireles

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo,
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.



Sumário

Siglas	5
Apresentação	6
Carta da Secretária de Educação - Helena Bomeny	7
Carta da Gestora do Programa Escolas do Amanhã - Sueli Pontes Gaspar	9
Carta da Consultora de Conteúdo de Sistematização de Experiências - UNESCO Dulce Angela Salviano da Silva	11
Introdução: As Escolas do Amanhã	12
Eixos da Sistematização:	
1. Oralidade, literatura e escrita	14
Ginásio Carioca Aldebarã	18
Escola Municipal Ayrton Senna da Silva	22
CIEP Ministro Gustavo Capanema	26
CIEP 1º de Maio	30
2. O mergulho das Ciências	34
Escola Municipal Tenente Góes Monteiro	38
3. O sentido da tecnologia e da inovação	42
Escola Municipal Thomas Jefferson	46
Escola Municipal Fernando Barata Ribeiro	50
FazGame: o uso do <i>game</i> para criar novas formas de ensino	54
4. Mais educação sempre	58
5. Resgate do binômio saúde-escola	62
6. Intervenção para a paz	66
Escola Municipal Otelo de Souza Reis	70
Escola Municipal Montese	74
CIEP Maestro Heitor Villa-Lobos	78
Programa Amigos do Zippy: educação para a saúde emocional	82
7. Gestão, democracia e sustentabilidade	88
Escola Municipal Humberto de Campos	92
CIEP Anton Makarenko	96
Escola Municipal Haydéa Vianna Fiuza de Castro	100
8. Arte e cultura	106
Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida	110
Escola Municipal Estados Unidos	114
Projeto Mais Cidade: Rio, 450 anos de história	118
Referências	122
Anexos	126
Ficha Técnica	128

Siglas

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ASEC - Associação pela Saúde Emocional de Crianças
CEC - Conselho Escola-Comunidade
CIEP - Centro Integrado de Educação Pública
COPPEAD - Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CRAS - Centro de Referência de Assistência Social
CRE - Coordenadoria Regional de Educação
EDI - Espaço de Desenvolvimento Infantil
ETERJ - Escola Técnica do Rio de Janeiro
GED - Gerência de Educação
HPV - Papilomavírus Humano
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDERIO - Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MBA - Mestre em Administração de Negócios
MEI - Módulo Educação Infantil
Negha-Rio - Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro
NES - Núcleos de Educação em Saúde
NTICs - Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação
PEJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos
PME - Plano Municipal de Educação
PSE - Programa Saúde na Escola
R.N.B. - Reforçando Nossas Bases
SAFE - Sequenciado, Ativo, Focado, Explícito
SGA - Secretaria Geral de Alunos
SME-RJ - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
SESC - Serviço Social do Comércio
TICS - Tecnologias da Informação e Comunicação
UE - Unidade Escolar
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UPA - Unidade de Pronto Atendimento

Palavras Estrangeiras:

Banners: peças publicitárias em forma de bandeira; **Bottom:** broche; **Bullying:** assédio moral; **E-mail:** correio eletrônico; **Feedback:** retorno; **Folder:** folheto; **Games:** jogos; **Insight:** compreensão; **Internet:** rede mundial; **Mobile learning:** aprendizagem móvel; **Site:** constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações; **Software:** programa ou grupo de programas; **Workshop:** oficina;

Apresentação



O compromisso assumido com a garantia do ensino de qualidade nas escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, levou-nos a implementar, em 2009, o Programa Escolas do Amanhã, voltado para o desenvolvimento de ações específicas de fortalecimento de gestão, de melhoria de infraestrutura, de desenvolvimento de projetos, de envolvimento de famílias, de valorização do professor e equipes, e de mediação de conflitos, nas Escolas localizadas em áreas vulneráveis.

As 155 escolas que integram o Programa apresentavam realidades diferenciadas e necessitavam de um olhar que respeitasse as especificidades e particularidades de cada uma delas.

Hoje, passados sete anos, os resultados desse processo merecem ser comemorados e compartilhados com toda a sociedade. Esta publicação, portanto, vem em boa hora, contando-nos algumas experiências exitosas do Escolas do Amanhã e reconhecendo o esforço das pessoas que se uniram pela mesma causa: a Educação!

Neste processo, estabelecemos parceria com a UNESCO e contamos com o comprometimento das Coordenadorias Regionais, dos Diretores Escolares, dos Professores, dos funcionários, dos Pais, dos Alunos e de todos os que fazem a educação no Município, certos de que só pelo exercício da cidadania se construirá a verdadeira Escola do Amanhã.

Em vez de números e dados estatísticos, temos depoimentos emocionados, passando a limpo uma prática coletiva de educação. Relatos que falam de motivação, superação e vitórias. Experiências que recuperam o sentido da vida e o papel central da educação.

Como Secretária e profissional da educação, coloco-me à disposição deste grandioso Programa e conclamo todos os que fazem a educação a permanecerem juntos, perseguindo esse horizonte de emancipação humana e fortalecimento da democracia que se desdobrará em novos desafios.

Helena Bomeny
Secretária de Educação





O FÉO
Para o FÉO Todo dia
tenho alegre estudar
nesso chefo de vortade
aprender e de brincar.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
EScola de Souza Reis
RUA...
SANTO ANTONIO...
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
ESTADO DE SÃO PAULO

A E.M. O...
SOUZA RE...

ESCOLA É SOBRETUDO GENTE
PAULO FREIRE

RIO

RIO

RIO

RIO

RIO

RIO

RIO

RIO

RIO



Sistematizar experiências é um desafio político-pedagógico pautado na relação dialógica e na busca da interpretação crítica dos processos vividos. É um exercício rigoroso de aprendizagem, que colabora para a reflexão de diferentes experiências, implicando a identificação, classificação e ordenamento dos elementos da prática.

A sistematização utiliza a própria experiência como objeto de estudo e interpretação, possibilitando extrair lições e disseminar resultados. 99
(HOLLIDAY, 2006, p.7)

A presente publicação apresenta 18 experiências sistematizadas a partir das ações implantadas ao longo da execução do Programa Escolas do Amanhã, ocorrido entre agosto de 2009 e dezembro de 2015. Elas foram selecionadas para serem compartilhadas e replicadas, com o objetivo não só de melhorar o desempenho e os resultados dos alunos, mas proporcionar uma educação de qualidade nas escolas situadas nas comunidades que são foco do programa.

As 40 unidades escolares que participaram diretamente da Avaliação de Progresso do Programa Escolas do Amanhã, no ano de 2015, foram objeto de um levantamento visando a mapear experiências que seriam sistematizadas. Para fins desse levantamento, utilizaram-se várias ferramentas, como visitas às unidades escolares, entrevistas com diretores, organização de grupos focais e a realização de um *workshop* de sistematização de experiências, que aconteceu no Centro Cultural da Light em setembro último. A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro avaliou todo o material levantado e selecionou, ao fim, 18 experiências, depois organizadas e escritas para a produção desta revista.

As sistematizações aqui mostradas, em sua grande maioria, procuram resgatar o percurso de amadurecimento – em nível pedagógico ou de gestão – de algumas Escolas do Amanhã rumo a mudanças, mesmo em meio a um cenário de violência, incertezas e hostilidades. Os relatos revelam reflexões, desafios e análises críticas de situações, mas, sobretudo, lições e recomendações decorrentes de um valioso aprendizado.

Nosso desejo é que esses esforços que perduram no presente tragam ainda melhores conquistas no futuro e sejam fonte inspiradora para as demais escolas da rede de ensino do Município do Rio de Janeiro.

Dulce Angela Salviano da Silva

Consultora de Conteúdo de Sistematização de Experiências – UNESCO

As Escolas do Amanhã

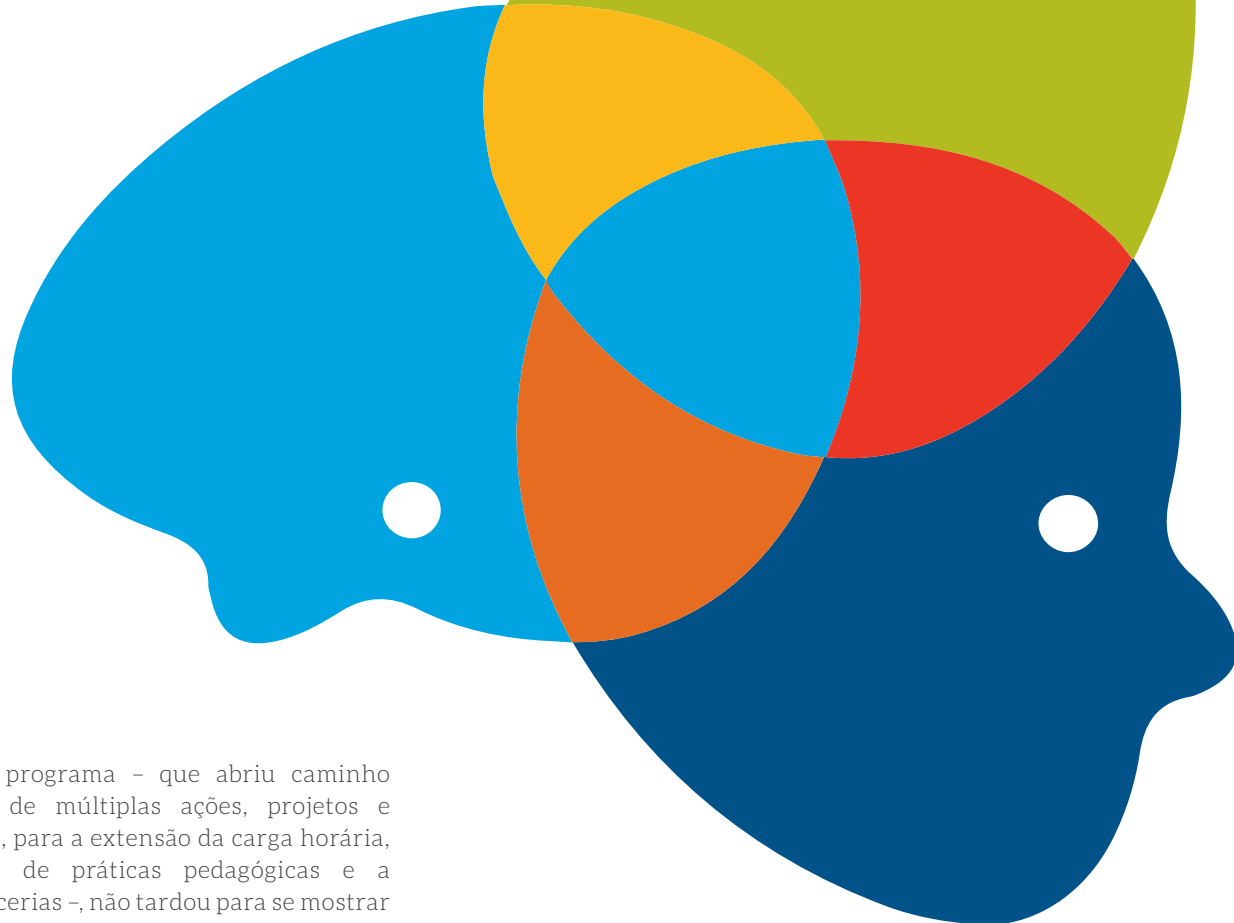
Introdução

A educação de qualidade é um direito fundamental do cidadão, de caráter universal, consagrado em diversas legislações brasileiras. Deve, portanto, ser assegurado pelo poder público, com o apoio da sociedade civil. Mas, em grandes municípios, como o Rio de Janeiro – que, além de seu porte, constitui uma referência cultural no país –, é essencial que a escola pública ofereça mais do que um sistema de ensino inclusivo e competente. Integrar os alunos à cidade é uma necessidade fundamental.

Com base nessa premissa, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro lançou uma iniciativa

estratégica em 2009, o Programa Escolas do Amanhã, cujos objetivos principais são a redução da evasão escolar e a melhoria do desempenho de alunos que frequentam escolas localizadas em regiões de alta vulnerabilidade social. Mais de 100 mil estudantes e cerca de cinco mil professores e gestores se beneficiam diretamente do programa, que engloba 155 unidades escolares, dispersas geograficamente, da maior rede municipal de ensino público da América Latina. Essas unidades sempre enfrentaram restrições de toda ordem, um severo déficit de recursos humanos e materiais e a falta de uma coordenação eficaz e efetiva.





A implantação do programa – que abriu caminho para a realização de múltiplas ações, projetos e atividades na escola, para a extensão da carga horária, o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas e a formalização de parcerias –, não tardou para se mostrar um empreendimento arrojado, aberto a inovações e bem-sucedido. O dinamismo, a instrumentalização das equipes, a maior participação das famílias e da comunidade, a integração das diversas disciplinas e a abordagem de temas transversais, dentre outras coisas, revigorou o ambiente escolar, garantindo uma mudança de atitude e novas possibilidades de implementar o processo de aprendizagem, dentro e fora da sala de aula.

Cinco pilares básicos são os sustentáculos do programa: educação em tempo integral, formas dinâmicas e instigantes de aprendizagem, atenção à saúde, participação da comunidade e implantação de uma cultura de resultados. Tais pilares, antes mesmo de serem incorporados à estrutura de funcionamento das escolas, são apreendidos por seu time de profissionais, que, assim, tomam ciência dos desafios que estão por vir e se preparam para lidar com uma proposta de atuação inovadora. Uma vez sensibilizados e munidos das ferramentas adequadas, os professores partem, então, para trabalhar a visão de mundo de seus alunos, ampliando-a a partir de reflexões, discussões em grupo, atividades interativas, iniciativas culturais, ações coletivas e ganho de conhecimento em diferentes campos do saber.

Como o propósito do programa não contempla apenas a potencialização dos resultados, muito esforço é empregado para produzir impactos positivos e mantê-los ao longo do tempo, com vistas a uma renovação concreta e duradoura do cenário escolar. Por isso, o que se privilegia nas programações e nos eventos são os interesses das crianças e jovens, suas vivências e

aspirações. Outra faceta importante do programa diz respeito ao seu legado. As Escolas do Amanhã, enquanto espaços multiplicadores de práticas sociais que dialogam com vários eixos das políticas públicas do Município do Rio de Janeiro – dentre elas, a da saúde e a da assistência social –, devem ser fonte de inspiração para muitas unidades escolares da rede municipal de educação e estimulá-las a repensar suas escolhas, seus vínculos e sua trajetória.

Cabe assinalar, por fim, que o êxito do Programa Escolas do Amanhã só pode ser mensurado à luz dos fortes obstáculos que se colocam em seu caminho, como o assédio do tráfico de drogas aos alunos no entorno das escolas, que contribui decisivamente para incrementar o índice de abandono escolar. Somem-se a isso as precárias condições de vida dessa parcela de estudantes, os conflitos decorrentes dessas condições e a violência que os assola (e da qual muitas vezes são vítimas) em seu local de moradia.

Portanto, a despeito das limitações do programa e da distância entre os ganhos planejados e as conquistas reais, podemos nos referir às Escolas do Amanhã como um marco relevante e afirmativo. Existe motivação por parte do corpo docente e equipe de gestores, persistência em direção a mudanças, registro de experiências que deixarão exemplos e, sobretudo, a aposta num modelo de escola mais próximo do ideal. O presente ainda é árduo, quem duvida? Mas, para algumas das Escolas do Amanhã, o futuro já chegou.





Oralidade, literatura e escrita

“

E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo tem andado a ensinar? ”

José Saramago (2002)

1

Oralidade, literatura e escrita

Boa parte do acervo literário de que dispomos hoje, especialmente aquele destinado à educação infantil e juvenil, nasceu sob influência direta das histórias orais, tradição passada de geração a geração, durante séculos, e que sobrevive até hoje, embora, quase sempre, com nova roupagem. Essas histórias orais, ao resgatarem a cultura de povos ancestrais e repassá-la com o propósito de difundir hábitos e costumes, cumpriram não só o papel de preservar a memória da humanidade, como colaboraram para o nascimento da literatura e a prática da escrita, ambas cada vez mais refinadas.

As narrativas orais têm suas raízes fincadas nas populações primitivas, nos primórdios da chamada civilização, período em que nossos antepassados só dispunham da oralidade como meio efetivo de se comunicarem e propagarem aos mais jovens seus valores, crenças e mitos. Eles costumavam também desenhar nas paredes das cavernas figuras alusivas às suas ações cotidianas e às lendas dos grandes guerreiros, deixando importantes registros de sua passagem no mundo através dos tempos.

Ainda nos dias atuais, os relatos orais continuam encantando os mais diversos públicos, dando vazão ao sonho, à fantasia e à criatividade e constituindo um poderoso instrumento de reforço ao ensino nas escolas. É

por isso que o Programa Escolas do Amanhã não poderia deixar de contemplar uma atividade tão essencial quanto a de contar histórias em sala de aula, que – sobretudo no contexto de um cenário de pobreza e extrema violência que cerca os alunos – assume o desafio de vincular os conteúdos metafóricos dos relatos a situações concretas do dia a dia, problematizá-los, fazer a classe pensar, discutir e buscar, coletivamente, eventuais alternativas para a transformação da realidade que vivenciam.

Tal estratégia tem como proposta retirar o aluno de seu campo tradicional de atuação e transportá-lo para um universo de abstrações no qual, com um certo distanciamento, ele consegue olhar, enxergar um passo adiante e refletir com mais calma e isenção sobre os acontecimentos à sua volta. Trata-se de um exercício que faculta aos estudantes, com a ajuda dos professores e dos próprios colegas, estabelecer um elo entre causas e consequências e entre passado, presente e futuro, com vistas à reconstrução do que já está posto.

A imensa riqueza e vastidão do arsenal literário à nossa disposição – com ênfase na literatura infanto-juvenil – traz infinitas possibilidades no que tange à propagação de histórias para grupos de crianças e adolescentes que vivem em situação de alto risco, exclusão e vulnerabilidade

social, de modo a ampliar seu repertório cultural e impactar positivamente sua vida escolar, familiar e suas relações na comunidade. Com o uso da palavra em todo o seu potencial, enquanto ferramenta que tanto remete à magia como nos coloca face ao terreno das coisas reais, a escola pode e deve abrir portas para desenvolver a percepção dos alunos, trabalhar seus sentimentos e emoções, aprimorar sua sensibilidade, repercutir questões relevantes (como ética, discriminação e preconceito, por exemplo) e estimular vínculos afetivos saudáveis, o que poderá ensejar melhoria na qualidade e nos resultados do aprendizado e nos relacionamentos internos e externos aos muros escolares.

Não é à toa que a escola se apresenta como local privilegiado de socialização e o mais propício a mudanças de pensamentos e comportamentos em favor da construção de uma sociedade mais harmônica e menos desigual. Não é à toa, também, que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro pensou acertadamente na adoção de um projeto de leitura e releitura de algumas obras literárias para as Escolas do Amanhã, com o claro objetivo de incentivar a troca de experiências em sala de aula, levantar uma usina de ideias e favorecer o compartilhamento de bons frutos, inspirando e motivando, assim, outras unidades escolares.



Ginásio Carioca Aldebarã

Reforçando Nossas Bases

Jeferson Farias da Silva,
Laísa Pontes e Marcos Soares

Nome da unidade escolar: Ginásio Carioca Aldebarã

Coordenadoria Regional: 10ª CRE

Título: *Reforçando Nossas Bases*

Autores da sistematização: Jeferson Farias da Silva, Laísa Pontes e Marcos Soares

Público-alvo: Alunos dos anos iniciais do 2º segmento (6º e 7º anos)

Período: Ao longo do ano letivo de 2015, com a chegada da nova gestão escolar

Comunidade: Antares, Santa Cruz – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Alfabetização, reforço, inclusão, apropriação, leitura, escrita

Campos de inserção da experiência: Literatura e escrita

Contato: emaldebara@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

O chamado Ginásio Carioca é um modelo de ensino inovador implantado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro em 2011 para as escolas de segundo segmento, sendo sustentado por três eixos: competência acadêmica, projeto de vida do aluno e educação para valores. Além das inovações pedagógicas, os Ginásios Cariocas apresentam desempenho melhor em relação à rede escolar. Somente no último IDERIO, dentre as 10 unidades escolares com melhores resultados, nove eram Ginásios Cariocas.



Antares, Santa Cruz - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Ao realizarmos avaliações diagnósticas de leitura e escrita com os alunos das séries iniciais do segundo segmento da escola, constatamos a necessidade da implantação de um projeto para superar os desafios e as dificuldades que tais alunos trouxeram de outras unidades escolares (UEs). O projeto deveria visar à superação da defasagem acumulada em anos anteriores, de modo que os estudantes pudessem se apropriar da prática da leitura e da escrita.

Nossa escola atende alunos de 11 a 17 anos que apresentam uma grave restrição de repertório e uma perspectiva de futuro bastante limitada. A maioria reside em comunidade bastante violenta, não se achando capaz, portanto, de introduzir mudanças em seu cotidiano.

Considerando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998, “o ensino da leitura deve contemplar elementos outros que o próprio texto escrito” (p. 90), como, por exemplo, o conhecimento prévio e a organização textual. Os diversos procedimentos adotados ao longo do processo de ensino-aprendizagem tendem a contribuir, também, para que o educando não seja apenas um mero reprodutor de mensagens e se torne um “sujeito leitor”, apto a atribuir significado ao que lê e a reconstruir esse significado.

Com base, então, no cenário que se desenhou em nossa

escola e em premissas de cunho pedagógico, decidimos priorizar, num primeiro momento, a alfabetização dos alunos selecionados na referida avaliação. Apenas assim eles seriam capazes de se tornar leitores autônomos e críticos e conseguiriam apreender os conhecimentos das demais disciplinas, como Matemática, Ciências e História, dentre outras.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A partir da avaliação realizada no início do ano letivo de 2015, que ocorreu com a chegada da nova gestão, foi implantado um conjunto de atividades relacionadas à Língua Portuguesa envolvendo leitura, escrita e interpretação de textos. Essa iniciativa foi articulada com outras disciplinas que, direta ou indiretamente, trabalham a linguagem, a análise e a interpretação dos fatos. Em função da sua natureza plurissignificativa, podemos dizer que a linguagem perpassa todos os campos do conhecimento; assim, todos os educadores, independentemente da área de atuação, têm a responsabilidade de formar leitores, ou seja, pessoas que desenvolvam a reflexão e a percepção, decodifiquem sons e imagens, caminhem com mais familiaridade pelo terreno da morfologia e da sintaxe, para construir sua própria compreensão do texto e adquirirem competência de leitura e escrita.



3. Procedimentos

Com o apoio dos professores de Língua Portuguesa, as educadoras responsáveis pelo reforço escolar, bem como as estagiárias, organizaram materiais pedagógicos diferenciados para cada necessidade apresentada por cada aluno, de forma a implementar um trabalho específico voltado à compreensão e à assimilação da disciplina pelo conjunto de alunos.

Vale destacar que, durante o período de construção das atividades, os próprios alunos participaram da elaboração e da avaliação dos materiais, compartilhando suas opiniões e ideias acerca dos melhores meios para superarem as dificuldades observadas. Esses meios abrangiam jogos, brincadeiras, discussões em grupo e a utilização de recursos tecnológicos.

4. Articulação de Parcerias

Considerada de suma importância, a parceria para viabilizar a experiência que está sendo relatada se deu entre a equipe de Língua Portuguesa da unidade escolar (professores Marcos Soares, Sônia Pourchet e Milena Pinho), a professora Therezinha Figueiredo, da Sala de Leitura, e as estagiárias Loanda Rufino e Michele Rufino. Todos eles demonstravam, desde o princípio, compromisso e disposição para melhorar o desempenho dos alunos.

5. Análise e Interpretação Crítica

O projeto funcionou além das expectativas gerais e alcançou melhorias concretas, mas, independentemente delas, ocorreram alguns contratemplos na operacionalização. Para que fossem evitados, seria fundamental

estabelecer um diálogo mais constante com os responsáveis pelos alunos, tendo em vista o acompanhamento das tarefas de casa e o envolvimento maior da família com o que era vivenciado pelos estudantes em sala de aula.

Observou-se que os alunos acompanhados mais de perto pelos responsáveis apresentaram uma evolução no desenvolvimento escolar, com impacto positivo nos resultados. Já aqueles que não tiveram a mesma acolhida e tampouco manifestaram interesse pelo projeto, mantiveram-se distantes dos objetivos almejados.

6. Lições Aprendidas

Os alunos que normalmente se sentiam aquém dos demais, diferentes e excluídos, passaram a se perceber, com o desenrolar do projeto, como indivíduos com o mesmo potencial e as mesmas habilidades dos colegas. Eles descobriram que dispõem de possibilidades iguais, bastando apenas saber aproveitar as oportunidades disponíveis e se dedicar à busca de uma vida melhor.

No que diz respeito à equipe escolar como um todo, aprendemos que, com um pouco de dedicação e cumplicidade, podemos idealizar e implantar com excelência os mais variados projetos, transformando, desse modo, o dia a dia dos alunos, de suas famílias e da comunidade local. Aprendemos ainda que, ao vestirmos a camisa da escola, também vestimos a camisa por uma educação melhor, uma comunidade melhor e um mundo melhor.

7. Recomendações

- A unidade escolar que for implantar projeto semelhante deve, em primeiro lugar, agendar uma reunião com sua equipe docente para captar o apoio de professores capacitados para tal finalidade;

- É de grande ajuda montar uma estratégia por meio da qual se possa perceber, claramente, quais alunos devem integrar o projeto, quais as necessidades peculiares de cada um, quais os recursos a serem utilizados e que horários aproveitar;

- A equipe de educadores deve buscar informações tanto com as unidades escolares que os alunos já frequentaram quanto com os responsáveis pelos estudantes;

- Convém criar uma sala específica para o projeto, para que os alunos não se sintam constrangidos ou mesmo diminuídos diante de terceiros no momento em que forem convidados a participar. De qualquer modo, gradativamente, eles precisam se sentir parte de uma mudança maior na unidade escolar, pois esse sentimento os levará, tal como o corpo docente, a abraçar o projeto, a incorporá-lo e a reconhecer seu valor individual e coletivo.

8. Fontes de Informação

- Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental;
- Entrevista realizada com o diretor da UE Jeferson Farias da Silva e a equipe da escola;
- Projeto “Reforçando Nossas Bases”.



Escola Municipal Ayrton Senna da Silva

Nossa Escola, Nossa História: escrevendo e soltando a imaginação

Mônica Azevedo da Silva, Vilma Maria Xavier
e Vivianey Cecy

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Ayrton Senna da Silva

Coordenadoria Regional: 8ª CRE

Título: *Nossa Escola, Nossa História: escrevendo e soltando a imaginação*

Autoras da sistematização: Mônica Azevedo da Silva, Vilma Maria Xavier e Vivianey Cecy

Público-alvo: Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental

Período: 2010

Comunidade: Taquaral, Bangu – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Texto, redação, produção, criatividade, sonhos, projetos, autoestima

Campos de inserção da experiência: Literatura e escrita

Contato: emassilva@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

Nossa escola funciona com cinco salas de aula e uma específica para leitura, atendendo 10 turmas que abrangem desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. O nome recebido pela unidade escolar é uma homenagem ao famoso piloto Ayrton Senna, que muito nos inspira em função do ideal de vida que manifestou: “Há um grande desejo em mim de sempre melhorar. É o que me faz feliz. Sempre que sinto que estou aprendendo menos, que a curva do aprendizagem está nivelando, então não fico muito contente. E isso se aplica não só no lado profissional, mas também no pessoal”.



Taquaral, Bangu - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Em 2010, a Escola Ayrton Senna da Silva ainda estava se adaptando a uma nova realidade, a de ser uma integrante do Programa Escolas do Amanhã. Tal condição representava promover uma série de projetos em Ciências e tecnologia, oficinas diversas no contraturno, aulas de percussão e também, dentre outras coisas, o resgate das histórias de vida, experiências e sonhos dos alunos, que não poderiam ser engavetados ou desperdiçados.

No próprio ano de 2010, a unidade escolar começou a se mobilizar para estimular atividades relacionadas à leitura e à escrita e despertar, assim, o interesse e o encantamento dos estudantes. Adotamos métodos para construir o conhecimento dos alunos a partir da valorização das vivências e da realidade de cada um, o que levou as turmas a buscarem se expressar por diferentes meios: redação, frase, carta, poema, desenho. Esse exercício se refletiu, favoravelmente, no campo da leitura, na criatividade e nas habilidades linguísticas, melhorando também a autoestima dos alunos e a qualidade das relações interpessoais no ambiente escolar. Envoltas em um clima de bem-estar e afetividade, as turmas começaram a traduzir seus ganhos nos resultados da aprendizagem.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Em 2010, trabalhamos com duas turmas de 5º ano, muito diversificadas com relação à faixa etária, desejos e sonhos. Em comum, porém, tinham o amor pela escola e a vontade de passar mais tempo ali.

Durante o ano letivo, produzimos vários textos, poemas e desenhos, além da participação em duas olimpíadas, uma delas a de Língua Portuguesa. Em vez de esse material ter o lixo como destino, o que normalmente acontecia, tivemos a ideia de elaborar um livro com todas as produções, entregues a cada aluno na festa de encerramento. Vale recordar que a escola se situa em área conflagrada e que, em função dos conflitos e das precárias condições locais, os alunos não eram incentivados a mudar, não acreditavam em suas potencialidades e não enxergavam perspectivas de futuro.

Mas, hoje, a maioria deles já está cursando o Ensino Médio, o que para nós é sinônimo de vitória. Volta e meia, muitos retornam à escola para relatar suas conquistas e sempre mencionam a frase que repetíamos diariamente em sala de aula como um mantra: “Eu quero, eu posso, eu consigo”. Essa pequena frase é uma mola propulsora de determinação, um motivo para acreditar, e permanece fonte de inspiração para os atuais alunos.

3. Procedimentos

A direção da escola tem como prática estimular a participação dos alunos em concursos de redação, porque isso funciona como um exercício extremamente benéfico tanto para o estudante como para a instituição escolar.

Quando resolvemos participar da Olimpíada da Língua Portuguesa, o tema era “O lugar onde vivo”, que deveria ser explorado no formato de um poema. Começamos a estudar, então, a estrutura do poema, a questão da rima, para que os alunos tivessem uma noção melhor de como construí-lo. Também falamos sobre a busca da inspiração e de como manifestar o nosso lado lírico, sobretudo em meio ao cotidiano. Conversamos e observamos, ainda, várias coisas a respeito das ruas, do bairro e da comunidade onde os alunos moram, para que a soma das informações e as trocas entre nós pudessem funcionar como ponto de partida para a tarefa de escrever.

Pedimos aos estudantes que, primeiro, criassem livremente, sem a necessidade de apresentar um texto na forma de um poema. Os textos foram corrigidos e, posteriormente, transformados em poesia e em desenho. Todo esse arsenal foi aproveitado no livro que produzimos depois e serviu de objeto de trabalho em nossas aulas e em oficinas de leitura da escola.

Os professores contaram com o apoio dos gestores para viabilizar o livro, pois esse projeto passou a ser um marco significativo para a comunidade escolar. Não foi à toa que o momento de entrega do material, durante a cerimônia de encerramento do ano letivo, ficou marcado nas nossas vidas. As pessoas se emocionaram muito, porque, além de os alunos terem enfrentado e vencido um desafio, eles estavam se despedindo, já que a unidade escolar atende só até o 5º ano.

De novo, ficou comprovado que podemos concretizar nossos sonhos. Basta perseverar: “Eu quero, eu posso, eu consigo”.

4. Articulação de Parcerias

Nossos grandes parceiros foram os monitores do Programa Mais Educação, que nos ajudaram na correção dos textos e orientação dos alunos, e especialmente as diretoras da escola Vilma Maria Xavier e Vivianey Cecy, que abraçaram nossa ideia e custearam a produção dos livros.

5. Análise e Interpretação Crítica

O contato do aluno com a literatura, desde cedo, é essencial para desenvolver sua imaginação, criatividade e familiaridade com a língua, dentre outros benefícios. Percebe-se, também, uma evolução gradativa na sua capacidade de produção de textos e de expressão oral. Daí a relevância das iniciativas que explorem, simultaneamente, a leitura e a escrita, duas práticas consideradas indissociáveis. Os estudantes e a escola só têm a ganhar no sentido de satisfação e de resultados concretos.

6. Lições Aprendidas

A maior delas cabe em poucas palavras: sonhos podem ser o ponto de partida para uma vida melhor e mais próspera. Foi muito gratificante acompanhar diariamente o esforço e a empolgação dos alunos e receber textos que ultrapassaram todas as nossas expectativas. A cada aula, revivíamos o nosso lema (“Eu quero, Eu posso, Eu consigo”) para avançar um pouco mais em direção às metas desejadas.

Uma outra lição veio da percepção de que os textos escritos pelos alunos demonstravam os seus verdadeiros sentimentos e, com isso, os liberavam para que dessem vazão ao seu potencial criativo e exercessem sua individualidade dentro do grupo. Por essa razão, a escrita passou a ser uma prática constante nas turmas.

Ressalte-se, ainda, que o Programa Escolas do Amanhã favoreceu muito o alcance do nosso propósito, pois, por intermédio dele, passamos a oferecer oficinas muito oportunas no contraturno e tivemos o reforço do Programa Mais Educação. A permanência dos alunos na escola por mais tempo permitiu o aprimoramento dos conhecimentos, a realização de atividades prazerosas e uma convivência mais harmoniosa, com impactos positivos nos índices do IDEB e do IDERIO.



7. Recomendações

- Guardar toda a produção de cada criança, pois tudo o que o aluno produz é muito importante para ele e, em alguns casos, para a família. No papel são depositadas histórias, revelações, emoções e esperanças;
- Criar um espaço na escola para expor as criações dos alunos;
- Confeccionar livros que contenham o material produzido ao longo do ano letivo, valorizando o aluno e demonstrando a importância de cada trabalho no percurso pedagógico.

8. Fontes de Informação

- Acervo da escola (Sala de Leitura);
- Acervo enviado pela Olimpíada da Língua Portuguesa (2010);
- Observações diárias dos alunos;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

CIEP Ministro Gustavo Capanema

Colcha de Retalhos

Maria das Graças Silva
e Carmen Lúcia Ferreira da Silva

Nome da unidade escolar: CIEP Ministro Gustavo Capanema

Coordenadoria Regional: 4ª CRE

Título: *Colcha de Retalhos*

Autoras da sistematização: Maria das Graças Silva e Carmen Lúcia Ferreira da Silva

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental

Período: 2º bimestre de 2015

Comunidade: Vila do Pinheiro, Maré – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Liderança, afeto, saudade, sentimentos, leitura, escrita

Campos de inserção da experiência: Literatura e escrita

Contato: ciepgustavo@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

O CIEP Ministro Gustavo Capanema situa-se no centro da Vila do Pinheiro, no bairro da Maré, zona norte da Cidade do Rio de Janeiro. É uma área de conflagração, marcada pela disputa de traficantes locais. A permanência de educadores na unidade escolar se deve aos fortes laços afetivos estabelecidos com a comunidade.

A escola tem uma característica bem interessante, pois o quadro de professores e o de funcionários datam da época de sua inauguração. Além disso, todos os gestores são oriundos desse quadro permanente. Isso tem oportunizado aprendizagens importantes para o exercício de uma gestão democrática e para o enfrentamento dos desafios cotidianos, potencializando os esforços de construção das mudanças que se fazem necessárias. Apesar das adversidades, o grupo se mantém unido em torno de ações coletivas, partilhando saberes e experiências.



Vila do Pinheiro, Maré - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Na Sala de Leitura, em um dado momento da hora do conto, percebemos o quanto é importante conhecer o aluno (saber como vive, o que pensa e o que o aflige) para conseguirmos intervir e alcançá-lo. É no instante do faz de conta que se tem a oportunidade de desvendar, de descobrir os sentimentos, frustrações, medos e afetos escondidos no coração e na mente dos nossos alunos, além de se poder resgatar as experiências vividas por eles, dentro e fora da escola, como estratégia para desatar nós na aprendizagem, trabalhando valores e estimulando a leitura e a escrita de forma lúdica.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Após a leitura do livro “A colcha de retalhos”, foi feita uma roda de conversa com as turmas. A proposta era que os alunos compartilhassem suas lembranças com os amigos, estabelecendo, assim, uma conexão com o sentimento expresso pelo personagem central no contexto da história. Na obra, o menino Felipe ajuda sua avó a fazer uma nova colcha, em meio a retalhos coloridos e desenhados, e os dois vão reunindo os pedaços e costurando lembranças juntos. A partir desse dia, Felipe passou a compreender algo até então desconhecido para ele: o sentido de saudade.

3. Procedimentos

Surpreendentemente, a história despertou o interesse das crianças em dividir suas experiências. Muitos relatos foram compartilhados no grupo, transmitindo a saudade de um familiar, de um bichinho de estimação, de passeios realizados com a família, de amigos etc. A certa altura, em uma das turmas, uma aluna chamou atenção. Ela estava bastante emocionada. Depois que a professora Maria das Graças se aproximou, a aluna chorou e revelou que sentia muitas saudades de sua mãe, que havia falecido quando ela tinha apenas quatro anos devido a uma grave doença. A emoção da menina contagiou os colegas e abraços foram trocados com a intenção de confortá-la. Todos se solidarizaram diante da intensidade do sofrimento demonstrado.

Aproveitando a roda de conversa, foi sugerido à turma que confeccionasse uma “colcha de retalhos” com os materiais produzidos e trabalhados por meio da releitura da história, da produção textual, da escrita espontânea, de desenhos e ilustrações.

Juntar os “retalhos” e formar a “colcha” oportunizou aos alunos um espaço de livre expressão de sentimentos profundos e, assim, vínculos foram resgatados (internos e externos). Além disso, as relações no grupo também saíram fortalecidas.

4. Articulação de Parcerias

A experiência foi desenvolvida com a professora da Sala de Leitura, sem o apoio de parceiros.

5. Análise e Interpretação Crítica

A atividade gerou uma grande participação e entusiasmo por parte dos alunos, com algumas variações em função do perfil das turmas. Mas, de um modo geral, tanto alunos quanto professores vivenciaram momentos de reflexão e, ao mesmo tempo, mágicos e divertidos

6. Lições Aprendidas

A experiência abriu caminho para muitos pensamentos e sentimentos inesperados. Como não havia um roteiro estabelecido, não esperávamos encontrar na turma alguém com um sentimento tão recolhido e intenso. Em virtude disso, pudemos perceber o outro lado de uma menina de aparência calma, compenetrada e atenciosa.

E, do mesmo jeito que aconteceu com ela, deveria haver outras crianças carregando mágoas, dores e conflitos sem dar pistas.

Essas crianças, muitas vezes, não se manifestam mais abertamente porque não têm com quem se abrir, com quem falar de suas angústias, tristezas e até alegrias. Mas, de repente, alguma coisa toca o coração delas e tudo vem à tona. No caso da aluna, o *insight* se deu a partir da palavra saúde, sentimento que machuca, ainda mais quando se é criança e se sabe tão pouco da vida.

No final, foi uma bela lição. Depois de anos de magistério, o educador percebe que ainda é preciso estar atento, observar os alunos de perto e compreendê-los mesmo sem palavras.



7. Recomendações

- Professores, gestores e família devem estar alertas para enxergar, escutar e acolher as crianças. Na correria do dia a dia, é comum não dedicar a elas a atenção especial e o cuidado que merecem.

- Os educadores devem pensar e planejar dinâmicas que permitam ir além do cotidiano da sala de aula. Às vezes, mesmo uma simples atividade, como a de contar histórias, pode conectar o aluno a conteúdos ocultos que estejam lhe prejudicando e bloqueando sua aprendizagem. Talvez mergulhando, a criança possa depois emergir e se sentir mais leve e livre.

- A diversidade de experiências é uma questão interessante, porque elas tanto podem liberar emoções e divertir quanto tornar os alunos mais críticos, atuantes e colaborativos. São caminhos diferentes, mas válidos e complementares. Toda experiência tem o seu valor.

8. Fontes de Informação

- Livro “A colcha de retalhos”, de autoria de Conceil Corrêa da Silva;
- Registros do CIEP;
- *Workshop* de sistematização de experiências.



CIEP 1º de Maio

Projeto de Leitura e Escrita

Sheila Mara do N. da Silva, Simone Alcântara,
Sandra Regina D. Costa e Elaine Soares de Souza

Nome da unidade escolar: CIEP 1º de Maio

Coordenadoria Regional: 10ª CRE

Título: *Projeto de Leitura e Escrita*

Autoras da sistematização: Sheila Mara do N. da Silva, Simone Alcântara, Sandra Regina D. Costa e Elaine Soares de Souza

Público-alvo: Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental

Período: 2º semestre de 2015

Comunidade: Antares e Rolas, Santa Cruz - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Leitura, escrita, leitores, livros, apropriação, aprendizagem

Campos de inserção da experiência: Literatura e escrita

Contato: ciepmaio@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

O CIEP 1º de Maio acredita que o interesse pela leitura deve ser estimulado desde cedo, transformando-se num hábito prazeroso. Quanto mais precoce for o contato do aluno com os livros, maior a probabilidade de se tornar um leitor assíduo. Por isso, a unidade escolar implantou o Projeto de Leitura e Escrita nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Ele visa não só ao lazer, mas à melhoria dos índices de alfabetização e ao aprimoramento da expressão oral e escrita das crianças, colaborando para uma educação de qualidade.

O projeto atende a uma das metas previstas no planejamento do CIEP, já que a leitura é considerada uma ferramenta educacional essencial, capaz de gerar ganho de repertório e desenvolvimento cognitivo.



Antares e Rolas, Santa Cruz - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Nossa escola está situada na favela de Antares, no bairro de Santa Cruz, zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Apesar da violência da área e dos seus baixos índices de desenvolvimento humano (IDH), o CIEP 1º de Maio vem exibindo, nos últimos anos, um dos melhores índices de alfabetização da rede municipal de ensino.

Isso se deve, em grande parte, ao Projeto de Leitura e Escrita, que valoriza e dissemina o gosto pela literatura, levando os alunos a se apropriarem, gradativamente, de novos conteúdos e a aperfeiçoarem sua comunicação oral e escrita. Dessa forma, busca-se consolidar o processo de alfabetização até o 3º ano, de forma lúdica.

Para enfrentar os desafios que se apresentam, a unidade escolar implementa estratégias de monitoramento da aprendizagem por meio da introdução de atividades significativas, divertidas e inovadoras na rotina pedagógica dos alunos, lançando mão de diferentes recursos disponibilizados pelo Programa Escolas do Amanhã.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Desde o início do projeto, a proximidade com o universo literário e a exploração de seus elementos proporcionaram às crianças um ambiente mágico, de incentivo à imaginação e à criatividade, fortalecendo o pensamento reflexivo dos alunos e os aspectos estruturantes da

linguagem oral e escrita. “Cabe na mala”, por exemplo, foi uma das obras utilizadas para abriremos as portas do mundo do faz de conta.

Com relação a esse livro especificamente, os professores conseguiram atrair tanto a atenção das crianças como a participação das famílias no projeto, fazendo brotar nos alunos o gosto de ler, ouvir e vivenciar histórias.

3. Procedimentos

Depois que as turmas de 1º ano ouviam uma determinada história selecionada para o projeto na Sala de Leitura, desenvolvia-se um trabalho voltado para a alfabetização com base em palavras-chave retiradas daquela história. Procurava-se abordar não apenas o significado de cada palavra, mas outras questões relativas ao livro. Em “Cabe na mala”, obra já mencionada, perguntamos às crianças para que serve uma mala, onde a usamos, que formatos pode ter, o que carregamos etc. Todas as percepções e impressões foram registradas e posteriormente expostas em sala de aula.

Fizemos também com os alunos um exercício de correlação entre a mala e o coração, no qual eles apontaram que a mala carrega objetos e o coração, sentimentos. Assim sendo, nosso coração seria a “mala” do nosso corpo. A partir dessa metáfora, as crianças iniciaram uma “viagem do pensamento” para resgatar memórias

marcantes: acontecimentos, lugares, sentimentos, aprendizados... Solicitamos, então, que tentassem se lembrar de experiências adquiridas em viagens com a família, mencionando o que se deve levar na bagagem, o que se pode carregar dos lugares visitados, o que vale a pena desfrutar... A partir daí, diversas atividades foram propostas, como a construção de uma grande “mala”, onde se depositaram sentimentos; a elaboração do inventário de objetos transportados; jogos com o alfabeto móvel; ditado mudo; escrita espontânea; e recorte e colagem.

Como reflexo dessas atividades, estabelecemos algumas novas práticas no CIEP 1º de Maio. Dentre elas, a imersão em outros títulos além daqueles da Sala de Leitura e do Programa Escolas do Amanhã; a organização de momentos para produzir e contar histórias (sejam crônicas, contos, lendas, fábulas etc.); o apoio às crianças na fase inicial de aprendizagem da escrita; o estímulo constante aos alunos para análise e resolução de problemas; e a oferta de livros e outros materiais para a criação de um cenário escolar propício à leitura. Tudo isso, somado, potencializou o uso do espaço do CIEP como ambiente alfabetizador.

Mas não paramos por aí. Ainda expusemos em murais, por exemplo, listas com nomes próprios, cartazes de vários tipos e as produções textuais dos alunos. Além disso, levamos a contação de histórias para turmas de outras séries, onde os próprios alunos são os contadores; realizamos a Ciranda Literária; recriamos com os alunos o final das histórias, promovendo mudanças para incentivar a criatividade; e montamos peças teatrais e dramatizações relacionadas aos conteúdos das leituras.

Não há dúvida de que essa multiplicidade de ações e estratégias, executadas de modo contínuo e inseridas na rotina pedagógica da escola como parte do processo de ensino-aprendizagem, atraiu o interesse dos alunos e também inspirou suas famílias. Disso resultaram mais entusiasmo, autoestima e autoconfiança das crianças, maior interação entre os alunos e entre as turmas e o reforço do trabalho em conjunto, consolidando uma aprendizagem significativa.



4. Articulação de Parcerias

Nosso projeto se concretizou pelo alinhamento de toda a equipe docente do CIEP 1º de Maio, com destaque para os esforços da professora da Sala de Leitura, Elaine Soares de Souza. Fomos todos parceiros nesse empreendimento coletivo.

5. Análise e Interpretação Crítica

Avaliamos a experiência como bem-sucedida, pois atingiu os principais objetivos propostos: incentivo à leitura e à escrita, aquisição de vocabulário por parte dos alunos, estímulo à criatividade, suporte às crianças para a resolução de problemas, aproximação com as famílias e vivência de princípios e valores éticos e morais na escola.

Entretanto, alguns alunos mais infrequentes demonstraram dificuldades ao longo do projeto. Para ajudá-los, a unidade escolar implantou rotinas de acompanhamento e monitoramento da frequência, bem como manteve contato permanente com as famílias a fim de compreender e tentar contornar os motivos das faltas. Fizemos reuniões periódicas com os responsáveis para reforçar o diálogo e também procuramos nos aproximar mais da comunidade. Além disso, buscamos dar mais visibilidade à produção dos alunos, com o propósito de reconhecer e valorizar o papel de cada um no dia a dia da escola. Como consequência, o CIEP alcançou uma grande conquista: vem conseguindo diminuir e até mesmo zerar a evasão escolar.

6. Lições Aprendidas

Apesar de nossos alunos morarem em áreas conflagradas e terem uma experiência de vida maior do que muitas crianças de sua idade, eles ainda carregam inocência, sonhos e a vontade de conhecer outras formas de ser e de estar no mundo, o que deve ser motivo de cuidado e análise por parte dos professores e valorizado no processo pedagógico.

Dentre as diferentes atividades oferecidas no CIEP, aquelas que envolvem literatura certamente permitem um aprendizado rico, de caráter interdisciplinar, que abre caminho para reflexões e novas descobertas e ainda possibilitam trabalhar emoções e sentimentos, contribuindo para transformações pessoais, coletivas e no ambiente escolar.

Por meio de obras literárias, mesmo quem nunca saiu do seu lugar de origem consegue chegar a terras distantes e conhecer outras realidades muito distintas da sua, o que



pode representar ampliação de repertório, aguçamento da curiosidade, campo de visão mais apurado e exercício do senso crítico, passos importantes para a concretização de mudanças.

Cabe destacar, por fim, a importância de se perceber as peculiaridades de cada aluno, ainda que, muitas vezes, o cenário violento e hostil ao redor da escola interfira na normalidade escolar e dificulte a aproximação com o aluno e a apreensão das diferenças. No entanto, quanto mais as particularidades forem observadas e consideradas, melhor o desempenho a se esperar.

7. Recomendações

- A prática da leitura deve ser intensamente incentivada como forma de desenvolver habilidades e impactar positivamente ideias e comportamentos dos alunos. No entanto, seu aspecto lúdico não deve ser negligenciado, sobretudo se o foco forem crianças menores;

- As atividades de estímulo à leitura e à escrita devem ser planejadas e se adequarem ao cronograma escolar. O ideal é que os conteúdos sejam explorados de forma interdisciplinar e todos os professores se envolvam com as ações propostas;

- É fundamental que o aluno vivencie valores importantes para a sua formação e que amplie sua capacidade de imaginar, criar e buscar soluções para os desafios, o que é facilitado pelo acesso ao vasto e rico mundo da literatura;

- Vale a pena investir na parceria com as famílias, de modo a envolvê-las efetivamente no processo de apropriação da leitura e escrita por crianças das classes de alfabetização;

- Convém dedicar um horário para que os alunos possam relaxar e, assim, se prepararem melhor para desfrutar das experiências com leitura e escrita. Isso pode ser feito logo na chegada à escola, com as crianças sendo recepcionados com música, num clima de alegria;

- É necessário avaliar o perfil de cada turma e pesquisar suas preferências literárias, bem como expor as produções dos alunos em murais da escola e na sala de aula para estimular sua participação nas atividades.

8. Fontes de Informação

- Proposta pedagógica da unidade escolar;
- Livro "Cabe na mala", de autoria de Ana Maria Machado e Claudius;
- Acervo da Sala de Leitura;
- LIMA, E.S. *Quando a criança não aprende a ler e escrever*. São Paulo: Sobradinho, 2003.
- Planejamento do CIEP 1º de Maio;
- Visita à escola feita pela consultoria de sistematização de experiências;
- Entrevista com os docentes e gestores da unidade escolar;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

2



O mergulho das Ciências

2

O mergulho das Ciências

A apropriação de conteúdos relacionados ao ensino das Ciências nas escolas é fundamental para que os alunos se sintam mais preparados a compreender e a tentar responder a inúmeras situações que surgem inevitavelmente no dia a dia do processo de aprendizagem e da própria dinâmica social. Quanto mais acesso e mais familiaridade com informações científicas, mais os estudantes conseguirão desenvolver uma conduta rigorosa no campo do pensamento e da ação, que impõe o constante questionamento dos fatos e representa um verdadeiro exercício para o apuro do senso crítico. Do domínio do conhecimento científico nascem as condições para o aluno também manejar a conquista dos seus direitos de cidadania e, mais do que isso, exercê-los de modo efetivo.

Sem dúvida, o estudo das Ciências é um grande aliado do avanço tecnológico e sempre caminha ao seu lado, com indiscutível influência de ambos nas mais diferentes áreas, como a da cultura, da economia e da política. Agir segundo ensinamentos de cunho científico, portanto, pressupõe que os alunos estejam igualmente sintonizados com os ditames tecnológicos e cientes do quanto essas duas esferas do conhecimento instigam o ser humano a mergulhar e a intervir em seu meio ambiente.

Desde muito cedo, ainda na educação infantil, a escola deve começar a investir na educação científica de seus

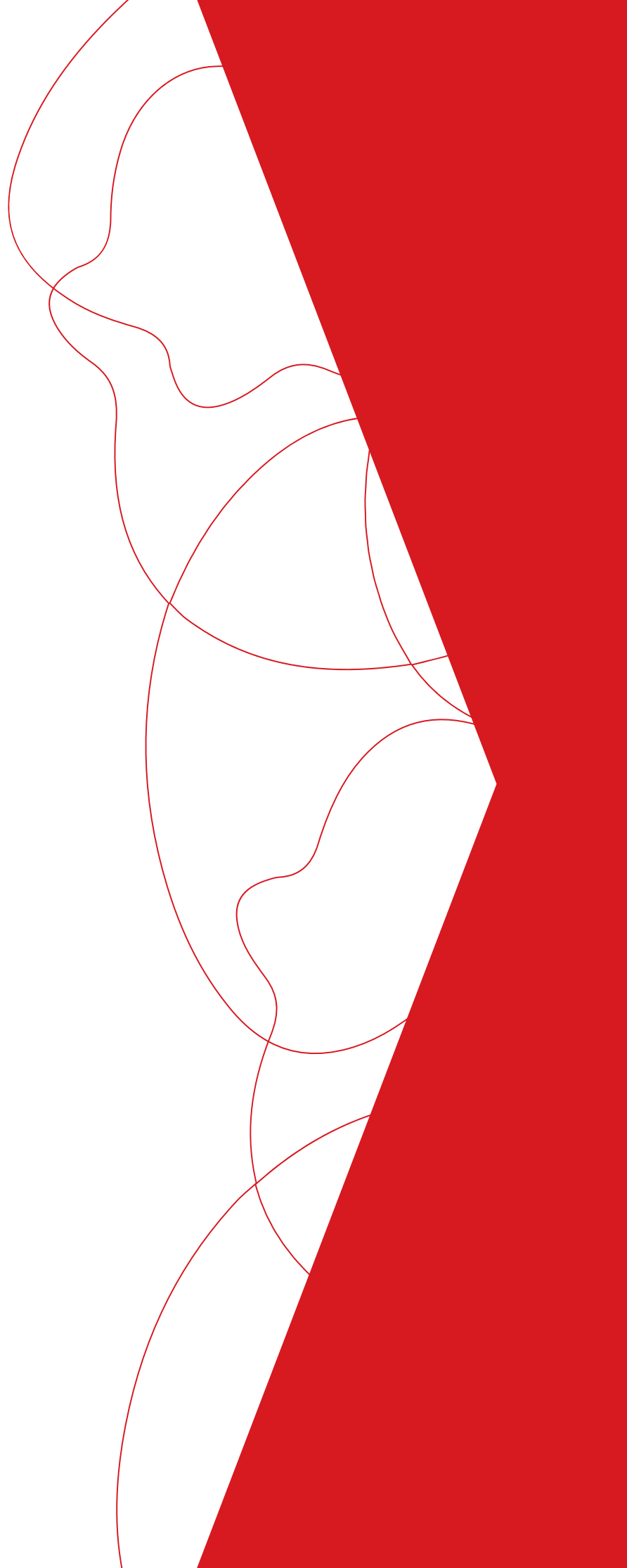
alunos, instrumentalizando-os com materiais adequados para que possam conhecer os princípios que regem o saber científico e admirar a grandiosidade dos seus achados, sendo impulsionados e instigados, gradativamente, a observarem os fatos com isenção e a participarem também da elaboração de hipóteses e de novas produções da ciência. Afinal, a escola ministra aulas dessa disciplina para que os estudantes não só aprendam sobre os elementos e fenômenos da natureza, mas sobre a relação entre eles e a ação do homem – e saibam que, a qualquer tempo e lugar, todos são livres para optar entre preservar ou destruir o ambiente onde estamos inseridos.

Convertendo-se num local estimulante para descobertas, que desafie e atraia para si o interesse dos alunos, a escola pode vir a configurar um verdadeiro laboratório de problematizações no terreno da ciência e transformar a mera curiosidade de crianças e jovens em ferramenta para alavancar a aprendizagem. Mas, para tanto, tem que existir como um espaço de liberdade, mobilizador, voltado para as necessidades concretas de sujeitos que, às vezes, carregam uma série de limitações, mas que podem superá-las, e que trazem o potencial de se viabilizarem como sujeitos ativos, autônomos e arquitetos de suas próprias opiniões, avaliações e realizações.

Os preceitos da matéria de Ciências atendem, diretamente, à formação de um aluno mais apto a capturar e a produzir

conhecimento e, ao mesmo tempo, a estruturar uma visão mais ampla, detalhada e complexa acerca do que integra o mundo em sua vasta capilaridade. Essas novas capacidades, por outro lado, são muito importantes para estabelecer e fundamentar o diálogo das Ciências com outros campos do saber, por meio da abordagem de temas transversais – entre eles, a saúde do planeta, a sustentabilidade e a cultura de paz, que constituem assuntos afins.

O perfil de aluno que o ensino das Ciências fomenta é, em certa medida, o de um pesquisador, uma vez que o espírito científico incita o indivíduo a ser mais motivado e curioso diante dos acontecimentos, a buscar a razão de tudo o que sucede na natureza, a analisar os fatos com mais perspicácia, a desconfiar do óbvio, a desenvolver novas aptidões e habilidades, a estudar os assuntos mais a fundo, a tecer abstrações, a apurar seu raciocínio lógico, a trilhar novos caminhos, a enxergar mais longe, a buscar vivências transformadoras, a não ter medo de experimentar, a refletir antes de criticar, a escutar e aprender com outras pessoas, a investigar o que ainda permanece obscuro, a prosseguir em direção a respostas, a tomar decisões baseado em informações e dados confiáveis, a adotar atitudes de cuidado e autoconfiança, a sonhar mais alto, a pensar no bem-estar coletivo e, especialmente, a encarar o mundo como um cenário dinâmico, em permanente movimento, no qual o homem que o habita pode transformar e transformar-se.



Escola Municipal Tenente Góes Monteiro

Projeto Horta

Ana Cláudia Marques Henriques
e Antônio Carlos Carvalho da Costa

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Tenente Góes Monteiro

Coordenadoria Regional: 9ª CRE

Título: *Projeto Horta*

Autores da sistematização: Ana Cláudia Marques Henriques e Antônio Carlos Carvalho da Costa

Público-alvo: Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Período: De 2012 até os dias atuais

Comunidade: Jardim Nossa Senhora das Graças (Carobinha) – Coqueiros, Santíssimo – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Cultivo, horta, saúde, cooperação, atividade diferenciada

Campos de inserção da experiência: Ciência na escola

Contato: emtmonteiro@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal Tenente Góes Monteiro fica no bairro de Santíssimo, numa área tipicamente rural, e por isso, a direção da escola abraçou o projeto Horta, incluindo-o em seu Plano de Gestão. Trata-se de uma proposta pedagógica interdisciplinar que busca estimular hábitos alimentares saudáveis, produzir alimentos para enriquecer a merenda escolar, construir conhecimento relacionado ao meio ambiente, articular saberes de diversas áreas com a prática do cultivo da horta e, ainda, valorizar o trabalho em equipe. Acreditamos no aprimoramento do desempenho dos alunos por meio de uma melhoria da qualidade de vida.



Jardim Nossa Senhora das Graças (Carobinha) - Coqueiros, Santíssimo -
Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

A área disponibilizada para a horta situa-se nas dependências da escola. O processo de transformação do espaço foi planejado e executado coletivamente por alunos, professores e demais funcionários.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Um dos funcionários, o Sr. Antônio Carlos Carvalho da Costa, servente da escola, já tinha o hábito de cultivar em casa alguns alimentos e foi quem nos inspirou a adotar a mesma prática na unidade escolar. O Projeto Mais Educação ajudou a alavancar a ideia, oferecendo oficinas para conscientizar nossos alunos sobre a importância de uma alimentação saudável. Afinal, tudo começa pela educação ou passa por ela. É a educação quem modifica pensamentos e atitudes, gera um convívio mais harmonioso e reconstrói a realidade.

Hoje, graças à iniciativa, nossa unidade escolar obtém grande variedade de alimentos a baixo custo e prepara merendas mais consistentes e balanceadas.

3. Procedimentos

Para conquistar o comprometimento dos alunos com o projeto, solicitou-se que trouxessem garrafas plásticas para a decoração dos canteiros. O funcionário designado para colaborar, o mesmo Sr. Antônio, repassou aos estudantes conhecimentos sobre técnicas de manuseio do solo, a relação entre solo, água e nutrientes, os métodos de adubação e a colheita de alimentos. A partir daí, foram plantados diversos alimentos, como alface, salsa, couve, coentro, cebolinha e tomate.

As atividades planejadas no projeto envolveram não só o aprendizado em campo, mas o desenvolvimento de conteúdos com base nos conceitos explorados em sala de aula. Também foram enfocados a organização do espaço para o plantio, a disponibilização de materiais (como ferramentas, adubos e sementes), o preparo do solo (virar a terra, adubar etc.), a construção dos canteiros, a semeadura, o cultivo propriamente dito, o acompanhamento do crescimento da horta, a colheita, a entrega dos alimentos na cozinha da escola e a preparação de saborosas merendas. Os alunos sempre celebram o momento da colheita, assumindo o compromisso de compartilharem em sua comunidade aquilo que aprenderam.

4. Articulação de Parcerias

A experiência sempre teve o apoio da direção e da coordenação pedagógica da escola, que participam do planejamento das atividades curriculares do projeto e ajudam a estabelecer uma ponte com diversas áreas disciplinares. Outra importante colaboração vem do Projeto Mais Educação, por intermédio da realização de oficinas, e, ainda, das mães voluntárias, que divulgam a iniciativa na comunidade.

5. Análise e Interpretação Crítica

O Projeto Horta trouxe muitos benefícios à saúde dos alunos, além de ser um excelente recurso pedagógico, pois permite a transmissão de conteúdos de forma lúdica. Destaque-se, ainda, a importância do envolvimento direto dos estudantes em todo o processo: no preparo dos canteiros e do solo, no plantio, na colheita e na preparação das hortaliças para a merenda. Com esses ganhos, a escola pôde modificar sua rotina e vivenciar um novo cenário, para o qual ela mesma abriu as portas.

6. Lições Aprendidas

Quando estimulados e orientados, os alunos manifestam interesse e gosto em cuidar dos espaços escolares como se fossem seus. A horta é um bom exemplo. Eles também demonstram capacidade de assumir responsabilidades e de desenvolver novas habilidades, muitas delas alheias ao seu dia a dia.

Foi notória a alegria que o projeto gerou para os alunos desde a criação do canteiro. Todos compreenderam o valor da cooperação, do esforço coletivo e de uma nutrição saudável e ainda puderam dividir seu aprendizado com familiares e membros comunitários.



7. Recomendações

- É oportuno e conveniente que as escolas instituíam e preservem um projeto de criação de uma horta, uma vez que a iniciativa ultrapassa os limites da teoria e promove uma vivência muito útil e enriquecedora para alunos e professores, sobretudo nos tempos atuais, em que a preocupação com a saúde, com a subsistência, com o meio ambiente e a sustentabilidade estão em pauta.

- As ações do projeto podem e devem ser vinculadas a algumas outras, como, por exemplo, a de produção textual (para relatar o cotidiano, a evolução e os desafios da experiência) e a de produção artística em geral (para expressar a vivência dos alunos por meio de desenhos, pinturas, maquetes, construção de objetos etc.).

8. Fontes de Informação

- Registros e relatos dos participantes do projeto;
- Arquivos da Escola Municipal Góes Monteiro;
- *Workshop* de sistematização de experiências;
- Plano de Gestão.



3



O sentido da tecnologia e da inovação

3

O sentido da tecnologia e da inovação

Não é de hoje que os benefícios decorrentes do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no campo do ensino são amplamente reconhecidos, mas o que ainda se discute é a forma de utilizar tais recursos com criatividade, eficiência e em todo o seu potencial, de modo a tornar os conteúdos das aulas mais atraentes e a incrementar também o desempenho escolar. As instituições escolares como um todo se veem diante da necessidade de integrar a tecnologia, cada vez mais, ao dia a dia do aprendizado dos alunos, o que vem exigindo, dentre outras coisas, o desenvolvimento de novas competências e habilidades por parte de professores, coordenadores e gestores.

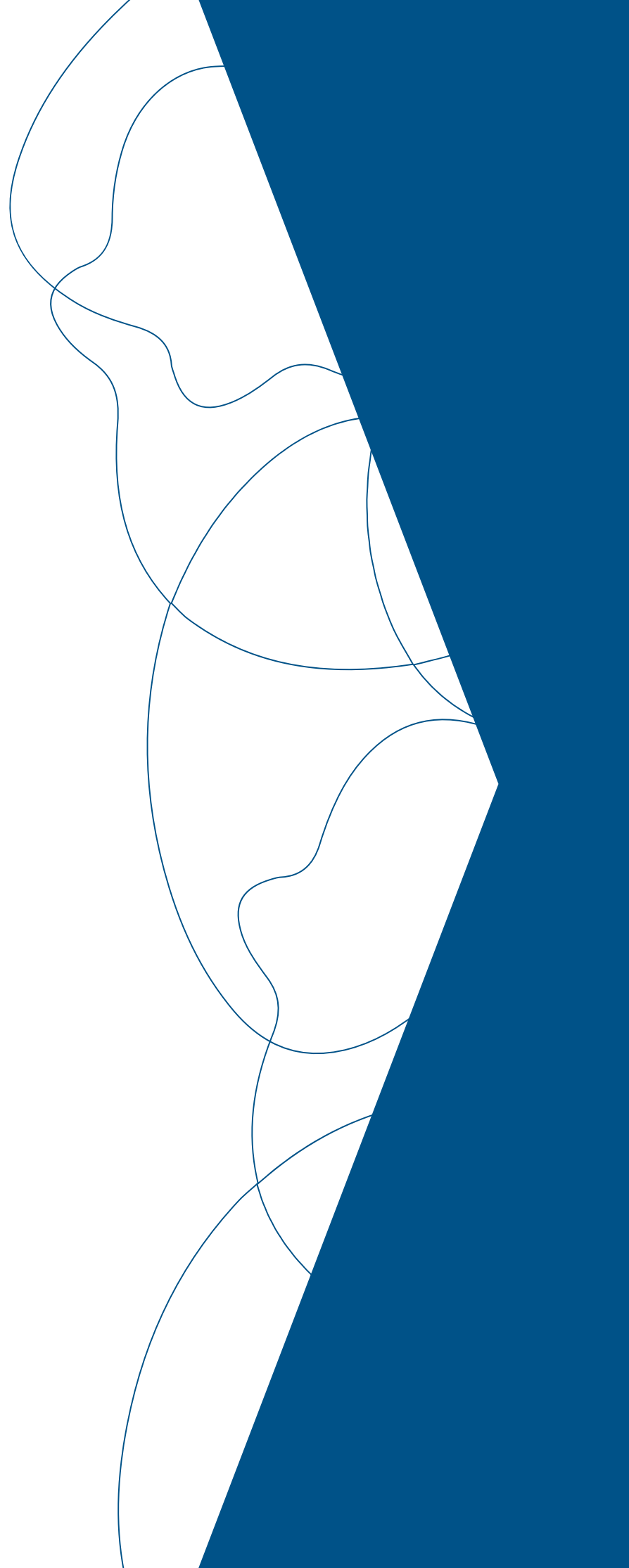
Contudo, a despeito dos desafios, os dispositivos tecnológicos têm se revelado grandes aliados dos educadores brasileiros não só na sala de aula, mas na promoção de projetos e programas e na implementação de ações e estratégias. Por isso, os responsáveis pela elaboração de políticas educacionais estão investindo em iniciativas para concretizar a aplicação das TICs no ambiente escolar. Exemplos disso são as modalidades para aprendizagem móvel (*mobile learning*), utilizadas em educação a distância, os diversos tipos de jogos (*games*) e a tecnologia de ponta que proporciona a chamada “realidade aumentada”, com vários aplicativos. Um deles permite, inclusive, a interação de objetos reais; outro, oferece a possibilidade de confrontarmos a imagem de um mesmo local em diferentes épocas.

Modernidade e praticidade à parte, o que precisamos nos perguntar, antes de mais nada, é se todos esses recursos dinâmicos e avançados podem fazer a diferença no caso de alunos que ainda precisam avançar muito em termos de uma consciência reflexiva e crítica em relação à realidade. Além disso, quais ganhos de natureza pedagógica podemos esperar, efetivamente, de equipamentos tecnológicos, por mais inovadores e úteis que se apresentem? Respostas para tais perguntas não podem deixar de considerar alguns aspectos de fundamental importância. Em primeiro lugar, a conveniência de que todo professor exerça o papel de mediador entre o aluno e a tecnologia; em segundo, a necessidade de que a escola selecione os meios tecnológicos mais adequados para ajudá-la a concretizar sua proposta político-pedagógica.

Embora a lista de questões a serem levadas em conta pelas escolas no quesito tecnologia vá muito além desses dois itens, cabe ressaltar que, independentemente de quaisquer fatores ou circunstâncias, o emprego da tecnologia no terreno da educação já é um fato concreto e alunos de qualquer nível, lugar, procedência e perfil, como os do Programa Escolas do Amanhã, têm direito a usufruir do que ela propicia. É com base nesses argumentos que os educadores brasileiros se mobilizam, já, há algum tempo, para rever e complementar a legislação brasileira que trata da inserção dos dispositivos tecnológicos como estrutura de apoio às práticas pedagógicas em geral e à aplicação de provas do sistema oficial de avaliação.

Sabe-se que a privação financeira, aliada a muitas outras condições de vida, podem limitar o pleno aproveitamento escolar de milhares de alunos no país, impedindo que vivenciem experiências significativas para seu crescimento pessoal, familiar e social e gerando a falta de perspectivas. Mas cabe à escola, especialmente na figura do professor, apresentar aos alunos todas as formas viáveis de encarar e superar essas lacunas. Uma boa parte do enfrentamento desses desafios pode surgir da tecnologia. Quando usada para fins específicos, com finalidades previamente estabelecidas, seus resultados podem ser surpreendentes. A tecnologia se presta não só a motivar, como também, em muitos casos, a simplificar e agilizar, encurtando o caminho entre o estágio em que o aluno se encontra e aonde quer chegar.

A correta utilização de instrumentos tecnológicos na escola, se conduzida com o auxílio do professor, pode fortalecer a busca pelo conhecimento, o aumento de repertório dos alunos, as trocas de ideias dentro e fora da sala de aula e o compartilhamento de boas práticas. Lidar com equipamentos digitais, por mais complicados que possam parecer à primeira vista, não é segredo e nem representa a tarefa maior dos educadores. O principal é elaborar uma proposta educativa a ser implementada na escola e desenhar um trajeto para viabilizá-la. Nisso, com certeza, a tecnologia também pode ajudar.



Escola Municipal Thomas Jefferson

Parceria de Sucesso

Lillian Trindade Machado
e Alessandra Carvalho Oliveira

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Thomas Jefferson

Coordenadoria Regional: 6ª CRE

Título: *Parceria de Sucesso*

Autoras da sistematização: Lillian Trindade Machado e Alessandra Carvalho Oliveira

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil ao 6º ano do Ensino Fundamental

Período: 2013 até os dias atuais

Comunidade: Final Feliz, Acari – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Parceria, sucesso, educação

Campos de inserção da experiência: Tecnologias e inovação

Contato: emjefferson@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A escola está situada no bairro de Acari, rodeada de comunidades violentas, e recebe uma população muito pobre. No mesmo bairro, fica o Centro de Distribuição da C&A, que possui um braço social voltado para ações com e para a infância.

O Instituto C&A buscou a Escola Thomas Jefferson em 2013 para propor uma parceria. Além de patrocinar melhorias na infraestrutura da unidade escolar (UE), beneficiando todos os estudantes, o referido instituto ainda disponibiliza voluntários que atuam diretamente com os alunos de até sete anos desenvolvendo atividades pedagógicas.



Final Feliz, Acari - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

A escola atende as comunidades de Final Feliz, Pedreira, Beira Rio e Parque Colúmbia, todas em Acari, onde a C&A mantém seu Centro de Distribuição. A empresa, por intermédio de seu instituto com fins sociais, formalizou parceria com a Thomas Jefferson em 2013 para melhorar o cenário escolar e o bem-estar dos alunos, incentivar a leitura e a ludicidade e promover o desenvolvimento psicossocial das crianças mais novas.

A parceria preconiza a formação integral do aluno e sua transformação em cidadão atuante, tendo como foco uma sociedade melhor para todos. Em função disso, o Instituto C&A vem proporcionando, além do apoio no campo pedagógico, recursos para investimentos na infraestrutura da escola, provenientes do Bazar Beneficente, o que se reflete num ambiente mais acolhedor e estimulante para estudantes e educadores.

Cabe ressaltar que, na localidade da unidade escolar, praticamente inexistem lugares para brincar de forma segura. Mas a intervenção do Instituto C&A possibilitou a criação de um espaço para o brincar, trazendo lazer para a comunidade.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A escola sofreu grandes mudanças. Ainda em 2012, passou a atuar em turno único, oferecendo educação em tempo integral. Com isso, alguns professores foram transferidos e novos educadores convocados para preencher o quadro de funcionários. O Instituto C&A, por sua vez, contribuiu para a realização de reformas estruturais e as precárias instalações da unidade deram lugar, então, a melhores dependências, como um pátio coberto para a prática desportiva e a instalação de um parquinho. Assim, os alunos puderam desfrutar de mais tempo fora da sala de aula e de um clima mais alegre e descontraído.

A gestão da Thomas Jefferson também ampliou a integração com a comunidade local e o seu impacto positivo na vida dos alunos, das famílias e dos membros comunitários, colaborando para o alcance da meta estabelecida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

3. Procedimentos

A escola tem buscado potencializar as conquistas decorrentes da parceria com o Instituto C&A, até mesmo por já ter vivenciado momentos muito difíceis e desafiadores no seu dia a dia. No que se refere ao



relacionamento com os alunos, muitos deles sempre se comportaram com agressividade, recusando-se a cumprir a disciplina e sendo indiferentes ao estudo e às atividades. Por outro lado, as más condições da unidade escolar só fizeram piorar o estado de coisas.

Com uma área pequena, embora atendendo apenas oito turmas, a Thomas Jefferson frequentemente se defrontou com sérios problemas, sendo um dos principais a excessiva permanência dos alunos em sala de aula por falta de dependências adequadas à prática de esportes e de outras atividades mobilizadoras, comprometendo o interesse dos alunos e o empenho dos educadores.

Entretanto, a unidade escolar deu início a uma reviravolta. Com a parceria do Instituto C&A, muitas inovações foram introduzidas em seu cotidiano: físicas, materiais e as de cunho educativo, integradas à proposta pedagógica. Semanalmente, voluntários do Instituto comparecem à escola para a prática de diversas atividades com as crianças, previstas no planejamento. Inúmeras iniciativas se viabilizaram porque hoje há uma quadra coberta e um parquinho.

Vale destacar que as inovações atingiram também a dinâmica de funcionamento e de relacionamento da escola. Agora, são feitas festas, comemorações e rodas de conversa com os pais ou responsáveis e a participação

de especialistas. Ainda há o chamado “café com letras” e muita diversão coletiva, porque a escola passou a ser vista com outros olhos pelos alunos, por sua equipe, pelas famílias e pela comunidade.

A parceria da Thomas Jefferson já completou três anos e, nesse intervalo, ocorreram três bazares na comunidade cujos recursos captados foram integralmente revertidos para a escola. O último foi um sucesso. Não bastassem as grandes aquisições possibilitadas pelo nosso acordo com o Instituto, como a compra de novos computadores para a Sala de Informática da unidade escolar, o bazar recebe doações de roupas com pequenos defeitos diretamente do Centro de Distribuição da C&A.

4. Articulação de Parcerias

Contar com um parceiro como o Instituto C&A enriqueceu muito as condições de trabalho, a performance e os resultados da escola, posto que a equipe pedagógica se sentiu fortalecida com as conquistas, começou a se empenhar mais no desempenho de suas funções e conseguiu contribuir efetivamente para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem. A evolução da Thomas Jefferson pode ser claramente mensurada por meio de uma publicação oficial que lista o desempenho das escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro.



Passamos da pior colocação para ganhadores, em 2014, do prêmio anual ofertado pela prefeitura.

Atualmente, para preservarmos todos os ganhos e nos mantermos com uma boa classificação, continuamos atentos às necessidades, às dificuldades e ao crescimento dos nossos alunos, propiciando-lhes um cenário favorável ao desenvolvimento de novas capacidades e habilidades, tornando sua permanência na escola mais prazerosa e promovendo uma educação de qualidade.



5. Análise e Interpretação Crítica

O Programa Escolas do Amanhã é de suma importância para elevar o nível do ensino no Município do Rio de Janeiro e inspirar o trabalho de outras unidades escolares, uma vez que não busca apenas avanços pontuais ou de natureza quantitativa, como o aumento do número de horas do aluno dentro da escola, mas sim o seu desenvolvimento global, seja na área cognitiva, psicossocial ou psicomotora. O Programa também é relevante por almejar conquistas mais arrojadas, como a transformação do aluno em cidadão crítico e participante, apto, portanto, a atuar com autonomia e a colaborar na constituição de uma sociedade mais justa, igualitária e com valores fundamentados no respeito à vida.

Nesse sentido, a efetivação de parcerias com instituições da sociedade civil, como o Instituto C&A, por exemplo, se revela um imperativo para as Escolas do Amanhã, já que abre caminho para que essas unidades escolares, a despeito de seus enormes desafios, se mantenham coerentes com sua proposta educacional e disponham de instrumentos para transportá-la para o terreno da realidade.

O investimento em escolas que se encontram em áreas de extrema violência, criminalidade e degradação, com os menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do município, consegue demonstrar que é possível – mediante a união de esforços, recursos e credibilidade – superar obstáculos, estigmas e preconceitos e oferecer um

modelo de educação democrática preconizado pelo Estado e assegurado por leis.

6. Lições Aprendidas

A escola deve estar sempre de portas abertas para se vincular a iniciativas que possam compactuar para uma educação de mais excelência, como é o caso das parcerias com empresas, instituições, organizações não governamentais, centros de estudos e universidades, dentre outras. Deve estar sensível, também, a identificar potenciais parcerias de sucesso no seu entorno.

Mas só isso não basta. Convém, ainda, envolver as famílias, a comunidade e os parceiros locais na conquista de melhorias e na busca de soluções, até mesmo porque, das mais variadas formas, todos se beneficiam com o desenvolvimento da escola e com o avanço dos alunos.

No caso específico da parceria com o Instituto C&A, embora ele disponibilize somente voluntários que, em sua maioria, não têm formação específica em Educação, é perfeitamente viável preencher essa lacuna por meio de reuniões de alinhamento com a direção da escola. Nesses encontros, os voluntários devem ser devidamente orientados e tudo deve ser ajustado em função do incremento das atividades e dos resultados. Pelo menos para a nossa escola, a experiência com esse parceiro tem sido extremamente proveitosa.

7. Recomendações

- Fomentar parcerias com secretarias, órgãos governamentais e organizações em geral do setor privado, de modo a implementar estratégias e ações bem-sucedidas no meio escolar;
- Identificar o potencial e as forças dos parceiros para mensurar, concretamente, o quanto eles poderão se aliar à escola na luta por um amanhã melhor e mais digno para os alunos;
- Efetuar ou, se for o caso, potencializar a parceria com o SESC em seu bairro, bem como com o Programa Saúde na Escola e Saúde da Família. Esses acordos costumam ser muito produtivos.

8. Fontes de Informação

- Entrevista com a direção da escola;
- *Workshop* de sistematização de experiências;
- Site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br/home/>).

Escola Municipal Fernando Barata Ribeiro

Criando e Recriando o Mundo

Katiane Cavalcante, Mônica Mendes de Souza
e Patrícia Bassin Andrade de Oliveira

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Fernando Barata Ribeiro

Coordenadoria Regional: 9ª CRE

Título: *Criando e Recriando o Mundo*

Autoras da sistematização: Katiane Cavalcante, Mônica Mendes de Souza
e Patrícia Bassin Andrade de Oliveira

Público-alvo: Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental

Período: Outubro e novembro de 2015

Comunidade: Cavalo de Aço, Sapo e Caxangá, Senador Camará; Taquaral,
Santíssimo - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Proatividade, responsabilidade, colaboração, compartilhamento,
multidisciplinaridade, sustentabilidade, cidadania

Campos de inserção da experiência: Tecnologia e inovação

Contato: emfribeiro@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal Fernando Barata Ribeiro está situada em Santíssimo, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro e próximo a Campo Grande e Bangu. É cercada por comunidades que enfrentam sérios problemas no cotidiano e cuja população necessita ser melhor orientada sobre hábitos e comportamentos que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida.

Pensando nisso, a escola implementou um projeto no qual alunos e professores disseminaram a cultura de preservação da água – enquanto um bem essencial – não só para a comunidade escolar, mas para os moradores do entorno, buscando explicar os princípios e benefícios do consumo consciente.



Cavalo de Aço, Sapo e Caxangá, Senador Camará; Taquaral, Santíssimo -
Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

“Criando e Recriando o Mundo” foi o tema de uma feira multidisciplinar proposta para os alunos, para a qual cada turma deveria criar um produto ecológico relacionado à questão da água e, a partir dele, trabalhar em textos os aspectos relativos ao gênero da propaganda.

A escolha recaiu na propaganda por se tratar de uma linguagem muito próxima à usada pelos alunos no dia a dia, mas outras linguagens, como a artística, também foram utilizadas para possibilitar a interação entre as disciplinas.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A crise de água no planeta, mais do que outras graves crises ambientais, colocou a preocupação com a sustentabilidade no centro das atenções mundiais. A matéria passou a ser objeto de discussão em inúmeros fóruns e também foco de debates no âmbito de empresas, instituições e escolas. Em que pesem as divergências, todos sempre concordaram num ponto: o desperdício de água ameaça a vida na Terra e é urgente evitá-lo, sobretudo por meio de práticas educativas, já que leis e decretos não mudam pensamentos e atitudes.

Com base nessas premissas, a unidade escolar Barata Ribeiro começou a estimular os alunos a desenvolverem

produtos para uma feira, ressaltando a importância da água – desde o nível local até o universal – para a existência do homem e dos outros seres vivos. A criação desses produtos se deu em paralelo com outras atividades, como a produção de textos em linguagem de propaganda, promovendo o exercício da pesquisa, leitura, reflexão, postura crítica e expressão escrita e oral, além do compartilhamento de ideias.

3. Procedimentos

O trabalho transcorreu no decorrer do 4º bimestre de 2015 e contou com a participação dos professores de todas as disciplinas. No primeiro momento, o corpo docente selecionou a temática do projeto, a questão da água, e o tipo de linguagem com o qual o assunto deveria ser abordado, o da propaganda. Em seguida, por meio de votação em sala de aula conduzida pelo professor representante, cada turma elegeu o material a ser elaborado pelos alunos – dentre eles, cartazes e folhetos.

A partir daí, já contando com professores na função de articuladores e intermediários, os alunos passaram a desenvolver os eixos do projeto nas diversas disciplinas. Por exemplo: em Língua Portuguesa, a ênfase recaiu na leitura e produção de textos referentes ao tema; em Matemática, na confecção de gráficos e



tabelas; em Ciências e Geografia, na compreensão das questões ambientais; e, em Artes, no aspecto visual dos produtos. O que resultou de concreto dessas práticas foi devidamente guardado para ser exibido na Feira Criando e Recriando o Mundo.

No dia do evento, ocorrido na última semana de novembro, as turmas utilizaram pequenos estandes para expor seus produtos aos visitantes. Como estratégia para atrair a atenção das pessoas, utilizaram maquetes, *folders* e demonstrativos sobre consumo de água, dentre outras coisas, sem contar as apresentações musicais e dramatizações. Vale destacar o esforço e a criatividade de uma turma do 9º ano, que fez um chuveiro ecologicamente correto. O chuveiro indica a quantidade de água e o tempo de um banho, funcionando em favor de mais economia.

4. Articulação de Parcerias

Com o apoio de parcerias estabelecidas com o Posto de Saúde local, Guarda Municipal e Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - ETERJ, os alunos tiveram acesso a materiais e conteúdos que enriqueceram suas atividades e produções.



5. Análise e Interpretação Crítica

Apesar de a experiência ter durado apenas um bimestre, podemos considerá-la bem-sucedida por várias razões: levou para o espaço da escola um aprendizado dos mais relevantes; atingiu o propósito de ampliar a conscientização, interna e externamente, sobre a escassez de recursos hídricos; tornou nossos alunos protagonistas e multiplicadores de uma bandeira socialmente significativa; e, ainda, nos inspirou a planejar outros projetos que tenham também a perspectiva de aguçar a visão crítica dos alunos e fomentar ações cidadãs.

6. Lições Aprendidas

Determinados projetos, da natureza do que implementamos, permitem à escola cultivar valores essenciais ao desenvolvimento saudável e integral de crianças e jovens, visto que incentivam a busca de conhecimento, o gosto pela leitura e pela escrita, a formação de opinião, o respeito ao meio ambiente e à vida como um todo, o engajamento em causas sociais e o senso de colaboração. E o melhor é que esses projetos, por mais que tratem de assuntos sérios e importantes para a sociedade, podem ser explorados de maneira lúdica, num ambiente de aprendizagem alegre e divertido.

Ao mesmo tempo, projetos assim estimulam a união de esforços, propiciam mais responsabilidade, maturidade

e compromisso por parte do aluno e mais empenho e liderança no que se refere ao professor.

7. Recomendações

- Convém planejar e integrar as disciplinas envolvidas no projeto;

- As tarefas devem ser distribuídas entre todos os alunos (ou grupos de alunos) e professores para o bom andamento e a organização das atividades;

- Cada uma das partes (alunos, educadores, direção da escola e parceiros) deve assumir a sua cota de responsabilidade pelo êxito da experiência, recebendo ajuda, se for o caso, dos demais participantes. Com a participação de todos, a iniciativa se fortalece e os ganhos aumentam.

8. Fontes de Informação

- Pesquisas na Internet;
- Sala de Leitura;
- Planejamento coletivo do projeto;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

FazGame: o uso do *game* para criar novas formas de ensino

Carla Zeltzer
e Antonio Ramos

Nome do projeto: Mediação de conflitos por meio da inovação na forma de ensinar

Coordenadoria Regional: 6ª CRE

Título: *FazGame: o uso do game para criar novas formas de ensino*

Autores da sistematização: Carla Zeltzer e Antonio Ramos

Público-alvo: Alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental

Período: Outubro a dezembro de 2015

Palavras-chave: Mediação, criação de *games*, educação, competências do século XXI

Campos de inserção da experiência: Tecnologia e inovação

Contato: carla.zeltzer@fazgame.com.br

APRESENTAÇÃO

As novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) - um conjunto de recursos tecnológicos utilizados de forma integrada - transformaram significativamente a face do mundo contemporâneo, pois instauraram uma nova forma de conhecer, aprender e vivenciar a realidade, despertando novos interesses e, conseqüentemente, novas necessidades em seus usuários. A revolução provocada por essas mídias está ligada aos aspectos da participação mais ativa dos usuários, da interatividade e colaboração entre eles, principalmente no que tange à criação e compartilhamento de conteúdos.



1. Contexto da Experiência

A Internet é, hoje, a mídia de maior expressão na disseminação de informações e conhecimento. A comunicação se dá, em geral, por meio de *sites*, redes sociais e *e-mails* e permite a prática, por exemplo, do exercício profissional, do ensino a distância e de jogos eletrônicos, dentre outras possibilidades, inclusive por meio de dispositivos móveis, como celulares. A propósito dos jogos eletrônicos, especificamente, sua linguagem exerce um imenso poder e fascínio junto ao público mais jovem, permitindo provê-lo de experiências no universo digital que reúnem aprendizado, desafio e entretenimento.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Os *games* educativos vêm conquistando cada vez mais espaço por serem capazes de apoiar, de forma eficaz, o processo de ensino-aprendizagem. Eles estimulam os sentidos e a imaginação dos estudantes e desenvolvem suas capacidades cognitivas.

No caso dos alunos atendidos pelo Programa Escolas do Amanhã, que habitam áreas conflagradas e têm um perfil marcado pela grande privação de repertório (por falta do acesso a uma educação de qualidade, cultura, saúde, lazer e serviços), pensar em mecanismos e estratégias inovadoras é de fundamental importância não só para criar uma nova dinâmica em sala de aula, mas para

melhorar o ambiente escolar e facilitar a integração da classe e entre alunos e professores, intervindo positivamente no cotidiano da escola.

Nesse sentido, o projeto “Mediação de conflitos por meio da inovação na forma de ensinar” propõe a utilização do FazGame (*software* de autoria de *games* educacionais) nas escolas, que torna a compreensão e a apreensão de conteúdos mais atrativas, ágeis, proativas e colaborativas, utilizando a criação de *games* como prática pedagógica.

3. Procedimentos

Várias ações foram implementadas para o uso do FazGame nas 92 Escolas do Amanhã selecionadas (dentre as 155). Houve um *workshop* de apresentação do projeto, com a presença de 40 gestores, seguido da formação de 102 professores. As capacitações ocorreram por meio de oficinas organizadas e agendadas pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), mas os responsáveis pelo FazGame inspecionaram e validaram as condições dos locais e dos equipamentos. As CREs tiveram, desde o início, um papel fundamental na mobilização das escolas e na confirmação dos profissionais que participaram das oficinas – preferencialmente, os professores de Língua Portuguesa, da Sala de Leitura e de Artes e o coordenador pedagógico.

O horário das capacitações foi flexibilizado para quatro a cinco horas com o objetivo de atender à diversidade da agenda dos educadores, já que muitos trabalham em dois turnos e, em alguns casos, em outras redes. A pedido de algumas escolas, a gestora do projeto também flexibilizou o aproveitamento dos elementos do *software* (personagens, cenários e objetos) para que os professores pudessem adequar os jogos aos conteúdos que estavam sendo trabalhados. Durante os meses de novembro e dezembro, manteve-se um grupo de suporte *on-line* para ajudar nas tarefas.

Ao final da experiência, como incentivo, a unidade escolar que produziu com seus alunos os melhores *games* e em maior quantidade recebeu de prêmio seis tablets e o direito de acesso ao FazGame em 2016 para todos os alunos do 5º ao 9º ano, visando à continuidade da criação de jogos eletrônicos como prática pedagógica.

As informações completas sobre o projeto e seus resultados estão consolidadas em um relatório entregue à Secretaria Municipal de Educação (SME), através da gestão do Programa Escolas do Amanhã.

4. Articulação de Parcerias

A iniciativa teve como parceiras a empresa responsável pelo FazGame, a TecZelt, que cria e implementa tecnologias educacionais com foco nas competências do século XXI, e as CREs. Em função de sua natureza e grandeza, o projeto necessita de um acompanhamento constante e atento.

5. Análise e Interpretação Crítica

Como a experiência aconteceu num espaço de tempo muito curto e, além disso, na mesma época da aplicação da Prova Brasil, sua execução não atingiu o potencial total de alunos. Outro desafio encontrado foi o acesso à Internet, porque algumas áreas das CREs e das unidades escolares têm problemas na infraestrutura de conexão à rede.

Mas, a despeito desses percalços, 98% das avaliações feitas pelos professores (conforme descrito, em Relatório entregue à SME) apontou a facilidade de uso do FazGame e seu alto impacto no dia a dia da sala de aula em função do aspecto lúdico. E no que diz respeito ao processo da criação dos jogos educativos com a ferramenta, os educadores o consideraram inovador, interessante, motivador, desafiador e simples de ser implementado em turmas de diferentes faixas etárias.

Já os alunos mencionaram em suas avaliações dois reflexos decorrentes da iniciativa: a motivação para o aprendizado e o reforço ao desenvolvimento de capacidades fundamentais nos dias atuais, como a de criar, colaborar e negociar.

6. Lições Aprendidas

O projeto FazGame mostrou-se de fácil replicabilidade e propiciou a professores e alunos um instrumento capaz de desenvolver as seguintes competências: planejamento, raciocínio lógico, criatividade, persistência, colaboração e resolução de problemas. São todas estratégias no atendimento às novas demandas sociais.





7. Recomendações

- Formação continuada dos professores, para que, cada vez mais, pensem em soluções pedagógicas “gameficadas” que se integrem ao cotidiano da sala de aula. Essa formação deve se dar em duas etapas, sendo a primeira para aprofundar as competências do século XXI e atitudes empreendedoras, e a segunda para tratar das funcionalidades do FazGame e da estruturação dos projetos de criação de *games* com as turmas;

- Elaboração de um planejamento para criar jogos com o FazGame, com duração mínima de um bimestre e de acordo com os objetivos de aprendizagem das turmas;

- Orientações quinzenais para os professores, de forma virtual, por meio de parceria com a equipe pedagógica da TecZelt, com vistas a planejar a aplicação, acompanhar e avaliar a utilização do FazGame e, também, criar pequenos “Núcleos de Aprendizagem Criativa de Games” dentro das escolas envolvendo educadores e alunos. Esses núcleos podem estimular o debate sobre a preparação, organização e aplicação de novos projetos com o FazGame, mantendo encontros presenciais ou não e atuando segundo um cronograma articulado com o calendário da Secretaria Municipal de Educação (SME) e de cada unidade escolar.

8. Fontes de Informação

- *Diálogos e mediação de conflitos*: guia prático para educadores. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2014;
- CHRISPINO, Álvaro. *Gestão do conflito escolar*: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. 2007, v. 15, n. 54, p.11-28.
- *Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar*: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2014. Disponível em <http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/07/desenvolvimento-socioemocional-e-aprendizado-escolar.pdf>;
- Relatório final do projeto FazGame entregue à Secretaria Municipal de Educação – Dez/15.
- GEE, James Paul. Learning and games. In: *The ecology of games: connecting youth, games, and learning*. Edited by Katie Salen. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008. p. 21-40.
- Metodologia FazGame. Disponível em <https://www.fazgame.com.br/tutorials.html>.
- FazGame – <https://www.fazgame.com.br>

4



Mais
educação
sempre

4

Mais educação sempre

Conforme já se dizia nos velhos tempos, o conhecimento é uma fonte inesgotável e nunca se tem de sobra. Hoje, depois de inúmeras mudanças sociais, políticas e econômicas que sobrevieram com o passar dos anos, persiste ainda com mais força a convicção de que educar uma nação é a única condição segura para seu ingresso no futuro, ou seja, quanto mais investimento em educação, melhor para o país e para os cidadãos.

A ênfase crescente no valor inestimável da educação pode explicar, pelo menos em parte, o sucesso maior do **Programa Mais Educação** dentre as iniciativas desenvolvidas nas Escolas do Amanhã. Instituído pela portaria interministerial nº 17/2007 e pelo decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, o referido programa integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do governo federal como estratégia para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da educação integral.

Há um claro reconhecimento, tanto no âmbito do poder público como nas unidades escolares, de que o Programa Mais Educação sempre se mostrou uma valiosa ferramenta de efetivação das diretrizes e dos objetivos do Programa Escolas do Amanhã. Seus propósitos são assertivos e mais arrojados porque o Mais Educação é fruto de uma ação intersetorial, de um planejamento pensado e construído a várias mãos, com envolvimento não só do Ministério da Educação, mas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Ciência e Tecnologia, Esporte, Meio

Ambiente, Cultura e Defesa, além da participação da Controladoria Geral da União.

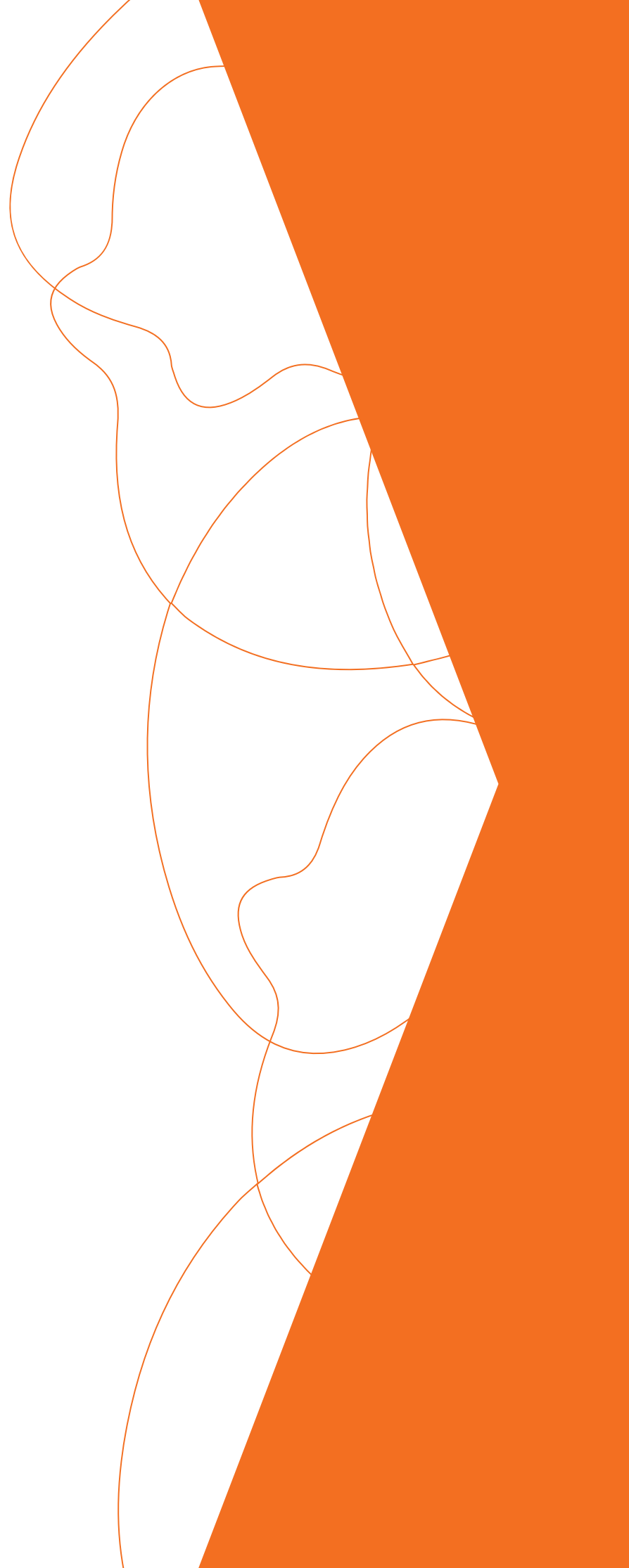
Trata-se, portanto, de uma estratégia alinhada com as políticas públicas educacionais e sociais, que contribui tanto para o aumento das oportunidades dos alunos de escolas públicas como para a diminuição das desigualdades entre os estudantes de todo o país, valorizando, ainda, a grande diversidade cultural brasileira. O Programa Mais Educação também amplia o tempo e os espaços dedicados à tarefa de educar, compartilhando a responsabilidade pela educação integral de uma criança, adolescente ou jovem entre a escola, a família, a comunidade e o coletivo social.

Convém destacar que o conceito de educação integral pressupõe um aprendizado vivo e dinâmico, associado à vida e ao universo de interesses e de possibilidades dos alunos. É por intermédio dessa modalidade educacional que se reconhecem as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de cada indivíduo. O decreto nº 7.083/2010, por exemplo, ressalta que os princípios da educação integral se viabilizam pela compreensão do direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária, constituindo condição essencial para o avanço de uma sociedade democrática.

Reportada em muitas legislações – como a Constituição federal brasileira em vigor (artigos 205, 206 e 227), o

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (artigos 34 e 87) e o Plano Nacional de Educação (2001), a educação integral é abrangida pelo Programa Mais Educação visando a impulsionar, por meio de apoio, incentivo e sensibilização, projetos que integrem as políticas sociais e implementem ações socioeducativas disponibilizadas gratuitamente para públicos específicos.

Para tanto, as ações previstas para o programa precisam considerar as seguintes orientações: ampliação do tempo e do espaço educativo nas escolas, pautada pela noção de formação integral e emancipadora; articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que compõem o Mais Educação e outras que atendam às mesmas finalidades; integração das atividades propostas ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes; promoção de capacitação de gestores locais, em parceria com ministérios e secretarias federais; contribuição para a formação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens; fomento à participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como da sociedade civil, de organizações não governamentais e da esfera privada; geração de conhecimentos e tecnologias sociais, inclusive por meio de acordos com universidades e centros de estudos e pesquisas, dentre outros organismos; implemento de metodologias de planejamento das ações, que permitam fixar a atenção; dos poderes públicos em territórios mais vulneráveis e estímulo à cooperação entre União, estados, Distrito Federal e municípios.



5



Resgate do binômio saúde-escola

5

Resgate do binômio saúde-escola

Educação e saúde são condições que devem caminhar juntas, sendo um grande equívoco buscar alcançar uma delas sem a presença da outra. As duas questões estão tão atreladas, nos mais diversos aspectos, que os Ministérios da Saúde e da Educação, com a participação da pasta de Defesa Civil, decidiram implantar em conjunto o **Programa Saúde na Escola** (PSE), uma iniciativa estratégica para integrar a rede de educação e a de atenção à saúde no desenvolvimento de ações preventivas em saúde. Os beneficiados são estudantes do ensino público básico, profissionais e gestores de educação e saúde, comunidades escolares e, de forma mais amplificada, alunos da rede federal e da educação de jovens e adultos.

O PSE preconiza medidas voltadas para a avaliação das condições de saúde da população escolar; promoção da saúde e prevenção de doenças; educação permanente e capacitação dos profissionais de educação e de saúde; monitoramento da saúde dos estudantes; e, ainda, acompanhamento e avaliação do programa. Para ajudar no cumprimento dessas medidas, foram criados Núcleos de Educação em Saúde (NES) nas escolas participantes. Eles também respondem por outras tarefas importantes, como, por exemplo: garantir visitas regulares de equipes de saúde às escolas para prestar atendimento médico, odontológico e psicológico; manter uma equipe fixa nas escolas para um primeiro atendimento; identificar alunos com necessidades mais imediatas de atenção à saúde; gerar um banco de dados sobre a saúde do corpo discente;

encaminhar estudantes, quando preciso, à rede pública de saúde; e integrar ações das unidades municipais de saúde, educação e assistência social.

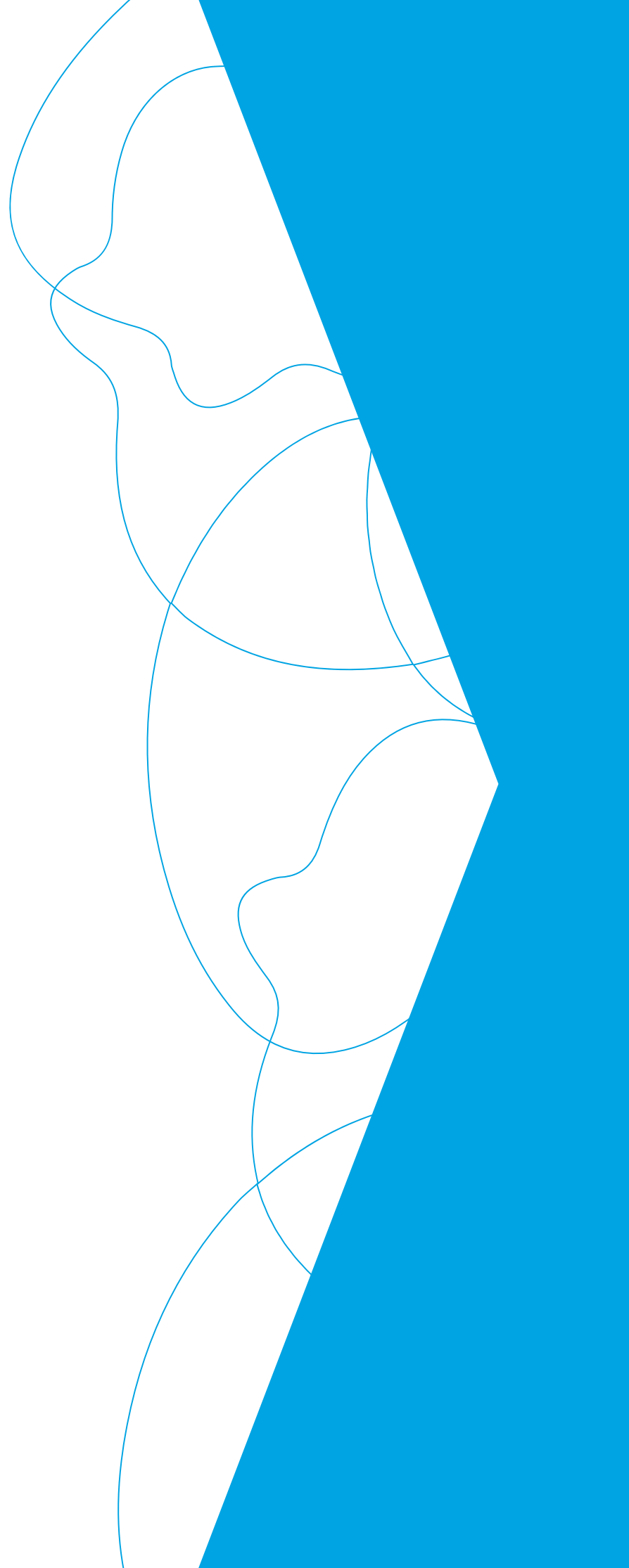
Nem todas as escolas da rede de educação básica do Rio de Janeiro estão incluídas no PSE. Lançado em 2007, mas implementado de fato em 2011, o programa abarca apenas as UEs situadas em localidades com os menores índices de desenvolvimento humano, o chamado IDH. As Escolas do Amanhã foram selecionadas por fazerem parte desse perfil. Com a chegada do PSE, que oferece um suporte fundamental aos alunos no campo da saúde, muitas delas começaram a melhorar seu desempenho, com perceptíveis mudanças nos resultados.

Utilizando unidades de atendimento fixas e móveis, uma equipe de trabalho minimamente indispensável e uma rotina de procedimentos, e valendo-se dos vínculos mantidos com alguns núcleos de saúde do governo municipal do Rio de Janeiro e do apoio que recebe das próprias unidades escolares, o Programa Saúde na Escola tem conseguido cumprir um relevante papel e mesmo fazer a diferença no cotidiano de algumas Escolas do Amanhã. Já existem até grupos constituídos nas unidades escolares englobadas pelo PSE que se dedicam mais a atividades de prevenção (AIDS, doenças sexualmente transmissíveis...) e ao controle de fatores que impactam a qualidade de vida das crianças e adolescentes, como é o caso da alimentação, do tabagismo e dos problemas bucais, oculares, auditivos e fonoaudiológicos.

Em termos das famílias dos estudantes e das comunidades, o Programa Saúde na Escola também vem se revelando bastante positivo, uma vez que intervém para prevenir a ocorrência de gravidez precoce, faz encaminhamentos para postos de saúde e clínicas da família, orienta os pais sobre uma série de assuntos de interesse relacionados aos alunos e presta esclarecimentos referentes às propostas e diretrizes do programa, dentre outras contribuições.

Ninguém tem dúvidas, portanto, a respeito dos reflexos do cuidado com a saúde na formação, no desenvolvimento mais pleno e nas perspectivas de um indivíduo. A experiência já mostrou, e continua mostrando, que se manter saudável física e mentalmente é prioridade indiscutível para qualquer pessoa que deseja prosperar no plano pessoal, nos estudos, no trabalho, no círculo de amizades e no ambiente social. Ao receber uma adequada atenção à saúde, qualquer um se sente mais disposto e disponível para investir no próprio crescimento e nos seus sonhos e ainda favorecer os de terceiros.

Por outro lado, é preciso lembrar que a educação é uma ferramenta indispensável, uma via de indiscutível poder, para que o ser humano valorize e preserve a saúde como um bem maior, essencial, e que lhe permite fazer melhor uso de suas capacidades e habilidades. A educação é o nutriente imprescindível, de excelência, para semear o conhecimento, o diálogo, o respeito ao outro e a paz, pressupostos elementares para que o mundo todo goze de mais saúde e prospere em harmonia.





A large orange geometric shape, resembling a stylized arrow or a large triangle pointing right, occupies the left side of the page. It is solid orange and has a sharp point on its right edge.

Intervenção para a paz



6

Intervenção para a paz

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro desenvolve com frequência programas destinados à prevenção e resolução de conflitos nas escolas de sua rede, com foco especial na tarefa de mediação. No caso específico do Programa Escolas do Amanhã, recorreu-se a uma parceria com outros programas, o Escola de Paz e o Programa Amigos do Zippy: educação para a saúde emocional, para viabilizar uma formação voltada para a mediação de conflitos. Professores e gestores ganharam habilidades de comunicação e de negociação colaborativa e construtiva, de modo a orientar seus alunos a lidar de forma saudável com os conflitos no cotidiano escolar, na família e na comunidade. Além disso, também foram postas em prática estratégias de mediação entre pares, ou seja, alunos foram preparados para intervir em conflitos entre os próprios colegas.

Cabe ressaltar que a escola é um espaço de convívio diário entre indivíduos com uma série de diferenças, sejam elas relacionadas à idade, origem, tipo físico, valores, opiniões, necessidades, comportamentos ou interesses. Tais diferenças, em algum momento, podem suscitar divergências, por menores que sejam, e estas, por sua vez, podem resvalar para um conflito de dimensões desproporcionais. Quando isso acontece, professores e coordenadores têm que estar preparados para conter os ânimos e tentar restabelecer o entendimento entre as partes envolvidas, antes que um conflito seja oficialmente declarado. Mas, na prática, a intervenção não é uma ação

rápida nem simples. Ela se parece mais com uma missão desafiadora, pois exige do mediador muito preparo em termos de conhecimento, firmeza e serenidade.

Os conflitos na escola, motivados ou não por questões surgidas no ambiente escolar, só devem ser enfrentados por educadores especialmente habilitados para contorná-los. Eles devem contar com recursos e pessoal que os auxiliem, mas, sobretudo, estar aptos mental e emocionalmente a mediar atritos dos mais variados graus de violência e resistência à escuta e ao diálogo. Segundo a especialista Telma Vinha, doutora em Desenvolvimento Humano e Educação pela Unicamp, a violência só costuma surgir depois de um período de incivildades, marcado por pequenas transgressões de regras de convívio que a escola não soube resolver por falta de uma capacitação prévia. Essas incivildades acabam gerando um clima sociomoral negativo na escola, que se torna o cenário ideal para o nascimento e o acirramento da violência. Em outras palavras, como os pequenos conflitos não recebem a devida atenção na hora certa e não são resolvidos, eles se acumulam e passam a se manifestar por meio de agressões verbais, físicas, psicológicas (*fofocas, bullying...*) e até atos de vandalismo.

As consequências da maioria dos conflitos entre alunos ou grupos de alunos são logo perceptíveis na queda do rendimento escolar e no desinteresse pela escola, com reflexos, também, na autoestima dos indivíduos. Porém, antes de se chegar a tal ponto, antes que o conflito

resulte em um impasse, a escola deve colocar em cena o personagem mediador: aquele que vai tentar unir os pedaços, nivelar as diferenças, apontar o que as partes em conflito têm em comum e mostrar o quanto essa identidade é grande e representativa.

Se pensarmos no melhor dos mundos, o ideal seria a prevenção de conflitos e a manutenção de um ambiente escolar sempre calmo e propício ao aprendizado. E por que não? Os professores devem lembrar que um dos fatores responsáveis pelo início de hostilidades pode ser aquela aula longa e expositiva, completamente desconectada dos interesses e do universo dos alunos, que dispersa a atenção dos ouvintes. Alunos desconcentrados em sala, alienados dos conteúdos que estão sendo repassados e sem qualquer participação mais ativa dão margem a imprevistos, pois tendem a se engajar em brincadeiras e ações de perturbação da ordem que um dia, quem sabe, se transformarão num conflito de difícil controle.

Portanto, cabe aos educadores, com o apoio dos gestores das escolas, das famílias, da comunidade e do poder público, se manterem atentos às suas tarefas e aos seus compromissos para com os alunos, concretizando todas as possibilidades ao seu alcance para melhorar a convivência dentro e fora do ambiente escolar. Isso é o que se deve esperar daqueles que realmente zelam e lutam por uma escola mais harmônica e produtiva e por alunos que se sintam protegidos, prestigiados e gratificados em aprender.



Escola Municipal Otelo de Souza Reis

Acompanhamento de alunos com conceito I e baixa frequência

Rachel Santos Correia Santana,
Marília Matheus Russell
e Cristina Barbosa Gross Martins Monteiro

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Otelo de Souza Reis

Coordenadoria Regional: 10ª CRE

Título: *Acompanhamento de alunos com conceito I e baixa frequência*

Autoras da sistematização: Rachel Santos Correia Santana, Marília Matheus Russell e Cristina Barbosa Gross Martins Monteiro

Público-alvo: Alunos com baixa frequência e/ou conceito I

Período: 1º e 2º bimestres do ano de 2015

Comunidade: Antares, Santa Cruz - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Acompanhamento, orientação, família, conceito I, baixa frequência, resgate

Campos de inserção da experiência: Intervenção escolar

Contato: emotloreis@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal Otelo de Souza Reis está localizada em Antares, uma comunidade muito pobre, que contrasta com o poder paralelo local. A pobreza vai além da questão financeira. É uma área destituída de atenção à saúde, de bem-estar e de atividades promotoras de cultura e lazer. Neste cenário, a escola, enquanto instituição, é o aparelho do Estado que realmente funciona dentro da comunidade. Por isso, em mais uma tentativa de intervir em favor dos alunos, das famílias e dos próprios moradores, processamos uma experiência que será descrita adiante.



Antares, Santa Cruz - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

A unidade escolar sentia a necessidade de fazer o acompanhamento dos alunos com conceito I e baixa frequência junto aos responsáveis, para que esses estudantes fossem melhor orientados e apoiados na questão da aprendizagem. Mas também se pretendia que tivessem mais autoestima e fossem mais integrados ao ambiente escolar.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Após o 1º Conselho de Classe, a direção da unidade escolar fez um levantamento e mapeou todos os alunos incluídos no perfil de conceito I e baixa frequência. Uma circular foi enviada aos responsáveis solicitando o seu comparecimento à escola para dar início a encontros de orientação. Previamente planejados, esses encontros envolveram resultados da aprendizagem, esclarecimentos sobre legislação, orientações quanto ao uso de drogas, encaminhamentos para saúde, o problema da prostituição e diversos outros assuntos identificados como demandas.

No momento, a escola está cuidando dos desdobramentos do projeto, o que implica uma série de ações administrativas – relacionadas a notas, por exemplo –, e um trabalho para

elevar a autoestima dos alunos e dos responsáveis, que são atendidos em pequenos grupos. As evidências de avanços já começaram a surgir, inclusive nos resultados. Mas é preciso manter as estratégias adotadas com vistas a conquistas ainda maiores.

3. Procedimentos

Sob a condução da direção adjunta e da coordenação pedagógica da escola, estabeleceu-se uma rotina de acompanhamento de um determinado número de alunos (conceito I e baixa frequência) junto aos responsáveis. A proposta era realizar reuniões mensais na escola com os responsáveis, antecipadamente agendadas, para ouvir atentamente os conteúdos repassados por eles e, ao mesmo tempo, dar conta da realidade e das necessidades apresentadas pelo aluno. Os encontros tinham de ser periódicos para que a escola não perdesse de vista o impacto que causavam e mantivesse o foco no desenvolvimento daquele universo específico de alunos. Além dos relatos dos responsáveis e das observações geradas a partir do convívio escolar, a escola também se valia de outros instrumentos para monitorar o progresso dos estudantes, como as informações da Secretaria Geral de Alunos e os relatórios de performance elaborados pelos professores.

4. Articulação de Parcerias

A escola dispõe, efetivamente, de apenas dois parceiros, o Posto de Saúde Sávio Antunes e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Jorge Gonçalves, que atende 40 crianças, selecionadas pela UE, para participarem do Projeto de Serviço de Convivência e Fortalecimento. Vale destacar, que, apesar da grande importância da parceria, existem muitas dificuldades para viabilizar o acesso da comunidade escolar ao posto, em razão dos frequentes episódios de violência no local. Assim, os potenciais benefícios decorrentes da parceria não conseguem atingir o público desejado. Mas cabe ressaltar que, mesmo com os desafios, o posto mantém as ações do Programa Saúde na Escola, como as instruções sobre higiene bucal e a vacinação (ex.: HPV), dentre outros serviços.

5. Análise e Interpretação Crítica

Esta experiência tem sido significativa e grandiosa para nossa realidade, por se tratar de uma comunidade muito excluída de acesso a bens e serviços e por conseguir propor soluções para problemas básicos dentro da escola, trazendo agilidade na atenção aos alunos e possibilitando vislumbrar soluções com mais clareza.

Já no momento inicial do projeto, entre o primeiro bimestre e o segundo, a redução dos casos de alunos com

baixa frequência e conceito I foi de aproximadamente 50%, um quantitativo bem expressivo, o que nos mostrou que tínhamos optado por uma medida oportuna e plenamente viável.

6. Lições Aprendidas

É sempre importante construir o diálogo entre professores e responsáveis, sobretudo quando a escola precisa ter um olhar atento e diferenciado para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e/ou de infrequência por motivos externos ao cotidiano escolar.

Não fosse por esse diálogo, a escola não teria conseguido promover e fortalecer a comunicação entre os responsáveis e o posto de saúde, que não só forneceu atendimento psicológico, como fez encaminhamentos para outros atendimentos especializados de que os alunos tanto necessitavam.





7. Recomendações

- Não se deve esperar o fechamento do primeiro Conselho de Classe para identificar os alunos com mais desafios na aprendizagem e fazer a convocação dos responsáveis. É possível iniciar a tarefa averiguando o quantitativo mensal de frequência às aulas;

- Convém que a escola reserve um horário de atendimento individual, num mesmo dia, para um determinado número de responsáveis. Ainda que alguns não consigam comparecer no dia e horário marcados, outros virão e a escola potencializará o uso do seu tempo.

- O desdobramento da experiência ao longo do tempo é uma exigência da própria experiência. Caso contrário, será difícil manter os resultados alcançados e até ir além.

8. Fontes de Informação

- Secretaria Geral de Alunos (SGA);
- Registros de classe (relatórios dos alunos);
- Livro de ocorrências da unidade escolar;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

Escola Municipal Montese

Projeto Mala Viajante

Valéria dos Anjos Guedes
e Nathália R. Dias Moraes

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Montese

Coordenadoria Regional: 4ª CRE

Título: *Projeto Mala Viajante*

Autoras da sistematização: Valéria dos Anjos Guedes e Nathália R. Dias Moraes

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil até o 5º Ano do Ensino Fundamental

Período: De 2014 até os dias atuais

Comunidade: Cidade Alta, Cordovil – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Incentivo, leitura, escrita, família, interação, cuidado, prazer

Categorias de apresentação da experiência: Intervenção escolar

Contato: emmontese@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

Em uma comunidade onde as famílias têm pouco acesso à escolarização e à literatura, surgiu a necessidade de aproximar as crianças e seus pares do universo literário. Isto foi feito por meio de uma proposta pedagógica, cujos objetivos são a elevação dos níveis de proficiência na leitura e na escrita, a inserção da criança na cultura letrada e o estímulo à participação e integração da família no cotidiano escolar dos filhos.



Cidade Alta, Cordovil - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Para apoiar a formação de um público privado do contato mais estreito com bens culturais, o projeto Mala Viajante buscou estimular a criança a ter mais proximidade com os livros nos anos iniciais de escolarização, despertando, assim, sua criatividade e autonomia e fortalecendo o desenvolvimento cognitivo.

É importante ressaltar que a parceria da família em todo o processo gerou grandes ganhos em benefício dos alunos, além de ter promovido a integração entre pais e filhos e construído o hábito de leitura também fora da escola, tornando-o, sobretudo, prazeroso.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

O projeto Mala Viajante foi implementado em diversas turmas da escola, desde a Educação Infantil até o 5º ano. Consiste na seleção de um conjunto de obras pelo professor, que separa um livro semanalmente para os alunos levarem para casa. Também há um caderno que segue junto, no qual os alunos registram as impressões sobre a leitura, e uma pasta para transportar o material. Essa pasta é produzida coletivamente pelas próprias turmas em conjunto com os professores.

No segmento da Educação Infantil, as crianças registram

suas impressões por meio de desenhos e seus responsáveis escrevem um texto ou uma pequena frase contando a experiência que os filhos viveram junto à família ao executar a tarefa. Além dessa particularidade, os alunos até o 1º ano (alfabetização) recebem, ainda, um mascote (cada turma escolhe seu mascote de acordo com o projeto desenvolvido), do qual precisam cuidar em casa durante os dias em que passam juntos.

Ao retornarem à sala, as crianças compartilham com seus colegas, numa roda de conversa, como foi a permanência do mascote em sua casa. Nesse momento, o professor aproveita para ler as anotações dos responsáveis no caso de alunos ainda não alfabetizados. Porém, quando a turma já se alfabetizou, os próprios alunos fazem a leitura dos seus registros para os amigos.

O professor utiliza essa dinâmica para explorar o tema do projeto, incentivar a turma a pensar e interpretar textos e ampliar o conteúdo dos alunos.

3. Procedimentos

Os professores das turmas realizam, coletivamente, a seleção dos livros que vão compor o projeto e, a cada vez, um aluno da classe leva determinada obra para casa por



dois a três dias, no máximo, tendo que retornar com ela à escola (e, em certos casos, com o mascote) no período estipulado. A escolha da sequência dos alunos que levarão um tal livro ou outro para casa fica a cargo da turma, pois pode ser por sorteio, pelo critério de ordem alfabética ou então por algum outro meio combinado entre os professores e as crianças.

Quando as rodas de conversa acontecem, todos os alunos dividem suas experiências e percepções com os amigos, bem como as emoções vividas na família na hora da leitura.

4. Articulação de Parcerias

Contar com a mobilização e o empenho dos professores e com a ajuda da família é de fundamental importância para o sucesso do projeto. Quanto mais essas parcerias se fortalecerem, mais a escola estará apta a intervir para potencializar a capacidade de leitura e de escrita dos seus alunos.

5. Análise e Interpretação Crítica

A experiência tem trazido muitos ganhos para a escola e

principalmente para os alunos em termos de resultados, na medida em que permite uma série de conquistas. Dentre elas, transformar a leitura num hábito prazeroso, desenvolver a imaginação das crianças e comprometer os responsáveis com o processo de aprendizagem das crianças.

6. Lições Aprendidas

Experiências que arrancam sorrisos, promovem troca de experiências e iluminam o olhar das crianças podem ser consideradas muito enriquecedoras e com grande potencial de impacto no desempenho dos alunos. Tanto é assim que as avaliações da escola relativas ao IDEB e IDERIO demonstraram avanços concretos.

Nessas circunstâncias, os ganhos para as famílias também são muito significativos. Eles envolvem, diretamente, a melhoria do processo de escolarização das crianças e o fortalecimento dos vínculos familiares. Vale destacar, aqui, o esforço de alguns responsáveis por alunos das classes de alfabetização, que eram analfabetos e não conseguiram ler as histórias para os seus filhos em casa. Eles se sentiram motivados a retomar os estudos e procuraram a escola para se matricular nas turmas noturnas do PEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos.



7. Recomendações

- A criança deve permanecer com o material em casa por, pelo menos, dois a três dias. Mas é preciso atenção aos feriados longos, pois, quando eles ocorrem, o aluno costuma se distrair e esquecer de devolver a mala viajante (e o mascote, se for da Educação Infantil ou do 1º ano);

- O registro dos responsáveis sobre os momentos vividos na família é de fundamental importância. Além das informações, eles podem repassar fotos e ilustrações, que serão usadas na culminância do projeto, quando é feita uma exposição com os registros do ano.

- O mascote deve ser enviado separadamente da mala viajante, pois constitui um outro momento da experiência.

- Convém sistematizar com o máximo detalhamento as experiências das turmas (que nunca são iguais) para que elas possam ser reconstruídas por educadores da própria escola ou por professores de outras unidades escolares. Essas experiências também podem ser fonte de inspiração para iniciativas semelhantes.



8. Fontes de Informação

- Projeto Mala Viajante;
- Entrevista com a direção da escola;
- Visita da consultoria de sistematização à unidade escolar;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

CIEP Maestro Heitor Villa-Lobos

Exercendo Lideranças: O líder em mim

Luzinete Costa dos Santos, Alessandro Pinheiro Lopes, Equipe Farol e todos os professores e funcionários da Unidade Escolar

Nome da unidade escolar: CIEP Maestro Heitor Villa-Lobos

Coordenadoria Regional: 10ª CRE

Título: *Exercendo Lideranças: O líder em mim*

Autores da sistematização: Luzinete Costa dos Santos, Alessandro Pinheiro Lopes, Equipe Farol e todos os professores e funcionários da Unidade Escolar

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental

Período: De 2012 até os dias atuais

Comunidade: Antares, Santa Cruz - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Intervenção, liderança, responsabilidade, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios Estudantis

Campo de inserção da experiência: Intervenção escolar

Contato: ciepvlobos@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

O CIEP Maestro Heitor Villa-Lobos é uma escola que investe no crescimento e no bem-estar do seu corpo discente. Por isto, dentre outras iniciativas, realiza desde 2012 o projeto “O líder em mim”, uma proposta pedagógica que visa a desenvolver habilidades de liderança e senso de responsabilidade nos alunos.

Por meio dessas duas condições, os estudantes passam a ter mais autoconfiança, a responder por suas ações e a trabalhar melhor em equipe, demonstrando proatividade, postura crítica e espírito colaborativo. Eles também modificam seu comportamento e adotam condutas mais positivas, o que se reflete diretamente na melhoria do processo de ensino-aprendizagem, na construção de um ambiente escolar saudável e agradável e no melhor desempenho das turmas, contribuindo para uma educação de qualidade.



Antares, Santa Cruz - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

O projeto foi implantado em 2012, ano em que constatamos como o exercício da liderança poderia apoiar o desenvolvimento de novos hábitos entre os alunos e reduzir os episódios de violência. Tudo começou após uma visita a escolas norte-americanas, na qual tivemos a oportunidade de conhecer o livro “Os 7 hábitos” e de vislumbrar a possibilidade de nossos estudantes se tornarem mais maduros, autônomos e verdadeiros protagonistas de suas histórias.

Já em 2013, a proposta tinha sido implementada em todas as turmas, encontrando um grande alicerce na atuação dos professores. Eles se sentiram tão motivados e predispostos a participar que acabaram exercendo um papel-chave. Alguns passaram a integrar a “equipe Farol”, cuja função era zelar pelo projeto, iluminar seus passos e fazê-lo brilhar. Estabelecemos até uma missão arrojada para a nossa escola: tornar-se referência em educação no bairro de Santa Cruz.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Em cada sala de aula, os alunos mais infrequentes, indisciplinados e com os conceitos mais baixos foram sendo valorizados por meio de uma rotina de passeios e da ajuda dos colegas no reforço pedagógico. Dessa forma,

minimizamos, aproximadamente, em 80% os casos de indisciplina e obtivemos um melhor aproveitamento no todo. Aos poucos, com metas claras e previamente definidas, nossa escola foi alcançando outros patamares, aprendendo a lidar com desafios e ajudando os alunos a ajudarem uns aos outros e a se ajudarem também. Hoje, pode-se considerar que somos exemplo de ensino, um modelo não só na comunidade de Antares, mas no bairro de Santa Cruz.

3. Procedimentos

Elaboramos um conjunto de ações que, articuladas com o projeto pedagógico da escola, modificaram o cenário da instituição. Dentre elas, podemos citar a capacitação dos professores e funcionários para o projeto de formação de lideranças, conduzida pela editora Abril Educação (um dia a cada seis meses e uma hora semanalmente), e a criação da equipe Farol, que tinha as seguintes finalidades: supervisionar o projeto, manter a cultura da liderança no ambiente escolar, organizar atividades específicas para os alunos, compartilhar informações, esclarecer e orientar os interessados acerca dos três hábitos mais trabalhados na metodologia (ser proativo, ter um objetivo em mente, fazer primeiro o mais importante), estabelecer relações entre conteúdos de livros escolares e os princípios



dos sete hábitos e, ainda, criar uma tabela contendo dados sobre liderança para cada turma e um sistema de recompensas. As tabelas serviam para registrar as metas pessoais dos alunos e seu progresso, permitindo o reconhecimento dos esforços e a valorização das conquistas; já o sistema de recompensas funcionava como uma premiação por experiências diferenciadas, como a participação do aluno em projetos extracurriculares e passeios em pontos turísticos do Rio e o recebimento de menções honrosas. Tudo isso atraía a atenção dos estudantes e conferia dinamismo ao projeto, mas havia também o estabelecimento de cargos de liderança e de responsabilidades em todas as turmas, que funcionavam em sistema de rodízio. A cada mês, o aluno escolhia um novo cargo para exercer, que podia ser o de líder do meio ambiente, da arrumação, da limpeza, do cantinho de leitura, do reforço, da apostila, do brinquedo ou do refeitório.

O projeto deu tão certo que a escola organizou até um concurso de paródia sobre os sete hábitos, do qual todas as turmas participaram e de onde saiu a música que se tornaria o hino escolar. E não foi só isso. Criou-se um colete para os alunos que demonstrassem mais empenho e liderança e um *bottom* para os que se destacassem na vivência dos sete hábitos. E mais: mensalmente, um líder era escolhido para representar sua turma junto à diretora da unidade escolar e conversar sobre possíveis melhorias na escola e na rotina dos estudantes.

4. Articulação de Parcerias

Podemos apontar diversas parcerias determinantes para o sucesso do nosso projeto: com a Secretaria Municipal de Educação, na pessoa da professora Helena Bomeny (que na ocasião era Subsecretária de Ensino); com a diretora do CIEP, Luzinete Costa dos Santos, a quem devemos a viagem aos Estados Unidos que deflagrou a ideia; com a equipe pedagógica, que incorporou a iniciativa ao dia a dia escolar; com a editora Abril, responsável pela capacitação de educadores e funcionários e que acompanhou a equipe em toda a implementação; e, por fim, com o Conselho Escola-Comunidade (CEC), que teve papel fundamental em todas as ações.

5. Análise e Interpretação Crítica

O projeto desencadeou, inicialmente, muitas dúvidas e reflexões por parte dos profissionais da unidade escolar, mas, ao longo da sua implantação e do seu desenvolvimento, tivemos certeza de que se transformaria numa nova forma de olhar o mundo e mudaria paradigmas, despertando o melhor dos alunos e da escola.

E, de fato, a escola deu uma guinada em vários sentidos, sobretudo afirmando e estimulando um novo modelo de liderança, fato que impactou favoravelmente não só a performance de alunos, professores e funcionários, como a qualidade dos relacionamentos dentro da unidade. As mudanças puderam ser observadas na melhor classificação da escola nos índices que avaliam a educação no município e em nível nacional.



6. Lições Aprendidas

A experiência que vivenciamos no decorrer do projeto ficará eternamente gravada em nossa memória e na de nossos alunos. Cada *bottom* que entregamos a um estudante que se tornou líder, mas que anteriormente era estigmatizado pelos colegas e mesmo pela família, nos deixou profundamente gratos e sensibilizados.

Sem dúvida, as lições aprendidas nos farão pessoas diferentes e melhores, seja na escola, seja em casa, seja na comunidade. Em função disso, podemos esperar por dias mais tranquilos e pelo surgimento de líderes que se importarão com as necessidades de outros seres humanos e com o respeito à vida.

Valeu a pena investir na renovação dos pensamentos e comportamentos dos nossos alunos e fazer da escola um lugar de acolhimento, de respeito às diferenças e de tolerância, sempre aberto a se reciclar.



7. Recomendações

- O exercício da liderança deve ser aplicado ao cotidiano escolar, uma vez que se almejem mudanças efetivas em benefício do coletivo, de natureza pedagógica e psicossocial;

- A escola deve refletir com os alunos sobre os hábitos que constroem uma liderança e colocá-los em prática. Isso permitirá o desenvolvimento de princípios, percepções e habilidades que ajudarão os alunos a enfrentar desafios dentro e fora do ambiente escolar de modo eficaz;

- Os materiais produzidos pelos alunos devem ser valorizados e expostos em várias dependências da escola, como forma de estimular a expressão da identidade de cada sujeito e também dar fôlego à criatividade. Pequenas ações podem ser responsáveis por grandes transformações, ou seja, pela descoberta de que, potencialmente, um líder habita em cada um de nós.

8. Fontes de Informação

- Arquivos da escola;
- Grupos focais de alunos, professores e pais;
- Projeto “O líder em mim”;
- COVEY, Stephan R. *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes*. 5. ed. São Paulo: Best Seller, 1993;
- LOPES, Alessandro Pinheiro. *Trabalhando a consciência sobre liderança na escola: um estudo sobre o projeto “O líder em mim” e seus impactos*. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento/Especialização em Psicopedagogia Institucional). Faculdades Integradas Campo-grandenses – FEUC, Campo Grande, Rio de Janeiro, 2015;
- *Workshop* de sistematização de experiências.



Programa Amigos do Zippy: educação para a Saúde Emocional

Juliana Fleury e Equipe da Associação
pela Saúde Emocional de Crianças – ASEC

Nome do projeto: Programa Amigos do Zippy: educação para a Saúde Emocional

Título: *Amigos do Zippy e a aprendizagem socioemocional: promovendo a qualidade da ambiência e o desempenho de comunidades escolares*

Autores da sistematização: Juliana Fleury e Equipe da Associação pela Saúde Emocional de Crianças – ASEC

Público-alvo: Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e professores

Período: De 2012 a 2015

Palavras-chave: Educação emocional, saúde mental, capacidades, habilidades, potencial, autoestima, direitos humanos

Campo de inserção da experiência: Mediação de conflitos

Contato: jufleury@asecbrasil.org.br

APRESENTAÇÃO

O Programa Amigos do Zippy vem sendo desenvolvido em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro desde 2010. Já beneficiou mais de 15 mil alunos e 475 professores. A partir de 2012, foi direcionado para as unidades do Programa Escolas do Amanhã. Nos anos de 2014 e 2015, o atendimento restringiu-se às escolas focais desse grupo, aquelas com deficiências na aprendizagem e que precisavam de motivação para alcançar um melhor desempenho.

À semelhança do que ocorre hoje em todo o mundo no campo da educação – a busca por relações mais harmoniosas, acolhedoras, solidárias e produtivas no ambiente escolar, com vistas a resultados –, as Escolas do Amanhã também sentem a necessidade de criar um cenário favorável à paz e, quando é o caso, intervir com eficiência nos conflitos que ocorrem

em suas dependências – quer decorrentes de problemas internos, quer como reflexos de questões externas. No entanto, muitas dessas unidades escolares, as que se localizam nas áreas de maior risco (com os índices mais altos de violência e criminalidade), se ressentem de um apoio mais concreto e especializado para enfrentar com sucesso momentos de conflito, que podem não só comprometer a rotina da escola e o desempenho dos alunos, mas levar à evasão de estudantes e professores.

Foi por isso que as Escolas do Amanhã acolheram tão bem a formalização da parceria com o Amigos do Zippy, programa que oportuniza o desenvolvimento de competências socioemocionais nas crianças, independentemente de nível social, histórico de vida e habilidades. A iniciativa é conduzida no Brasil pela Associação pela Saúde Emocional de Crianças (ASEC), fundada em 2004, e implementada por professores do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Eles são capacitados a ensinar crianças a respeitarem o próximo, construir relacionamentos saudáveis, lidarem com os próprios sentimentos e conviverem harmoniosamente com as diferenças, condições essenciais para que se tornem adultos mais sãos e felizes.

1. Contexto da Experiência

Crianças e jovens, em geral, tendem a incorporar padrões de comportamento do meio em que vivem. Se tratados com violência, “aprendem” a resolver suas dificuldades empregando violência também. Mas, quando orientados a refletir antes de agir, a controlar suas emoções e a manter o equilíbrio em suas atitudes, assimilam novos valores e passam a ver o mundo com outros olhos, o que impacta positivamente sua autoestima.

Nas comunidades onde as Escolas do Amanhã se localizam, o cenário submete crianças e jovens ao convívio cotidiano com a violência, criminalidade e confrontos com forças policiais, além de não oferecer acesso a bens e serviços indispensáveis a uma melhor qualidade de vida. Não é à toa que esses locais registram os piores índices de desenvolvimento humano (IDH) e que sua população vive em estado de permanente tensão e sempre tão vulnerável. Mesmo com um trabalho árduo, as equipes das Escolas do Amanhã nem sempre conseguem motivar os alunos para o estudo, a busca do conhecimento e a convivência pacífica, uma vez que a atenção deles está constantemente desviada para os graves problemas do dia a dia. Até os professores se veem desestimulados e atingidos pelas desavenças que acontecem além muros.

Para tentar romper esse círculo vicioso, o que constitui um desafio de proporções inestimáveis, somente

uma intervenção planejada, com prática apropriada e sistematizada, que ensine os alunos a lidar positivamente com problemas e crises, evitando que reproduzam automaticamente condutas altamente nocivas a si próprios, a terceiros, à escola, à comunidade e à sociedade como um todo. E são as estratégias (técnicas) dessa intervenção junto às crianças que o Amigos do Zippy repassa aos professores, para que realizem uma mediação eficaz e segura dos relacionamentos interpessoais, melhorando o clima emocional na escola em geral e na sala de aula.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Desde sua fundação, a ASEC realiza parcerias com escolas para sensibilizá-las sobre a importância de se cultivar e preservar a saúde emocional dos alunos. Quando se trata de públicos maiores, tem obtido sucesso pelo efetivo envolvimento de Secretarias de Educação, fato que influencia na motivação (absolutamente essencial) dos educadores.

Em 2010, a partir do interesse de algumas escolas pelo trabalho da ASEC, iniciou-se um processo que culminou num convênio com a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro. Constatados os benefícios do acordo, a parceria se estendeu ao Programa Escolas do Amanhã.

Anualmente, a ASEC desenvolve capacitações, seminários, supervisões, acompanhamentos e avaliações com as escolas parceiras, com o objetivo de formar mais professores e ampliar o alcance do programa. Um calendário de atividades é elaborado em conjunto com a SME e sua validade vai de fevereiro a dezembro.

3. Procedimentos

A implementação do Programa Amigos do Zippy se dá por meio de formações em módulos temáticos, que abordam habilidades emocionais e sociais específicas a serem aprendidas pelos professores e propõem a problematização de situações para os alunos. Diante da exposição dessas situações, os alunos devem ser instigados a apresentar o maior número possível de soluções, tarefa que passa pelo exercício da responsabilidade, de se colocar no lugar do outro e de respeitá-lo.

Aos poucos, a metodologia de problematização vai sendo incorporada à rotina da sala de aula e se tornando uma ferramenta importante para que os alunos resolvam questões de qualquer espécie, inclusive na área pedagógica. O ciclo de incorporação da metodologia se completa quando os alunos já demonstram discernimento para avaliar os problemas e analisar possíveis alternativas para solucioná-los, o que lhes confere mais autonomia e melhora o conceito que têm de si mesmos.

Na visão da ASEC, expressa na filosofia do Programa Amigos do Zippy, mediar conflitos no meio educativo é fazer com educadores e alunos sejam capazes de exercitar

a escuta empática, de estabelecer o diálogo com foco em sentimentos e necessidades (comunicação eficaz), de ter autoconsciência do que querem e o que sentem e, ainda, de valorizar a relação com o outro, uma vez que o ser humano só existe em sua relação com os demais. Ou seja, a mediação de conflitos precisa acolher as diferenças entre pessoas e grupos, manter-se aberta perante os diversos posicionamentos e usar a divergência para construir, pacífica e positivamente, a convergência, seja entre alunos, grupos de alunos, alunos e professores, alunos e funcionários, alunos e direção, entre os próprios professores, professores e direção, professores e responsáveis. Afinal, tudo faz parte de uma mesma comunidade, a comunidade escolar, e colabora para sanar o clima no espaço educativo.

Em função de sua aplicação bem-sucedida em muitas escolas, a metodologia do Zippy, ou melhor, a metodologia do “AZ”, foi reconhecida tanto pela Organização Mundial da Saúde como pelo Ministério da Educação (MEC), constando do Guia de Tecnologias Educacionais Promotoras da Educação Integral e Integrada. Seu eixo condutor são histórias sobre um grupo de crianças que vivenciam uma sequência progressiva de situações difíceis.

O programa se vale de um modelo, o SAFE, que estabelece quatro requisitos. Descritos a seguir, esses requisitos são condições necessárias à efetividade de programas de desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais em crianças.

Sequenciado: o programa aplica um conjunto planejado de atividades para desenvolver habilidades sequencialmente;



Ativo: o programa utiliza formas ativas de aprendizagem, como dramatizações e ensaios comportamentais, com *feedback*;

Focado: com o programa, a escola passa a dedicar tempo suficiente para desenvolver habilidades sociais e emocionais;

Explícito: o programa deixa claro para os alunos as habilidades emocionais e sociais que estão adquirindo.

A implantação da metodologia do AZ passa por quatro fases:

Fase 1: Sensibilização e alinhamento com a metodologia

Promove-se, em primeiro lugar, a sensibilização das equipes das escolas para adesão ao programa. Depois, apresentam-se e alinham-se as demandas e expectativas, com base no histórico de cada unidade escolar e suas necessidades.

Fase 2: Formação

A formação do professor é realizada em encontros presenciais preparatórios e em encontros de formação continuada, tendo uma dimensão teórico-prática. Como suporte contínuo, uma equipe técnica disponibiliza canais de comunicação e mantém contato com o professor ao longo do ano. Além disso, são feitas visitas à sala de aula durante as atividades do Amigos do Zippy para ajudar no aprimoramento de práticas e validar os avanços do professor.

A formação básica tem carga horária de 16 horas, subdivididas em quatro períodos de quatro horas. É ministrada antes do início do programa, com antecedência suficiente para que os professores realizem atividades que motivem as crianças e para conduzirem, opcionalmente, reuniões com os pais. Já a formação continuada consiste de quatro encontros de quatro horas cada, distribuídos ao longo do ano. Os educadores que já aplicaram o programa ao menos uma vez são convidados a participar de uma formação avançada.

Fase 3: Implementação na sala de aula

Os professores já capacitados recebem um certificado de formação básica que lhes permite iniciar o programa nas turmas. Eles são instruídos a adaptar momentaneamente o ambiente da sala, fazendo, por exemplo, as crianças se sentarem em círculo.

A metodologia está estruturada em seis módulos, sendo que cada um possui quatro temas a serem desenvolvidos num total de 24 aulas, durante as

quais se estruturam as vivências.

- O **módulo 1** aborda **Sentimentos**;
- O **módulo 2** trata de **Comunicação**;
- O **módulo 3** fala de **Relacionamentos**;
- O **módulo 4** envolve **Resolução de Conflitos**;
- O **módulo 5** é denominado **Lidando com Mudanças e Perdas**;
- O **módulo 6** chama-se **Nós Sabemos Lidar com as Dificuldades**.

No decorrer da execução, todos os professores devem apresentar um relatório sucinto de cada aula, apontando o que funcionou bem e o que não deu certo. Orienta-se que discutam a aula com seus colegas, podendo também entrar em contato com coordenadores e monitores do programa sempre que necessário. Há reuniões periódicas entre os educadores das várias escolas participantes para troca de experiências.

Fase 4: Avaliação e feedback

Foram criados indicadores para avaliar questões relacionadas ao conteúdo do programa, à sua prática e às evidências de impacto nos alunos e professores.

- Até que ponto o Programa Amigos do Zippy impacta o desenvolvimento socioemocional dos alunos?
- Até que ponto esse impacto socioemocional se relaciona a mudanças no desenvolvimento escolar e no desempenho das crianças?
- Até que ponto o programa se reflete na vida pessoal e profissional dos professores?

No processo de coleta de dados, alunos, professores e responsáveis são as fontes de informação. Já no procedimento técnico, observa-se o comportamento das crianças.

Anualmente, é produzido um relatório denominado “Sumário das transformações emocionais, sociais e acadêmicas”, com a avaliação dos alunos que participam do programa.

4. Articulação de Parcerias

A ASEC, como entidade do Terceiro Setor, atua em parceria com escolas públicas e privadas e participa de alianças intersetoriais sustentáveis, integradas por governos e iniciativa privada.



“Observei que, após a participação, os alunos passaram a comunicar sentimentos, compartilhar experiências, interagir de forma dinâmica no grupo, mediar situações de conflito e desenvolveram, de forma satisfatória, a aquisição da leitura e da escrita, contribuindo de forma integral no cotidiano do ambiente escolar.”

*Professora Elisabeth
CIEP Posseiro Mário Vaz*

No caso do Rio de Janeiro, o Banco HSBC forneceu os recursos financeiros para viabilizar a implantação e execução do Programa Amigos do Zippy para uma média anual de três mil crianças de escolas de Ensino Fundamental da rede municipal, de 2010 a 2016.

5. Análise e Interpretação Crítica

Avaliações realizadas com professores e pais de alunos, além de depoimentos escritos e vídeos, evidenciam os resultados da metodologia do Programa Amigos do Zippy, que vem contribuindo com soluções para algumas importantes demandas das escolas.

Os docentes do Rio de Janeiro envolvidos na iniciativa tiveram participação decisiva nessas conquistas, pois se empenharam em executar adequadamente a sequência de aulas e as atividades previstas. Os professores apontaram que as estratégias para lidar com dificuldades, desenvolvidas nas aulas do programa, foram eficazes para a vida pessoal das crianças e deles mesmos, além de afetarem positivamente o enfrentamento de momentos difíceis de outras disciplinas, beneficiando o aprendizado escolar.

O desafio de manter o programa durante esses anos, mesmo diante das dificuldades de se estabelecer acordos de longo prazo, deve-se à capacidade de diálogo da ASEC e à sensibilidade por parte da Secretaria de Educação e sua equipe na questão da promoção de ações estruturantes para a resolução de conflitos.

6. Lições Aprendidas

A mais significativa lição aprendida é que a universalidade do Programa Amigos do Zippy se confirma no contexto diversificado da cidade do Rio de Janeiro e se mostra um recurso com o qual as escolas podem contar para ampliar a educação dos alunos, no sentido da construção de um indivíduo integral. Cada professor participante, dentro de cada escola, em seu próprio contexto, tem vivido uma experiência única e reveladora de seu potencial educativo.

Uma especificidade da experiência, no caso da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, foi a demanda mais intensa pelo “cuidar” dos aspectos emocionais do professor, o que desafiou a equipe de monitores da ASEC desde o primeiro ano de implementação do programa (2010). O trabalho diário de educadores em ambientes violentos, com crianças que levam para a escola toda sorte de problemas sociais que os estressam e desgastam, exigiu maior frequência de contatos e uma atenção especial

para com suas necessidades profissionais e pessoais. Mas, ao final da experiência, os depoimentos dos professores atestam que o acolhimento que receberam acabou sendo transferido para a relação com seus alunos.

O desenrolar da troca de ideias no planejamento das ações do programa e o acompanhamento contínuo na fase de execução permitiram à ASEC alinhar as demandas e expectativas de todas as partes (SME, escolas, professores), potencializando o sucesso da experiência. Ao mesmo tempo, promoveram o amadurecimento do processo de construção coletiva do trabalho.

Por fim, vale mencionar outra aprendizagem relevante, que foi a participação de membros da ASEC, em 2015, no fórum de discussão sobre o Plano Municipal de Educação (PME), já que a Associação se propõe a sensibilizar a comunidade educacional para a importância da promoção da saúde emocional e a influenciar para que essa matéria se torne uma política pública de educação. Esse fórum contribuiu para ampliar a visão de multidisciplinaridade nos grupos de trabalho e incluir atividades de educação socioemocional nos eixos da educação básica e integral.

7. Recomendações

- Por atender às demandas das Escolas do Amanhã e pelos impactos positivos evidenciados, o Programa Amigos do Zippy deve ser ainda mais sedimentado, com ampliação para toda a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, não se restringindo ao grupo das escolas focais (o que ocorreu em 2014 e 2015);

- A promoção da saúde emocional deve ser considerada política pública de educação, beneficiando um universo muito maior de crianças, promovendo o protagonismo dos alunos, instrumentalizando o professor para melhorar a ambiência dos espaços educativos e valorizando o papel do educador.

8. Fontes de Informação

- ASEC, AZ MEC. Proposta enviada em 2012: tecnologias educacionais;
- ASEC, ODM - DOC 1. Ficha de inscrição e participação em 2012;
- PAYTO, J. W.; WARDLAW, D. M.; GRACZYK, P. A.; BLOODWORTH, M. R.; TOMPSETT, C. J.; WEISSBER, R. P. (2000). *Social and emotional learning: a framework for promoting mental health and reducing risk behavior in children and youth*. *Journal of School Health*, 70(5), 179-185.





Gestão, democracia e sustentabilidade

7

Gestão, democracia e sustentabilidade

Uma das principais palavras de ordem no mundo todo nas últimas décadas, sobretudo com a chegada do novo século, é sustentabilidade, considerada em seus mais diversos aspectos. Contudo, a questão da sustentabilidade só pode ser pensada e encaminhada a reboque de um outro grande desafio: o da gestão eficiente de recursos naturais, materiais, humanos e financeiros, seja por parte do poder público, seja por empresas e instituições da sociedade civil em geral, como as escolas.

Uma gestão eficiente, entretanto, deve prezar por uma característica essencial: o caráter democrático. Não é à toa, por exemplo, que a gestão democrática vem se revelando uma das frequentes razões para os avanços observados no campo da educação, sendo implementada por meio da prática de debates, reflexões e estudos, conforme previsto na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996.

No dia a dia do ambiente escolar, podemos observar que a gestão democrática é a ferramenta adequada para viabilizar as políticas públicas de educação, materializando e salvaguardando suas intenções e seus valores enquanto conquistas em benefício da coletividade. Segundo a LDB, a primeira e principal atribuição da escola é a elaboração e execução de uma proposta político-pedagógica orientada por ditames democráticos, que deve funcionar como um norte na definição de estratégias e ações que agreguem melhorias e resultados ao processo de ensino-aprendizagem. Essa proposta pedagógica, por sua vez, precisa ser supervisionada, revisitada e

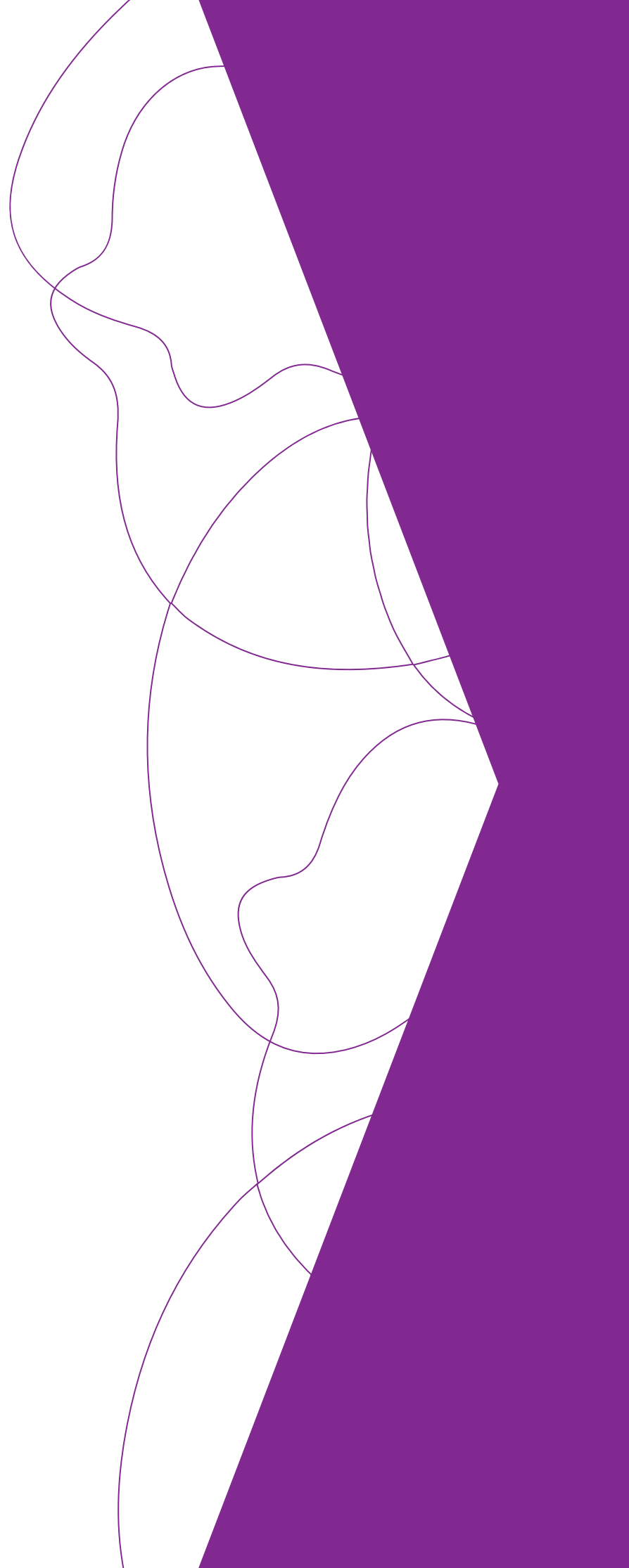
permanentemente gerida de maneira democrática ao lado de todo o patrimônio da escola, constituindo um bem peculiar, à semelhança das ideias, das atitudes, da criatividade e de outros legados imateriais sob os cuidados da administração escolar.

O papel mediador da gestão manifesta-se de uma forma bem pessoal na área educacional, uma vez que se está lidando com um objeto diferenciado: a formação integral de sujeitos por intermédio da apreensão do saber, com vistas à sua autonomia e ao exercício pleno da cidadania. Por isso, os princípios democráticos são tão relevantes e decisivos quando se trata de gestão escolar – sobretudo, uma gestão exemplar e sustentável sob um ponto de vista amplo. O terreno da educação tem mesmo essa característica de ampliar e até transmutar determinados conceitos e padrões, como é o caso da qualidade. Um ensino de qualidade vai muito além de sua embalagem, ou seja, da exposição de conteúdos, convertendo-se em prática social que situa e atualiza o educando cultural e historicamente. Do mesmo modo, uma gestão democrática em educação ultrapassa os limites da democracia nos moldes tradicionais, de cunho político, e se empenha na concretização de ganhos mais arrojados para os alunos e para a comunidade escolar, permitindo articulações para a tomada conjunta de decisões sobre os caminhos, os entraves e os destinos da instituição.

Como relação dialógica, a educação escolar pressupõe a condição de sujeito do educando e sua participação ativa no processo educativo, mas, enquanto fenômeno social

mais abrangente, não pode estar desvinculada de tudo o que ocorre extramuros, quer no seio familiar, quer na comunidade, quer na sociedade. Assim, para estabelecer e manter sintonia com o que acontece para além do seu cenário interno, para se conectar a outras realidades, a escola necessita introduzir e assegurar uma gestão tão eficaz quanto democrática, que lhe permita, após fundar um espaço de diálogo, fundamentá-lo com iniciativas que fortaleçam e frutifiquem seus esforços, no sentido de levar os educandos, seus responsáveis, os moradores da comunidade e o coletivo social a ter credibilidade nos educadores, gestores, nas ações e deliberações adotadas e na estrutura escolar. Toda ênfase e todo estímulo devem ser dados às atitudes positivas e duradouras com referência ao ato de estudar, escutar, compreender, aprender e compartilhar.

Uma grande parcela do trabalho do professor é facilitada quando o aluno já vem para a escola predisposto à aprendizagem e quando, em casa, dispõe do apoio dos familiares. Mas isso só se dá em contextos nos quais a relevância da educação e o poder do conhecimento são visivelmente reconhecidos e incentivados - em parte porque uma gestão democrática leva a escola a disponibilizar conteúdos vinculados aos interesses, necessidades e vivências dos alunos, e em parte porque essa modalidade de gestão valoriza a integração entre o corpo docente e discente e também investe na proximidade com a família dos alunos e com a comunidade do entorno da escola, carreando perspectivas mais otimistas com relação ao amanhã dos alunos.



Escola Municipal Humberto de Campos

Transforma Ação: transformando a ação para mudar a realidade

Zailene Mello, Rita Escalero e Regina Fittipaldi

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Humberto de Campos

Coordenadoria Regional: 1ª CRE

Título: *Transforma Ação: transformando a ação para mudar a realidade*

Autoras da sistematização: Zailene Mello, Rita Escalero e Regina Fittipaldi

Público-alvo: Alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

Período: Fevereiro de 2013 até 2015

Comunidade: Buraco Quente, Mangueira e adjacências – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Gestão, transformação, renovação, parceria, empreendedorismo, alfabetização, acompanhamento, gestão escolar

Campos de inserção da experiência: Gestão e sustentabilidade

Contato: emhcampos@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal Humberto de Campos desenvolve uma proposta pedagógica inovadora desde 2013, denominada “Transforma Ação: transformando a ação para mudar a realidade”. Este projeto atende alunos do 1º ao 3º ano e tem como foco a capacitação de toda a equipe da unidade escolar (UE) com o objetivo de promover melhorias nos níveis de proficiência em Português (leitura e escrita) e Matemática e tornar a escola uma referência em alfabetização na região do complexo da Mangueira. Visa-se, ainda, à elevação do desempenho dos alunos expressa nos resultados das avaliações, garantindo, assim, uma educação de qualidade.



Buraco Quente, Mangueira e adjacências - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

A unidade escolar fica situada na zona central da Cidade do Rio de Janeiro, no Complexo da Mangueira, área atualmente pacificada, mas que ainda sofre profundamente com o alto índice de violência e a atuação do tráfico de drogas. O local também é carente de saneamento básico, atendimento em saúde e um melhor sistema de transporte público.

Para enfrentar esse cenário com tantos desafios, o projeto Transforma Ação tem como principal eixo a construção de uma identidade para a escola a partir do reforço escolar, utilizando os recursos humanos disponíveis no próprio quadro de profissionais da instituição (professores, oficinairos, estagiários e voluntários). Um grande diferencial implementado para minimizar as dificuldades mapeadas no diagnóstico do processo de alfabetização das turmas do 1º ao 3º ano foi a capacitação da equipe pedagógica e dos responsáveis, por meio de reuniões e centros de estudos focados na alfabetização e no reforço escolar.

A atual gestão assumiu a escola em fevereiro de 2013 e, a partir da análise das avaliações externas padronizadas (Alfabetiza Rio e Prova Rio), identificou o baixo nível de proficiência em leitura, escrita e Matemática nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, fato que comprometia a alfabetização dos alunos. Foi

imprescindível, então, elaborar um projeto educativo que garantisse o progresso da leitura e escrita dos discentes, sendo criado o reforço escolar. A escola precisou implantar diversos projetos para auxiliá-la nessa tarefa, com ênfase para o “Ainda há tempo”, que visa a consolidar o processo de alfabetização principalmente nos anos iniciais.

Além de investir na redução dos índices de analfabetismo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, mapeando e trabalhando as deficiências de aprendizagem dos alunos, o projeto Transforma Ação quer diminuir as taxas de reprovação no 3º ano.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A equipe gestora que chegou à escola em 2013 (diretoras geral e adjunta e coordenadora pedagógica) esbarrou num cenário bem complexo e desafiador, que não condizia com as concepções de educação e de escola como espaço de aprendizagem que a instituição mantinha. Alunos, professores e funcionários estavam imersos em um ambiente nada atrativo e sem estímulos positivos.

A primeira medida das gestoras foi transformar a realidade encontrada, construindo experiências significativas

para qualificar o processo de alfabetização e permitir o reconhecimento do trabalho pedagógico por parte dos docentes, das famílias e da comunidade.

Foram implantadas atividades como aulas de reforço no contraturno; reuniões para levantar, analisar e avaliar as propostas pedagógicas da unidade escolar; organização e planejamento das práticas pedagógicas; trocas de experiências bem-sucedidas entre a equipe; e visitas às residências dos alunos para apurar possíveis dificuldades na rotina que interferiam na frequência às aulas.

3. Procedimentos

A proposta pedagógica implementada para mudar o panorama escolar foi estruturada em cinco passos:

Etapa 1: Sondagem. O objetivo era verificar os alunos com baixo nível de aprendizagem em Português (leitura e escrita) e Matemática. Feito isso, definiram-se grupos de trabalho e o planejamento das aulas para responder às dificuldades, identificadas como defasagens.

Etapa 2: Elaboração de um plano de trabalho e organização dos centros de estudos para as equipes e os responsáveis.

Etapa 3: Solicitação de avaliação por parte de uma equipe multidisciplinar, com o propósito de assinalar quais alunos não conseguiram avançar na escala dos níveis de proficiências em determinadas disciplinas, em função de questões externas.

Etapa 4: Implantação, na rotina escolar, de atividades de intervenção da equipe multidisciplinar, tendo como foco detectar problemas externos à esfera pedagógica que necessitam do apoio de profissionais especializados, como psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos.

Etapa 5: Reforço escolar no contraturno, com a promoção de diversas iniciativas capazes de elevar o nível de proficiência para estágios mais satisfatórios, conforme orientação da Secretaria Municipal de Educação. Responderam por esse esforço uma professora com regime de 40 horas (Ensino Fundamental), voluntários e oficinairos do Programa Mais Educação.

No decorrer de 2016, já com o quadro completo de docentes, a equipe gestora pretende atuar mais com os



alunos desse grupo específico, principalmente com os do 3º ano, mediante atividades de leitura e ampliando o reforço escolar. Os estudantes que recebem apoio suplementar possuem portfólios individuais, nos quais são arquivadas suas produções e são feitos registros e relatórios de desempenho, elaborados pelos professores e pela coordenadora pedagógica em diferentes momentos do ano letivo. Quando se constata melhoria, os alunos saem do reforço específico e entram em um processo de reforço complementar, o que remete às rotinas de avaliações continuadas do processo pedagógico. Se preciso, a coordenação pedagógica busca a parceria das famílias, encaminha os alunos para especialistas e atua diretamente nas atividades de reforço.

Há um espaço alternativo na escola, a Sala de Reforço Escolar, especialmente criada para atender alunos que apresentam déficits na alfabetização. Mas outros locais, como a Sala de Leitura, a sala do Programa Mais Educação, o Laboratório de Informática e mesmo as salas de aula, também são usadas para esse fim.

4. Articulação de Parcerias

Com o apoio da Vila Olímpica da Mangueira, o projeto oferece atividades esportivas aos alunos mapeados na sondagem pela equipe multidisciplinar. A prática desportiva estimula potencialidades, reduz as dificuldades de aprendizagem e eleva a autoestima. Há, também, uma parceria com a Sociedade Pestalozzi do Brasil, vizinha à comunidade, que, dentre outros serviços sem fins lucrativos, presta assistência médico-social e educacional a pessoas portadoras de deficiência. Mas, como a rotatividade de sua equipe é alta, nem sempre o atendimento dos alunos se dá de forma efetiva, gerando descontentamento junto aos familiares e a descontinuidade do tratamento.

Outras parcerias envolvem a Clínica da Família e o

Conselho Tutelar. São feitas reuniões periódicas entre os profissionais dessas duas instituições e os responsáveis pelos alunos para apresentar o trabalho desenvolvido e ressaltar a importância do envolvimento da família na busca de solução para os problemas e defasagens manifestados pelos alunos.

5. Análise e Interpretação Crítica

Com a implantação do reforço escolar, a identidade da escola foi reposicionada na comunidade e estabeleceram-se estratégias e metodologias para a continuidade do projeto, por meio da capacitação dos professores e dos responsáveis. Consolidou-se, assim, um trabalho coletivo focado em ações transformadoras, na melhor qualidade do ensino e no aumento da autoestima dos alunos e moradores da comunidade.

A atuação de profissionais externos (oficineiros e estagiários) disponibilizados pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) e pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), por intermédio do Programa Mais Educação, foram de extrema importância para atender às demandas da escola. Dentre elas, o atendimento aos alunos com necessidades especiais e o apoio nas atividades de reforço escolar.

6. Lições Aprendidas

A escola se colocou em um patamar de aprendizado de excelência ao descobrir que “Ainda há tempo” e que é preciso ter foco na apuração dos problemas e uma proposta bem definida para enfrentá-los, além de um time de profissionais altamente comprometidos, mesmo diante das situações mais difíceis.

Os resultados alcançados a partir das ações foram o aumento dos índices de alfabetização, a diminuição da evasão escolar e a redução dos índices de reprovação. O maior destaque se deu na progressão do IDERIO: da nota 3.1, em 2013, para 4.2, em 2015, o que gerou uma premiação para a equipe escolar.

7. Recomendações

- A chave do sucesso de um projeto está no desenvolvimento da percepção de que, sem união, não será possível atingir os objetivos. É preciso somar as forças internas (escola) e externas (parceiros e famílias) para se chegar aos resultados esperados.

- O foco das ações deve ser mantido no reforço escolar e no atendimento individualizado aos alunos com defasagem;

- Para minimizar ou mesmo eliminar as dificuldades dos estudantes no que se refere ao domínio da Língua Portuguesa e da Matemática, é necessário implantar rotinas pedagógicas individualizadas, que contemplem estratégias inovadoras de aprendizagem relacionadas às necessidades pontuadas na sondagem;

- As questões de saúde são um complicador, pois, além da falta de compromisso dos responsáveis em buscar ajuda especializada para os alunos, nem sempre o acesso ao serviço público de saúde se efetiva em tempo real, levando a um descompasso entre oferta e demanda.

8. Fontes de Informação

- Entrevista com a direção e a coordenação pedagógica;
- *Workshop* de sistematização de experiências;
- MEDEIROS, Rita Escalero de. *Ainda há tempo*. Monografia (MBA de Gestão Empreendedora em Educação). Programa de Pós-graduação em Gestão em Empreendedorismo, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2014.



ANTES

DEPOIS



CIEP Anton Makarenko

Mudando a Realidade

Sonia Regina Vieira Coutinho, Jacimara Baião Vieira, Roberta Vasconcellos Dias de Oliveira Paes e Luiz Cláudio Vieira Coutinho

Nome da unidade escolar: CIEP Anton Makarenko

Coordenadoria Regional: 6ª CRE

Título: *Mudando a Realidade*

Autores da sistematização: Sonia Regina Vieira Coutinho, Jacimara Baião Vieira, Roberta Vasconcellos Dias de Oliveira Paes e Luiz Cláudio Vieira Coutinho

Público-alvo: Alunos, professores, funcionários e comunidade

Período: De 2009 até os dias atuais

Comunidade: Quitanda, Lagartixa, Pedreira e Portus, Costa Barros – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Gestão, esforço, apoio, aprendizagem, mudança, superação

Campos de inserção da experiência: Gestão e sustentabilidade

Contato: ciepanton@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A escola fica situada em um dos bairros mais violentos da Cidade do Rio de Janeiro, o de Costa Barros, e com um dos índices de desenvolvimento humano (IDH) mais baixos. Até há pouco tempo, era uma instituição desacreditada pela comunidade, sem identidade, apresentando alta taxa de repetência e evasão, imensa rotatividade de professores e nível de aprendizagem abaixo do desejável.

Conviver com uma comunidade escolar desmotivada, em função do seu dia a dia violento no entorno e no interior da escola, representava um grande desafio. Além disso, havia muitos outros problemas. Tínhamos que lidar não só com furtos frequentes e depredações das nossas dependências (que quase levaram ao fechamento da unidade escolar), mas também com a iminência de ter nossos alunos remanejados para outras escolas devido à interdição de todo o 1º andar, que ficou sem condições de ser utilizado. Eram 30 turmas para apenas 10 salas de aula ativadas.



Quitanda, Lagartixa, Pedreira e Portus, Costa Barros - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Todo o cenário acima descrito nos levou a refletir profundamente sobre quais ações seriam necessárias para reverter a gravidade da situação. Nossa primeira ideia foi conquistar a confiança dos alunos e convencer os professores de que seria possível realizar um trabalho sério e produtivo, com o apoio da comunidade. Mas conseguir a adesão dos membros comunitários para a nossa causa não parecia nada fácil.

Ainda assim, em meio às dificuldades, mantivemos o local funcionando em três turnos e não abrimos mão do nosso espaço. Essa postura, provavelmente, deve ter sido o pontapé inicial para a reconstrução do patrimônio físico e da reputação da escola. A partir daí, começou uma batalha diária para mudar a realidade do CIEP Anton Makarenko, com os atores sendo estimulados a acreditarem em sua capacidade e a investirem suas forças na transformação da escola. Queríamos um CIEP agradável e mobilizador, onde os alunos gostariam de estar, e com uma equipe profissional comprometida com os novos tempos.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

Todos os envolvidos no processo, sem exceção, precisavam vestir a camisa e acreditar que era possível retirar o CIEP do caos. Munidos dessa missão, organizamos um encontro entre alunos, professores, funcionários, direção e

responsáveis para analisar os pontos fortes e as fraquezas da escola e da nossa equipe, mapeando depois as questões apontadas. Com base nesse levantamento, formamos grupos de trabalho que se debruçaram sobre os problemas e foram responsáveis por propor soluções viáveis para a crise da escola. A intenção era pensar coletivamente e unir forças e vontades.

3. Procedimentos

Uma vez formuladas as soluções, cada grupo se comprometeu a colocá-las em prática. Ficou acordado que, para fazer parte desse momento especial na história da escola, as pessoas precisavam investir em seu potencial e no potencial do outro.

Confiar no próprio esforço, no da equipe e da comunidade levou todos a abraçar a luta do CIEP e se empenhar em alcançar o que parecia impossível, dando uma cara nova à escola. Ou seja, fez toda a diferença

4. Articulação de Parcerias

Na recuperação do prédio da escola, tivemos como parceiros o Coordenadoria Regional de Educação (CRE), a Prefeitura do Rio e a Rio Urbe. Eles reconstruíram

completamente o Módulo de Educação Infantil (MEI), desativado desde 2003, e o transformaram, em 2011 em um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI). Foram refeitos os vestiários, banheiros e salas de oficina na quadra coberta. Houve também a construção de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no pátio, o que representou uma vitória incalculável para a comunidade, permitindo que educação e saúde caminhassem juntas.

No que se refere à melhoria da aprendizagem, além do comprometimento de toda equipe escolar, alunos e responsáveis, contamos com a colaboração das Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Cultura, de duas unidades do Sesc São João de Meriti e Madureira, Pontocine Guadalupe e o movimento social Ação e Cidadania da 1ª Igreja Batista em Pavuna. Essa colaboração veio de várias maneiras, incluindo a capacitação de professores e a

realização de passeios e atividades culturais.

A inclusão do CIEP no Programa Escolas do Amanhã, além de nos beneficiar com o estabelecimento em turno único e com um ensino de mais qualidade, deu início a algumas outras parcerias de sucesso. Dentre elas, com o Programa Saúde na Escola e o Projeto Bairro Educador.

5. Análise e Interpretação Crítica

A evolução do CIEP Anton Makarenko vem se reafirmando dia após dia, sobretudo por ter enfrentado e superado uma fase tão complexa. As próprias avaliações externas demonstram o fortalecimento da instituição. Contudo, ainda há um longo caminho a ser percorrido, já que nem tudo saiu conforme nossas expectativas. O





maior obstáculo continua sendo o entorno da escola, cada vez mais violento, o que acaba por afastar excelentes profissionais e mesmo os alunos. Somando-se a isso, o encerramento de algumas ações inerentes ao Programa Escolas do Amanhã, especialmente no campo da saúde, tem dificultado a rotina escolar, já que ameaça romper o equilíbrio que atingimos.

6. Lições Aprendidas

Quando uma escola deseja formar ou resgatar sua identidade e ter o respeito da comunidade, os gestores que estão à frente dela precisam adotar uma postura combativa e proativa, além de reunir um contingente de pessoas e grupos dispostos a brigar pela instituição. É fundamental estreitar o contato com as lideranças comunitárias e buscar potenciais parceiros. Graças a atitudes assim, terminamos com os furtos e depredações e fizemos da nossa escola um espaço limpo, organizado e acolhedor.

A reboque desse novo quadro, assistimos à melhora significativa da autoestima dos alunos, ao engajamento dos professores, ao fortalecimento das relações com a comunidade e à diminuição da evasão escolar, da rotatividade dos educadores e da repetência.

O desempenho escolar também foi visivelmente modificado. Ficamos em quarto lugar no Alfabetiza Rio de 2010 e, no IDEB de 2011, fomos a escola que mais cresceu, com o índice de 87% (de 3,1 para 5,8). O mais importante,

porém, foi ver nossos alunos e professores darem uma guinada em seus hábitos e comportamentos, passando a enxergar um futuro para a escola.

7. Recomendações

- A busca por mudanças tem que passar, necessariamente, por uma análise, um diagnóstico das potencialidades da escola, pois é uma ferramenta essencial.
- A escola deve potencializar seus pontos mais positivos, trazendo o foco para o que tem de bom e pode ainda melhorar. Entretanto, não pode ignorar suas fraquezas;
- Cada membro da comunidade deve ser considerado um indivíduo único e importante, apto a desempenhar tarefas e a assumir sua cota de responsabilidade em favor do aperfeiçoamento da escola. Mas a instituição deve reconhecer e valorizar essa contribuição explicitamente;
- É conveniente criar rotinas escolares simples, mas verdadeiramente eficazes em seus resultados.

8. Fontes de Informação

- Secretaria Municipal de Educação;
- Secretaria Geral de Alunos (SGA);
- Registros dos arquivos da escola;
- *Workshop* de sistematização de experiências.

Escola Municipal Haydéa Vianna Fiuza de Castro

Aspectos Relevantes para o Sucesso Escolar

Patrícia Gomes de Azevedo, Leila Cecília de Oliveira Gomes, Odette dos Santos Sarmiento e Eliane de Souza Lopes

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Haydéa Vianna Fiuza de Castro

Coordenadoria Regional: 10ª CRE

Título: *Aspectos Relevantes para o Sucesso Escolar*

Autoras da sistematização: Patrícia Gomes de Azevedo, Leila Cecília de Oliveira Gomes, Odette dos Santos Sarmiento e Eliane de Souza Lopes

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil ao 6º Ano do Ensino Fundamental

Período: De 2009 aos dias atuais

Comunidade: Vila Paciência (ou Comunidade do Aço), Santa Cruz - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Planejamento, organização, estrutura, rotinas, mudança, participação

Campos de inserção da experiência: Gestão e sustentabilidade

Contato: emhaydea@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A experiência se deu na Escola Municipal Haydéa Vianna Fiuza de Castro, a partir do ano de 2009.

Com o início do Programa Escolas do Amanhã, algumas mudanças ocorreram na unidade escolar. Uma nova equipe assumiu a direção da instituição e chegaram também novos professores.

Nesse período, em busca de melhores resultados na aprendizagem e da redução da evasão escolar, foi implementado um novo modelo de gestão administrativa e pedagógica envolvendo diretoria, educadores, alunos e o Conselho Escola-Comunidade.



Vila Paciência (ou Comunidade do Aço), Santa Cruz - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Anteriormente, o cenário era o de uma escola sem objetivos pedagógicos definidos e metas, com uma estrutura deficiente e alta rotatividade de direção e professores, inclusive com fases de intervenção. Além disso, havia o agravante de um índice também expressivo de evasão e abandono escolar, falta de funcionários (até mesmo para o preparo da merenda escolar) e limpeza precária.

Com a implantação de novas rotinas, procurou-se mobilizar e comprometer todas as equipes de trabalho da escola, estudantes e comunidade com vistas a unificar a instituição. A primeira providência foi elaborar com mais cuidado e critério a avaliação dos alunos, ampliando nosso olhar sobre eles. Criamos, então, novos e diversificados instrumentos, com o apoio do corpo docente, que geraram um mapa de avaliação, preenchido a cada bimestre. Por meio desse mapa, os Conselhos de Classe analisam a situação dos alunos e, se for o caso, traçam estratégias de intervenção imediata para solucionar os problemas apontados.

No que se refere ao planejamento escolar, também ganhou novas regras. Mensalmente, os professores passaram a se reunir para planejar e organizar os conteúdos que seriam desenvolvidos no mês seguinte, independentemente do planejamento semanal e particular de cada educador. A equipe de direção orientava os professores a explorar

três novos conteúdos semanalmente e revisar alguns já previamente assinalados. Uma avaliação semanal (simulado) dos estudantes ajudava a identificar os assuntos que precisavam de reforço na classe.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

No começo, foi bem difícil. O sentimento era um misto de fracasso e desânimo, pois, por mais que acreditássemos em nosso potencial, tínhamos a sensação de que a missão exigia um fôlego e uma coragem superiores às nossas forças. Aos poucos, porém, surgiu uma rede de pessoas que acreditavam na possibilidade de reverter a situação e que fizeram brotar novas perspectivas.

Nos anos subsequentes a 2009, a permanência dos professores aumentou pouco a pouco. Primeiro, ficou um; depois, dois; em seguida, três; e assim sucessivamente. As pessoas já endossavam as nossas ideias e o grupo escolar foi se tornando mais forte, maduro e unido.

Hoje, as áreas de gestão e pedagógica têm do que se orgulhar. A comunidade escolar, como um todo, saiu fortalecida e beneficiada com as conquistas. Sentimos que fazemos a diferença na vida dos alunos, dos educadores, das famílias, da comunidade e da sociedade. Somos um time.

Depois de reestruturada no aspecto organizacional e reorganizada no campo pedagógico – com a renovação de práticas e a formulação de estratégias para potencializar o processo de ensino-aprendizagem – a unidade escolar deu um salto global de qualidade. O quadro a seguir mostra essa evolução.

Reestruturação Ambiental	Reorganização Pedagógica
1. Reforma geral das instalações prediais (parte elétrica, encanamentos, pintura etc.)	1. Elaboração de uma proposta político-pedagógica consistente e abrangente
2. Compra de materiais pedagógicos (livros, jogos etc.) e de ferramentas tecnológicas (TV, datashow)	2. Estabelecimento de metas em curto, médio e longo prazos
3. Troca das equipes de limpeza e de preparo da alimentação	3. Diagnóstico dos principais problemas da escola
4. Cuidados redobrados no recebimento e na preparação dos alimentos, inserindo café da manhã e lanche da tarde para todos os alunos	4. Busca de referenciais em comum para melhorar o sistema de avaliação dos alunos
5. Criação da Brinquedoteca	5. Estruturação da organização das salas de aula
6. Climatização dos ambientes, tornando-os mais agradáveis ao estudo e ao convívio	6. Formalização de procedimentos para desburocratizar os processos e facilitar a solução dos desafios
7. Mudança de todo o mobiliário da unidade escolar;	7. Criação de rotinas para constantes avaliações do trabalho desenvolvido junto aos professores e ao Conselho Escola-Comunidade
8. Criação do Laboratório de Informática	8. Redução da evasão escolar por meio de visitas de acompanhamento e sondagens às famílias dos alunos
9. Administração conjunta das verbas da instituição (direção, professores e Conselho Escola-Comunidade)	9. Disponibilização de novos espaços (como a Gibiteca) e promoção de atividades de interesse dos alunos, aumentando, assim, sua permanência na escola
	10. Valorização e fortalecimento da direção e do corpo docente
	11. Reabertura da Sala de Leitura, depois de reformada e equipada

Cabe destacar, ainda, uma iniciativa relevante no contexto de transformação da unidade escolar, que foi o Programa Mais Educação. Por intermédio dele, passamos a funcionar em horário integral para todas as turmas do 1º ao 5º ano. São sete horas de jornada diária, entre o turno (em sala de aula) e o contraturno (oficinas), com a oferta de alimentação.



ANTES



DEPOIS

3. Procedimentos

Nossos alunos estão sempre em atividade. Termina uma, outra começa. Fora aquelas que acontecem em sala de aula, há também as do recreio, por meio dos chamados “cantinhos”: desenho, Gibiteca, correio etc. O aluno escolhe as de sua preferência. No contraturno, é hora das oficinas, que exigem mais tempo de dedicação. Estagiários e oficinairos trabalham então com os alunos em diferentes áreas de interesse: leitura e escrita, Matemática, pintura, capoeira, jogos...

Além dessas práticas motivadoras, a unidade escolar se concentra bastante no reforço aos alunos que vêm apresentando dificuldades, seja em Português ou Matemática. Os maiores recebem ajuda de forma

mais sistemática em sala de aula, em pequenos grupos, enquanto os menores aprendem por meio de jogos e brincadeiras conduzidos por estagiários, voluntários e/ou oficinairos de leitura e Matemática do Programa Mais Educação. Utilizamos um caderno de registro para que direção, professores e coordenação pedagógica sugiram diretrizes para o percurso pedagógico. Como bem sabemos, o planejamento e a organização são ferramentas indispensáveis para prevenir ou minimizar futuros problemas no desempenho escolar.

Os documentos de observação, assim como os relatórios, têm sido grandes aliados para conhecermos melhor as competências de cada aluno, sua personalidade, a



participação da família e inúmeros outros aspectos de natureza educacional, pessoal, social e psicológica. Tudo é levado em conta na avaliação global do aluno e ajuda muito quando é necessário encaminhá-lo para algum atendimento especializado ou quando a escola precisa traçar estratégias para enfrentar alguma questão mais complexa relativa ao estudante.

Outra valiosa ajuda com que contamos, hoje, veio da incorporação da metodologia Uerê-Mello à rotina pedagógica da escola. Basicamente, introduzimos os dois momentos sugeridos no planejamento: o primeiro para desbloquear o cérebro do aluno, trazer o foco e estimular a memória; o segundo (também estimulante) para funcionar como um exercício ligado à agenda de aula, apresentando as atividades do dia e lembrando o que foi feito no dia anterior, e, ao término, combinando o roteiro da aula seguinte. Uma das principais dificuldades identificadas em nossos alunos é justamente a de reter na memória conteúdos mais antigos. Geralmente, eles fixam apenas as lições recentes (memória de curto prazo) e, mesmo assim, não conseguem assimilar um grande número de informações ao mesmo tempo.

Vale ressaltar aqui as contribuições trazidas pelo Projeto Amigos do Zippy, que visa à saúde emocional da criança. O projeto incentiva a expressão das emoções e orienta a lidar com frustrações, raiva, medo e outros sentimentos negativos e prejudiciais ao bem-estar físico, mental e psicológico. Assim, as crianças passam a se sentir mais leves e livres, o que exerce influência direta sobre os seus

comportamentos, relacionamentos e aprendizados. Mas é notório que o clima escolar também pesa em favor de mudanças. Quanto mais acolhedor, tranquilo e pacífico, mais servirá de contraponto à realidade violenta e agitada do entorno da escola.

Mas nada disso faria sentido sem o investimento na formação inicial e continuada dos professores. Eles são incentivados a ler, estudar e pesquisar sobre educação e, assim que chegam à escola, logo recebem uma referência bibliográfica básica para que se alinhem com as concepções e diretrizes da unidade escolar e do município. As formações são mensais, em grupos pequenos, mas também se dão em grupos maiores, ocasião em que discutimos um tema e, em torno dele, organizamos uma atividade para desenvolver com os alunos que reúna a equipe de educadores. Os temas abordados são os mais variados – desde estudos sobre alfabetização a estresse pós-traumático, transtorno que muitos de nossos alunos manifestam em função de episódios de violência.

4. Articulação de Parcerias

A localidade em que a escola está inserida dificulta muito a realização de parcerias devido à periculosidade. As altas taxas de violência na comunidade afastam potenciais parceiros. O próprio Projeto Bairro Educador, por exemplo, não se adequou, já que não foi possível concretizar articulações locais.

Então, face à inexistência de parceiros, acabamos por nos concentrar totalmente na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Afinal, a escola existe por causa do aluno; ele é o ator central, o mais importante de todos.

5. Análise e Interpretação Crítica

Talvez os fatores determinantes para o sucesso da nossa experiência tenham sido o empenho e a determinação da equipe escolar. As pessoas passaram a apostar de verdade no trabalho e a ter forças para levar os alunos para frente. Quando você acredita, você faz. E quando faz com convicção, convence outros a agir também. Claro que, sem apoio, teria sido praticamente impossível superar os obstáculos e chegar a algum lugar, especialmente naquele em que nos encontramos agora, depois de tanta luta e superação.

Mas um ponto crítico que permanece, e precisa ser discutido e enfrentado, é a questão da lotação. Em diversos momentos da nossa caminhada, ainda nos vemos sem pessoal suficiente. Esse fato, se da, pelos novos professores não se encontrarem preparados e/ou até mesmo dispostos a enfrentar o desafio de ensinar em uma escola de área conflagrada e com tantos conflitos. Nessas circunstâncias, a SME, por meio da 10ª CRE, em parceria com a direção da UE, buscam em conjunto a melhor estratégia para solucionar a questão.

Entendemos que os sérios problemas do lugar onde fica a escola acabam assustando e afastando os profissionais, mas estamos batalhando, exaustivamente, para melhorar o ambiente interno da escola em todos os sentidos. Queremos que os educadores gostem, pelo menos, de estar aqui e de exercer seu ofício entre nós. Contudo, existe mais um agravante que nos prejudica demais: a distância entre a escola e o local de moradia da maior parte dos professores.

6. Lições Aprendidas

Para alcançarmos mais produtividade por parte dos alunos e melhores índices nas avaliações externas, aprendemos que é necessário manter o foco no aperfeiçoamento das práticas e ferramentas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, é preciso construir e preservar um ambiente interno ameno e acolhedor e também conquistar a confiança de alunos e professores no trabalho da escola. Só assim podemos combater a desmotivação, a infrequência e o abandono escolar.

Outra lição: a escola deve diagnosticar com assertividade

as dificuldades de seus alunos, buscando o apoio de toda a sua equipe pedagógica e o contato com as famílias para enfrentá-las e solucioná-las na medida do possível. É interessante promover momentos de relaxamento não só para facilitar a concentração e a calma dos grupos durante os estudos, mas para reduzir os reflexos da violência do entorno no cotidiano escolar.

Assegurar a melhoria das condições de trabalho de professores e funcionários e valorizá-los, buscando diminuir a rotatividade, foi mais um aprendizado nosso.

7. Recomendações

- Convém à escola adotar o tripé diagnóstico/planejamento/ação. Qualidade em educação exige agilidade nos processos e decisões, sem qualquer brecha para a burocracia. O aluno não pode ter suas dificuldades empurradas por meses, à espera de um novo projeto ou de alguma intervenção externa
- É proveitoso manter rotinas de trabalho dinâmicas e funcionais, bem como canais eficientes de comunicação entre direção, funcionários, professores, alunos e responsáveis, garantindo um espaço permanente de diálogo em benefício de toda a comunidade escolar.

8. Fontes de Informação

- Entrevista com a direção da escola;
- Registro da visita da equipe de sistematização à unidade escolar;
- Informações levantadas na proposta pedagógica da escola;
- *Workshop* de sistematização de experiências.





Arte e cultura

8

Arte e cultura

Existem vários estudos mostrando a forte correlação entre escolaridade e nível socioeconômico e cultural de uma família. Também são muitos os indicadores que apontam para a importância da ampliação do repertório cultural como estratégia de apropriação das relações sociais, culturais e espaciais. Todas essas evidências endossam que a adequada formação do aluno e suas perspectivas de futuro requerem uma educação de qualidade, mas essas duas condições, por outro lado, passam necessariamente pelo amplo acesso aos bens artísticos e culturais e pelo estímulo a manifestações nessas duas áreas no terreno escolar. Tudo está interligado.

Proporcionando ferramentas favoráveis ao desenvolvimento do aluno, à sua expressão enquanto sujeito e ao estabelecimento de relações produtivas e harmoniosas no ambiente da escola, abre-se caminho para torná-lo um cidadão e fazê-lo avançar em termos de desempenho e de resultados. Mas o fato é que, assim como não se pode dissociar qualidade de educação de qualidade de vida, e qualidade de vida de qualidade de saúde, por exemplo, também não se pode esperar um rendimento à altura por parte do aluno que se veja apartado dos benefícios e das ricas experiências decorrentes da proximidade com o universo da arte e da cultura.

Entretanto, em cenários de grandes limitações e incontáveis desafios, mesmo as menores conquistas já acendem a luz da oportunidade. Por isso, a despeito das

dificuldades impostas por um cotidiano violento e hostil no qual muitas escolas situadas em comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) estão imersas, estas podem e devem pensar, planejar e realizar projetos, ações e atividades que ajudem a combater os altos índices de evasão e repetência dos alunos, a desmotivação das turmas, a baixa frequência e até a rotatividade de professores, ainda que, num primeiro momento, a luta pareça desigual e sem chances de ser vencida.

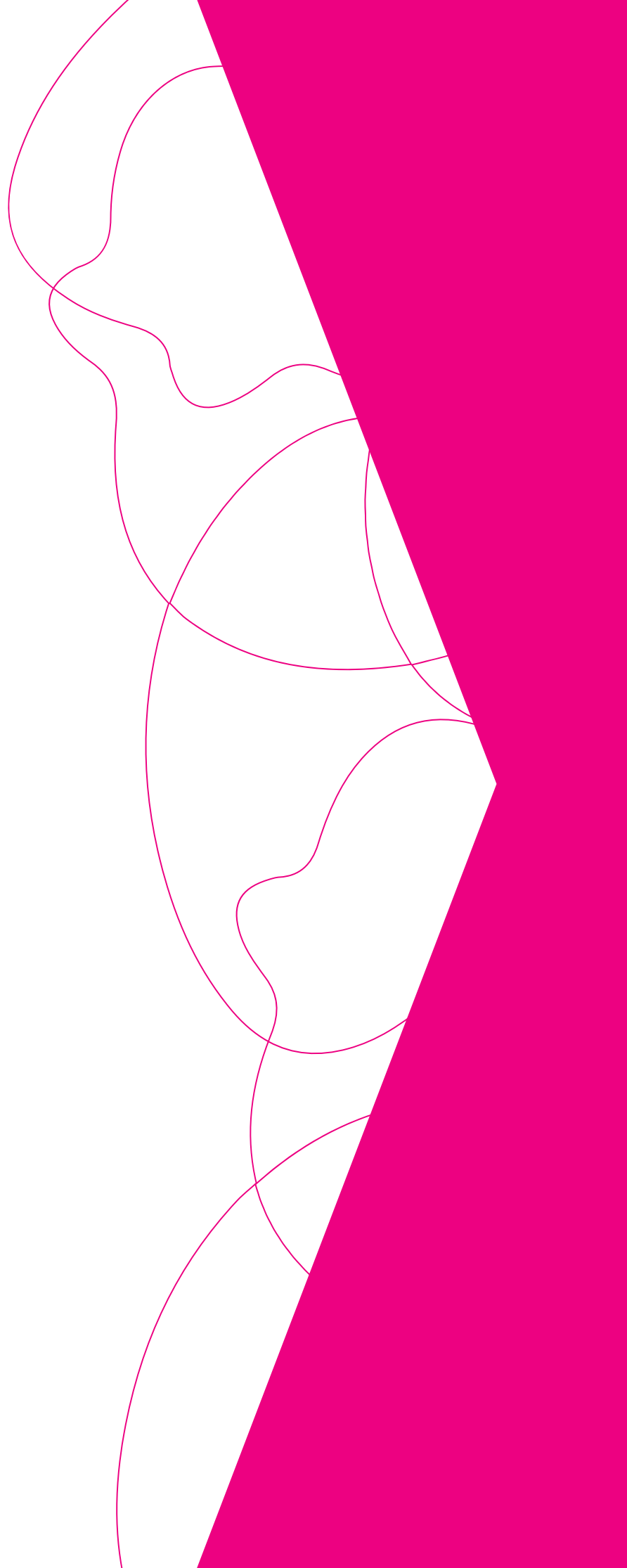
As aulas-passeio ilustram bem o que pode ser feito em favor dos alunos e que está ao alcance das escolas. Por meio delas, os estudantes têm a oportunidade de conhecer outros locais e formar outros referenciais, ter contato direto com a cidade onde vivem e que conhecem tão pouco, sentir-se mais livres e descontraídos, estreitar amizades e, principalmente, aprender se divertindo. Podem ser experiências tão importantes e especiais a ponto de impactar a dinâmica da sala de aula e despertar atitudes como atenção, interesse, curiosidade, afetividade e colaboração, sobretudo se os professores souberem explorar, posteriormente, conteúdos relacionados ao que os alunos viram, sentiram, ouviram e perceberam durante os percursos.

Quando diante de práticas prazerosas, que lhes apresentam o novo e os colocam face a possibilidades que até então sequer cogitavam, os alunos costumam se mostrar mais sensíveis ao compartilhamento de vivências e à escuta, o

que é bastante significativo para os professores na medida em que podem obter, desse modo, uma compreensão mais exata dos sentimentos e emoções de seus alunos enquanto parte de uma realidade dramática, que não os enxerga e nem os acolhe.

Portanto, há que se propor iniciativas no âmbito da escola, em complemento às dimensões culturais, já existentes, capazes de reduzir o vazio de repertório dos alunos e lhes fornecer subsídios que atendam a demandas de natureza cultural. Leituras em grupo, reflexões, discussões, oficinas, eventos literários, teatrais e musicais, competições, feiras, seminários e visitas a instituições que guardam acervos do patrimônio histórico são algumas delas. Mas sempre é possível, com planejamento, criatividade, esforço e cooperação, aumentar ainda mais esse leque, introduzindo inovações na rotina escolar com o apoio e a participação proativa dos educadores.

As aulas-passeio, sem dúvida, geram expectativas positivas, oportunizam a realização de pesquisas sobre o roteiro a ser percorrido, transportam o aprendizado para além dos muros da escola e criam nos alunos a sensação de pertencimento a uma cidade. Mas outras programações viáveis podem conduzir, igualmente, ao enriquecimento cultural, à valorização da arte e da cultura em seus múltiplos aspectos e ao reconhecimento do direito fundamental do ser humano a usufruir da produção artístico-cultural de seu país.



Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida

Feira Literária Júlia Lopes - FLIJU

Rosângela Favorita S. Razal, Fátima Maria G. Moreira e Pollyanna Valladares

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida

Coordenadoria Regional: 1ª CRE

Título: *Feira Literária Júlia Lopes - FLIJU*

Autoras da sistematização: Rosângela Favorita S. Razal, Fátima Maria G. Moreira e Pollyanna Valladares

Público-alvo: Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Período: 2013, 2014 e 2015, no mês de setembro

Comunidade: Prazeres, Santa Teresa – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Leitor, leitura, autor, escritor, criação, escrita

Campos de inserção da experiência: Arte e cultura

Contato: emjalmeida@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

Somos uma escola com cerca de 200 alunos, que desenvolve inúmeros projetos em conjunto com centros culturais do bairro de Santa Teresa, onde estamos localizados, Um deles é o Museu Chácara do Céu. Recebemos o nome de uma escritora nascida no Rio de Janeiro, que publicou mais de 40 livros dos mais diversos gêneros e se tornou uma das primeiras mulheres no Brasil a escrever para jornais. Julia Valentim da Silveira Lopes de Almeida casou-se com um poeta português e seus filhos também se dedicaram à literatura. Ela foi republicana e abolicionista e expressou ideias feministas e ecológicas em suas obras.



Prazeres, Santa Teresa - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Desde 2013, a Escola Municipal Júlia Lopes de Almeida realiza uma feira literária que leva o nome da instituição e é conhecida como FLIJU. O evento, integrado à proposta pedagógica da unidade escolar, busca despertar nos alunos, professores e comunidade o gosto pela leitura, bem como destacar a importância da pesquisa, da criação literária e da escrita em geral.

Situada na comunidade do Morro dos Prazeres, no coração do bairro carioca de Santa Tereza, a escola prioriza o estudo de diferentes linguagens literárias e artísticas e procura integrar suas ações ao cotidiano dos alunos e dos moradores locais. Com a iniciativa da criação da feira – muito por inspiração da escritora Júlia Lopes de Almeida, patrona da escola, e também em função de experiências semelhantes de vanguarda, como a Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) –, a unidade escolar aprofundou ainda mais suas práticas de reflexão, de sensibilização e de vivência da leitura, como corpo discente e docente, sempre de uma forma leve e agradável. Aos poucos, a feira foi ganhando forma e adaptando esse formato à estrutura escolar, procurando atuar como atrativo permanente para reverter os baixos índices de alfabetização.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A FLIJU surgiu no ano do centenário de nascimento do poeta Vinicius de Moraes, escritor homenageado na primeira edição do evento, que contou com a parceria da Academia Brasileira de Cordel, da Biblioteca Municipal de Santa Teresa e da Casa Lygia Bojunga. Na época, a escola recebeu uma doação significativa de livros infantis, depois distribuídos aos alunos. A feira inaugural também apresentou performances, atividade de contação de histórias, saraus literários e uma conversa com a escritora Ninfa Parreiras.

Em 2014, a feira comemorou o centenário de nascimento de Dorival Caymmi e os setenta anos de Chico Buarque, dois ícones da música brasileira, sendo que o último tem várias incursões no terreno da literatura. Os alunos confeccionaram marcadores de livros com trechos de músicas dos compositores, que foram entregues aos participantes junto com incenso.

Na edição de 2015, o foco recaiu no aniversário dos 450 anos da Cidade do Rio de Janeiro, com uma ampla exploração da história dos bairros cariocas e, sobretudo, de Santa Teresa. Mas não faltou tributo a um outro ilustre e irreverente poeta, antigo morador do bairro onde a feira acontece: Manuel Bandeira.



A FLIJU de 2015 teve apoio de dois importantes parceiros – o Núcleo de Artes Anália Conde e o projeto Ocupa Escola – e reservou espaço para celebrar o aniversário da patrona da escola, com direito a bolo e parabéns. Além disso, houve performances, concurso de poesia e de caricatura de Manuel Bandeira e a distribuição de imãs de geladeira com a caricatura do poeta. Embora a escola não tenha conseguido novas doações de livros, os visitantes receberam sobras de exemplares dos anos anteriores.

3. Procedimentos

No início de cada ano letivo, a direção da escola, com o auxílio dos professores, seleciona o autor que será trabalhado na FLIJU. Sob orientação da coordenadora pedagógica, realiza-se, então, o planejamento das ações e atividades que serão desenvolvidas ao longo dos meses em cada turma envolvendo a obra daquele autor, como, por exemplo, contação de histórias, conversa com escritores, apresentação teatral e de poesias e jogral. Nos Centros de Estudos da escola são realizadas, ainda, pesquisas para aprofundar o conhecimento sobre o autor escolhido.

Em diversas oportunidades, as turmas vivenciam atividades exploratórias, como rodas de leitura dos textos

do autor selecionado. Enquanto o professor de Sala de Leitura se debruça na interpretação e reescrita dos textos com os alunos, os professores de Artes, Música, Inglês, Religião e Educação Física contribuem de outras maneiras: seja levantando em detalhes a biografia do autor, seja caracterizando o período histórico em que ele viveu ou analisando a cultura vigente em sua época, seja explorando o universo de criação do artista das maneiras mais originais.

A FLIJU acontece durante cinco dias (segunda a sexta), sempre na semana de 24 de setembro, e aceita sugestões de tema, formato e atividades dos Centros de Estudos da escola e dos próprios pais durante reuniões, que ajudam também a identificar talentos na comunidade. O evento ainda conta com a parceria de artistas que apresentam espetáculo já em cartaz e de escritores que conversam com os alunos sobre suas influências, inspirações e produções. O convite oficial para o encontro geralmente parte da coordenadora pedagógica e tem destinatários certos, mas pessoas físicas e instituições que se identifiquem com a proposta da feira e queiram participar ou colaborar de alguma forma podem fazer contato voluntariamente.

4. Articulação de Parcerias

As experiências com diferentes parceiros têm sido muito positivas e trazido bons resultados. É crescente o número de entidades que procuram a escola para estabelecer algum vínculo com a FLIJU.

Destacamos, em particular, o trabalho com a Associação de Moradores de Santa Teresa, que fez mutirão para a coleta de livros entre os moradores do bairro na edição de 2014.

5. Análise e Interpretação Crítica

A despeito dos vários aspectos positivos da experiência, especialmente o contato dos alunos com autores – que desperta o senso crítico dos estudantes, estabelece uma proximidade com o universo da arte e amplia a interação com outras realidades –, a questão do espaço físico ainda constitui um grande desafio para os organizadores da FLIJU, exigindo um esforço de logística em diversos casos. Outro ponto que vale a pena mencionar é a falta de recursos para a aquisição de diversos materiais (como *banners*), para a realização de algumas melhorias e para a decoração do espaço da feira. No entanto, nada desestimula a equipe, já que os profissionais envolvidos lançam mão da criatividade na reciclagem de materiais e já que, em determinadas situações, efetuam despesas do próprio bolso.

6. Lições aprendidas

Com a presença de novos atores no ambiente escolar (famílias e parceiros locais) em razão da FLIJU, conseguimos aprofundar as relações entre os alunos, entre alunos e professores, alunos e famílias e alunos e comunidade. Conseguimos, ainda, valorizar a importância da leitura e da escrita, proporcionar a formação de novos leitores, promover a apropriação de diferentes mídias e tecnologias e instigar o gosto dos alunos e famílias pela leitura. Os livros passaram a ter, assim, um significado maior para os estudantes e seus familiares. Ressalte-se que, em muitos casos, foi o primeiro contato da família com uma obra literária.

Com relação aos professores, a feira motivou a aplicação de práticas pedagógicas inovadoras, tornou a abordagem da leitura e da escrita mais crítica, criativa e reflexiva e, ainda, ampliou o exercício dessas duas atividades, potencializando o processo de ensino-aprendizagem e melhorando a formação do aluno. Uma outra conquista representativa foi o fortalecimento das relações da escola com a comunidade local.

7. Recomendações

- Incorporar a feira literária ao projeto político-pedagógico da escola e torná-la parte do calendário escolar;
- Buscar novas parcerias, em especial com editoras, para garantir a doação de livros e sua distribuição a todos os alunos após o evento.

8. Fontes de Informação

- Estudos e pesquisas conduzidos pela direção da unidade escolar e por professores, sob supervisão da coordenadora pedagógica;
- Centros de Estudos da escola;
- Reuniões pedagógicas com o corpo docente e discente;
- Gerências das Coordenadorias Regionais de Educação (CREs);
- Vivências culturais cotidianas (eventos artísticos, musicais e literários; palestras; congressos; seminários; viagens; cursos);
- Pesquisas em geral (periódicos, vídeos, livros, revistas literárias e de cunho educacional);
- Trabalhos de campo (visitas a regiões específicas da cidade e também à própria comunidade do Morro dos Prazeres).
- Projeto político-pedagógico da unidade escolar.



Escola Municipal Estados Unidos

Primavera dos Livros

Alessandra N. P. Ribeiro
e Laura Teresa Colombini Moreira

Nome da unidade escolar: Escola Municipal Estados Unidos

Coordenadoria Regional: 1ª CRE

Título: *Primavera dos Livros*

Autoras da sistematização: Alessandra N. P. Ribeiro e Laura Teresa Colombini Moreira

Público-alvo: Alunos da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental

Período: Desde 2012 até os dias atuais

Comunidade: Mineira, Fallet, Fogueteiro, Coroa, Querosene, Prazeres e São Carlos, Catumbi – Rio de Janeiro

Palavras-chave: Leitura, escrita, participação, criatividade, compartilhamento, prazer

Campos de inserção da experiência: Arte e cultura

Contato: emeunidos@rioeduca.net

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal Estados Unidos está localizada na zona central da Cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Catumbi, próximo ao Sambódromo, e atende as comunidades ao redor. O entorno é caracterizado como área de conflito, marcado pela violência, tráfico de drogas e constantes confrontos com as forças policiais. O projeto Primavera dos Livros funciona desde 2012, com a finalidade de estimular o interesse pela leitura e ampliar o horizonte cultural dos alunos e da comunidade, estabelecendo como foco a melhoria da qualidade de aprendizagem dos estudantes da unidade escolar, principalmente na fase de alfabetização.



Mineira, Fallet, Fogueteiro, Coroa, Querosene, Prazeres e São Carlos, Catumbi - Rio de Janeiro

1. Contexto da Experiência

Primavera dos Livros é um evento que acontece anualmente entre os meses de setembro e outubro e foi concebido pela professora da Sala de Leitura em conjunto com os alunos e demais educadores da escola. A iniciativa surgiu da necessidade de estreitar o contato dos alunos com a literatura e a escrita, de forma produtiva e prazerosa, ampliando, conseqüentemente, o repertório cultural dos estudantes e sua bagagem de conhecimentos. Acreditava-se que esse caminho conduziria a um melhor desempenho dos alunos, com reflexos efetivos nos resultados.

O projeto não tardou a ter apoio tanto da direção e do quadro de docentes, quanto dos alunos e seus responsáveis. A cada ano, vem despertando mais entusiasmo e surpreendendo os participantes. Virou um sucesso. Hoje, reúne a comunidade escolar e também atrai visitantes.

Contudo, num primeiro momento, tivemos que enfrentar o desinteresse dos estudantes pela leitura, uma vez que eles têm acesso restrito aos livros no núcleo familiar e não recebem estímulos do ambiente social para investir em seu próprio desenvolvimento cultural e intelectual.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

A responsável pela Sala de Leitura, professora Laura Colombini, planejou a organização de um conjunto de atividades diversificadas para os alunos com foco na literatura infanto-juvenil, em parceria com os professores de Língua Portuguesa, Artes Plásticas, Artes Cênicas e Música. As produções decorrentes dessas atividades são armazenadas ao longo do ano letivo e, no dia da feira, compartilhadas com o público em uma exposição no pátio da escola.

O espaço é cuidadosamente preparado para virar um ambiente acolhedor, com colchonetes sob às árvores e livros pendurados nas árvores, à espera de serem folheados. Além disso, há exibição de vídeos, contação de histórias, cantigas de roda e oficinas de artes para explorar a linguagem oral e escrita.

O Conselho Escola-Comunidade (CEC), Grêmios Estudantil e monitores do Programa Mais Educação ajudam não só a preparar o encontro, como o acompanham de perto para controlar a programação e tudo sair conforme o esperado.



3. Procedimentos

Para concretizar seu objetivo – o de aproximar a comunidade escolar do mundo dos livros visando a reforçar o hábito de leitura e escrita e proporcionar melhor formação cultural –, o projeto Primavera dos Livros realiza anualmente um evento que, em um só espaço, disponibiliza as mais variadas atividades promotoras de conhecimento, lazer e integração social.

Antes do evento, porém, no dia a dia escolar, os professores dedicam momentos da aula à leitura compartilhada e trabalham textos com a turma que enfocam a primavera. Nessas ocasiões, eles procuram conceituar o tema e também ilustrá-lo para facilitar a apreensão dos conteúdos. Em sala, ainda, são feitas rodas de hora do conto, que procuram caracterizar as diferentes estações do ano, dentre outras abordagens

de interesse, de modo que os alunos se apropriem de novos saberes.

Dessas práticas, nascem textos reescritos pelos estudantes, ilustrações, dobraduras, painéis, poemas e cartazes, que são expostos na Primavera dos Livros, organizada no pátio arborizado da escola. Nas árvores, penduraram-se varais para a exibição de obras literárias infanto-juvenis, que servem para instigar o sonho e a imaginação de seus leitores a cada página.

4. Articulação de Parcerias

O projeto é desenvolvido com recursos disponíveis na escola, mas tem a parceria de sua equipe, do CEC e do Grêmio Estudantil.

5. Análise e Interpretação Crítica

Avaliamos o projeto Primavera dos Livros, que desemboca num acontecimento significativo para a comunidade escolar, como extremamente positivo em diversos aspectos. Ele inspira ações e atitudes de renovação no cenário escolar; estabelece um laço entre alunos, professores, famílias e comunidade; e desperta interesses e vocações por meio do contínuo estímulo à leitura e à escrita, sem contar suas contribuições para alavancar o processo de ensino-aprendizagem.

6. Lições Aprendidas

O projeto nos permitiu perceber o potencial de cada ator envolvido e o quanto cada um é essencial para um trabalho coletivo e um bom resultado final. Agora, nossos alunos se sentem mais motivados e com vontade de conhecer novas histórias, manusear um novo livro e também vivenciar mais experiências na Sala de Leitura.

Vale destacar que a iniciativa nasceu, originalmente, de uma ideia da diretora Alessandra Ribeiro, e foi abraçada por toda a equipe docente e pela professora da Sala de Leitura, professora Laura Colombini, que já tinha se defrontado com enormes dificuldades para concretizá-la de um modo adequado, capaz de encantar e seduzir o alunado. Porém, ela persistiu, conquistou parceiros dentro e fora da unidade escolar, uniu forças, adotou um caminho diferente e chegou lá.

Com isso, a escola como um todo saiu ganhando, pois estamos elevando gradativamente a qualidade do ensino e da aprendizagem, especialmente nas turmas de alfabetização, o que já é visível nos índices do ÍDEB da unidade escolar.

7. Recomendação

- Professores e gestores de outras escolas devem considerar a possibilidade de inserirem em suas rotinas pedagógicas projetos como o Primavera dos Livros. Ele oportuniza a exploração do vasto e rico campo da literatura infanto-juvenil, trazendo momentos mágicos, divertidos e prazerosos, e, ao mesmo tempo, fazendo a criança pensar, expressar, compartilhar e avançar em seu aprendizado. Seus impactos são notórios, especialmente nas turmas de alfabetização.

- O projeto deve se basear tanto nas produções individuais quanto nas coletivas, sob orientação do professor, e dar margem à iniciativa e à criatividade do aluno para que ele se sinta mais produtivo, autônomo e valorizado.

8. Fontes de Informação

- Planejamento do projeto Primavera dos Livros;
- Workshop de sistematização de experiências.



Projeto Mais Cidade: Rio, 450 anos de história

Melissa Anjos, João Baptista F. de Mello,
Ruan Rocha, Olga Figueiredo,
Alexandre Alves Batista e Ivo Venerotti

Título: *Projeto Mais Cidade: Rio, 450 anos de história*

Local do roteiro: Centro histórico da Cidade do Rio de Janeiro

Autores da sistematização: Melissa Anjos, João Baptista F. de Mello, Ruan Rocha,
Olga Figueiredo, Alexandre Alves Batista e Ivo Venerotti

Público-alvo: 2.400 alunos do 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental

Período: 27 de julho a 10 de setembro de 2015

Palavras-chave: Apropriação do espaço, preservação da memória, ampliação de repertório,
educação

Campos de inserção da experiência: Arte e cultura

Contato: melanj79@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A evolução urbana do Rio de Janeiro, para muitos de nós que aqui residimos, costuma passar em branco na correria do dia a dia. É comum não prestarmos atenção a prédios, sobrados e monumentos que nos rodeiam e que contam a história e a geografia da cidade e de seus habitantes ao longo dos séculos.

Ainda assim, a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, conhecida como Cidade Maravilhosa, continua despertando fascínio e curiosidade nas pessoas, especialmente nos visitantes. Além de suas belezas naturais e do papel que ocupa no imaginário popular, consegue aliar modernidade e tradição em doses equilibradas e imprimir nos seus moradores um estilo de vida muito peculiar. Por isso, mesmo quem não nasceu na cidade pode querer adotá-la de coração, já que dizem que ser carioca é, acima de tudo, um estado de espírito.

Com base nessas singularidades, na herança cultural do Rio, nas suas atrações e em sua vocação turística, surgiu o Projeto Mais Cidade, com a intenção de promover aulas-passeio para apresentar o Rio antigo e moderno a uma nova geração de cariocas, originais ou adotivos. A ideia era que eles se apropriassem dos espaços e das paisagens, refletissem sobre os contrastes e projetassem o futuro ideal para a cidade. Afinal, qual centro urbano, no país, possui tanta efervescência, diversos cenários e tem tanto a contar e ensinar? E por que privar alunos da rede pública municipal de ensino de conhecer suas raízes e se orgulhar delas?



1. Contexto da Experiência

A criação do projeto Mais Cidade teve como pano de fundo uma motivação toda especial: a comemoração do aniversário de 450 anos do Rio de Janeiro. Entendeu-se que a data poderia ser celebrada também com incursões pela cidade na forma de aulas-passeio, cujo roteiro foi criteriosamente elaborado por um grupo de pesquisadores para atender 2.400 estudantes de 60 unidades do Programa Escolas do Amanhã.

A iniciativa constituiu um trabalho de campo, exploratório, e contou com o acompanhamento de 240 professores. Para os seus organizadores, não resta dúvida de que fortaleceu o protagonismo juvenil; despertou a curiosidade, atenção e senso de observação dos participantes; reduziu o vazio de repertório dos alunos; e funcionou como um sopro de inovação e esperança para inúmeros estudantes, despertando um novo olhar sobre o meio ambiente e o patrimônio histórico e cultural da cidade.

2. Reconstrução Histórica da Experiência

O Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (Negha-Rio), bem como o projeto de extensão Roteiros Geográficos do Rio – ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenados pelo Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello –, tem pesquisado múltiplos aspectos da cidade há mais de uma década, em benefício de estudantes, educadores, população em geral, turistas e outros públicos. Os dados e informações colhidos nessas pesquisas atuaram como suporte para viabilizar um roteiro para aulas-passeio destinadas a um público específico e numeroso, o de alunos integrantes do Programa Escolas do Amanhã.

Apesar de dispor de um planejamento, o Projeto Mais Cidade teve que encarar o desafio de conduzir grupos de estudantes com segurança por uma cidade agitada, às vésperas dos Jogos Olímpicos, que já estavam, de antemão, naturalmente empolgados com as novidades e sujeitos, portanto, a enfrentar imprevistos. Por isso, o projeto adotou uma logística e não descuidou de cuidados preventivos.



3. Procedimentos

A aula-passeio pode ser considerada uma ferramenta de aquisição de saberes, de reconhecimento da realidade e apropriação do cenário da cidade, estimulando descobertas e a prática de ações cidadãs. Mas, para que a experiência expresse todo o seu potencial e os alunos desfrutem de toda a sua riqueza, algumas medidas são de extrema importância, como a capacitação dos professores de História e de Geografia que vão participar do percurso. Eles precisam conhecer previamente o roteiro a ser percorrido e as estruturas a serem visitadas, além de ser conveniente que trabalhem antes com as turmas alguns temas e atividades relacionados à aula-passeio.

Alunos do CIEP 1º de Maio, por exemplo, em visita ao Paço Imperial, puderam usufruir mais porque já tinham lido a obra “Roubo no Paço Imperial”, de Luis Eduardo Matta. Aliás, foi a leitura do livro que motivou a curiosidade dos estudantes pelo lugar e os deixou eufóricos. Essa situação remete não só aos reflexos positivos de uma conduta adequada por parte do professor, como à relevância de se planejar as atividades, sobretudo quando dirigidas a um universo maior de alunos. Mas o planejamento deve ser construído de forma colaborativa, reunindo os gestores do Programa Escolas do Amanhã e os professores de História e Geografia.

Cabe ressaltar, também, o quanto é importante inspecionar mais de uma vez os lugares que serão percorridos na aula-passeio, verificando a extensão do campo de visão nesses locais, os elementos que podem despertar uma particular

atenção ou curiosidade, possíveis rotas de fuga e pontos mais vulneráveis, sujeitos à ocorrência de incidentes. Após tais inspeções, deve-se produzir uma cartilha com orientações para que os professores sensibilizem seus alunos acerca de várias questões, riscos e cuidados necessários.

Por fim, é essencial elaborar um relatório sobre as aulas-passeio contendo a sistematização dessas experiências, com o relato detalhado dos melhores momentos e das principais dificuldades, de modo a resgatar o processo vivido. Foi esse resgate que permitiu a algumas escolas valer-se da experiência anterior para realizar uma nova aula-passeio com seus alunos nos arredores da unidade escolar ou no bairro. Durante o trajeto, eles procuraram observar os problemas de saneamento básico, de transportes, de saúde e de comércio, dentre outros, e traçar depois um paralelo com a área central do Rio de Janeiro.

4. Articulação de Parcerias

O projeto atuou por um breve período, mediante parceria com o Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (Negha-Rio) e com o projeto de extensão Roteiros Geográficos do Rio, ambos da UERJ, em articulação com o Programa Escolas do Amanhã.

5. Análise e Interpretação Crítica

A dispersão de alguns alunos durante a aula-passeio configurou um dos maiores problemas da experiência. Entretanto, convém não generalizar os casos e ter a preocupação de analisar separadamente cada ocorrência.

Por vezes, tais dispersões foram frutos de uma grande euforia, já que os estudantes romperam com sua rotina e se viram transitando num ambiente desconhecido e repleto de distrações. Já em outras situações, as atitudes de dispersão se revestiram de uma certa agressividade e irreverência, de modo a chamar a atenção dos monitores a todo momento. Houve aqueles alunos, ainda, que se mostraram indiferentes não só aos monitores, mas aos lugares, revelando um pouco de irritação com o passeio e perguntando insistentemente sobre o fim da caminhada.

Diante das reações negativas, há que considerar certos fatores, como o ambiente doméstico e as condições de vida da maior parte dos alunos. Eles quase sempre vivenciam um cotidiano de grave carência material e financeira, possível ausência dos pais ou responsáveis, falta de atenção e compreensão, limitações de toda ordem e embaraços sociais. Então, os monitores devem se manter atentos e abertos e se empenhar em uma

aproximação com aqueles grupos de alunos que insistem em ficar mais isolados, ao invés de tentarem impor um padrão de comportamento que pode gerar efeitos ainda mais indesejáveis. A palavra de ordem é compreender e acolher, tornando a aula-passeio uma experiência proveitosa, instigante e lúdica.

6. Lições Aprendidas

O tempo adequado para uma aula-passeio deve girar em torno de duas horas no máximo, o que impõe a necessidade de roteiros mais curtos. O volume de conteúdos repassados aos alunos se perde em meio ao cansaço e não surte o resultado esperado.

Outra lição que aprendemos foi evitar a abordagem de conceitos abstratos ou demasiadamente complexos, em especial para públicos com menos idade. Segundo Saramago (2002), histórias dirigidas a crianças devem usar uma linguagem simples, direta e descomplicada, uma vez que o seu vocabulário ainda é bastante restrito.

Uma terceira ressalva é que a experiência da aula-passeio não deve se esgotar ao término do percurso, porque ela deixa um legado que pode ser posteriormente explorado pelos professores em sala de aula. O que foi visto e sentido

durante o trajeto serve de fio condutor para reflexões e debates, para confrontar realidades e estabelecer conexões entre diversos cenários. Portanto, o educador deve se manter mobilizado para repercutir a experiência.

7. Recomendações

- A aula-passeio deve ser uma ação educativa e primar pela seriedade, ainda que comporte alegria e divertimento;
- Sua realização deve, ainda, ser repleta de intencionalidades. Do contrário, poderá ser confundida com uma mera diversão;
- Uma aula-passeio deve funcionar como um prolongamento da sala de aula e exige, portanto, planejamento.

8. Fontes de Informação

- Plano de trabalho do projeto;
- Informações e relatos extraídos das aulas-passeio;
- Relatório final do projeto.
- SARAMAGO, José. **A Maior Flor do Mundo**. 1ª ed. Editorial Caminho. Lisboa, 2002.



Referências

- ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: Unesco, UCB, 2002. 156 p.
- AHRENS, M. H. **Da desigualdade à diferença, do singular ao plural, gênero e identidade na adolescência**. Tese de mestrado em Psicologia. Brasília, UnB, 1997.
- ALBERTI, S. **O adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Coleção Psicanálise Passo a Passo.)
- ALMANDOZ, Maria Rosa; VITAR, Ana. Caminhos da inovação: as políticas e as escolas. In: VITAR; ARREAZA, A. L. V.; MORAES, J. C. de. Contribuição teórico-conceitual para a pesquisa avaliativa no contexto de vigilância da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(5):2627-2638, 2010.
- ALVES, F.; FRANCO, C.; RIBEIRO, L. C. de Q. Segregação residencial e desigualdade escolar no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. de Q. & KAZTMAN, R. (Orgs.) **A cidade contra a escola? : segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevidéu, Uruguai: IPPES, 2008.
- BASTOS, João Baptista (Org.). **Gestão democrática**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 2005.
- BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira (Org.). **Gestão e políticas da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BOFF, L. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 1-287.
- BONAFE-SCHMITT, Jean-Pierre. **Formação e mediação**. Palestra proferida no I Seminário Formação e Mediação: pensar, agir e inovar em educação. Universidade do Minho, Braga, 2007. Disponível em <<http://www.forum-mediacao.net/module2display.asp?id=47&page=1>>. Acessado em: 9/1/2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Manual operacional de educação Integral**. Brasília, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde na Escola**. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=29109. Acessado em 5/10/2014.
- BRASLAVSKY, Cecília. **Dez fatores para uma educação de qualidade para todos no século XXI**. São Paulo: Moderna, 2005.

BROCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CONTANDRIOPOULOS, A. P.; CHAMPAGNE, F.; DENIS J. L.; PINEAULT R. A avaliação na área da saúde: conceitos e métodos. In: HARTZ Z. M. A. (Org.). **Avaliação em saúde: dos modelos conceituais à prática na análise da implantação de programas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. p. 29-47.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Políticas da educação: um convite ao tema**. Trabalho apresentado em Seminário sobre Políticas Públicas de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2001. (mimeo.)

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

EM ABERTO. **Gestão escolar e formação de gestores**. Brasília: MEC/INEP, v. 19, n. 72, jul. 2002. 195 p.

EM ABERTO. **Gestão educacional: o Brasil no mundo contemporâneo**. Brasília: MEC, INEP, v. 17, n. 75, fev./jul. 2000. 189p.

FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1979.

----- (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

----- **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Educar, v. 13.)

FERRARI, G. M. R.; SACHET, E. M.; SILVA, A. C. **A mediação como alternativa na solução de conflitos em processos de família**. Disponível em: <<http://www.tex.pro.br/tex/listagem-de-artigos/324-artigos-abr-2011/7979-a-mediacao-como-alternativa-na-solucao-de-conflitos-em-processos-de-familia>>. Acessado em: 7/ 1/2013.

FERREIRA, P. V. P. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento: a abordagem de Jerome Brunner. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=413#VrTKa7IrLIU. Acessado em: 14/11/2013.

FISHMAN, H.C. **Tratando adolescentes com problemas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

----- **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----- **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. v. 2. São Paulo: Mercado de Letras, 2013 (Coleção Desconstruindo a violência na escola: os meus, os seus, os nossos bagunceiros.)

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Educação tecnológica. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 25-73.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Sistematização de experiências**: aprender a dialogar com os processos. Lisboa: CIDAC, 2008. (Projeto Alicerces para a Educação para o Desenvolvimento em Portugal: da concepção de projetos à comunidade de prática, cofinanciado pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e pela Fundação Calouste Gulbenkian.)

----- **Como sistematizar em 5 tempos**. Costa Rica: Centro de Estudos e Publicações da Rede Alforja, 2006.

----- **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: MMA, 2006. 128 p. (Série Monitoramento & Avaliação, publicação do Projeto de Apoio ao Monitoramento e Análise do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, vinculado à Secretaria de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente.)

MASETO, M. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETO, M; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 133-173.

ORTEGA, Rosário et al. **Estratégias educativas para prevenção das violências**. Tradução de Joaquim Ozório. Brasília: Unesco, UCB, 2002.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PARO, Vitor Henrique. Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 18, 1997, Porto Alegre. **Anais**: Sistemas e instituições: repensando a teoria na prática. Porto Alegre: ANPAE, 1997^a. p. 303-314.

----- **Administração escolar**: introdução crítica. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1986.

-----, **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 1997b.

PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Globalização & organização**: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distância e sociedade planetária. Ijuí: Unijuí, 1999.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Cultura. Coordenação de Arte e Educação, Livros e Leitura. **Relatório do Programa Segundo Tempo Cultural**, 2009.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Básico do Programa Saúde na Escola**, 2010.

RUOTTI, C.; ALVES, R.; CUBAS, V. O. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. 1. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação:** trajetória, limites e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, Andréia Ferreira; PEREIRA, Elaine Costa; SOUZA, Josiane Nascimento Ferreira de; ROCHA, Leticia Grassi Maurício da; OLIVEIRA; Michelle Potiguara Cruz de; SOUZA, Simone Cunha de; MATEUS, Ana do Nascimento Biluca. **A Importância da contação de história como prática educativa na educação infantil.** Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acessado em: 25/10/2015.

SILVEIRA, KÁTIA B. R. et. al. Associação entre desnutrição em crianças moradoras de favelas, estado nutricional materno e fatores socioambientais. **Jornal de Pediatria**, v. 86, n. 3, 2010.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2008.

SOUZA, B; ALEXANDRE, Carla. **A Olimpíada de Jogos Digitais e Educação e as mudanças nas relações sociais da escola.** Disponível em: <<http://sbgames.org/sbgames2012/proceedings/papers/gamesforchange/g4c-12.pdf>>. Acessado em: 21/6/ 2013.

TARGINO, P.; LIMA, P. H.; QUERETE, E. **Jogos, tecnologia e educação:** o Porto Digital como um parceiro estratégico na melhoria dos indicadores educacionais do Estado de Pernambuco. Trabalho apresentado no XIX Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas. Florianópolis, Anprotec, 2009.

VARGAS, Milton (Org.). **História da técnica e da tecnologia no Brasil.** São Paulo: Unesp / Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto:** linguagem e tecnologia. Recife: UFPE, 2009.



FICHA DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

1 - Aspectos gerais da experiência

- Nome da unidade escolar
- Coordenadoria Regional
- Título
- Autores da sistematização
- Público-alvo
- Período/data
- Comunidade
- Palavras-chave
- Eixo(s) da sistematização
- Contato

2 - Apresentação

Breve relato sobre a escola e a motivação para a prática da experiência

3 - Contexto da experiência

- Justificativa
- Objetivos
- Delimitação do objeto a ser sistematizado

4 - Reconstrução histórica da experiência

5 - Procedimentos

6 - Articulações institucionais e parcerias locais



7 - Análise e interpretação crítica

- Aspectos a se ordenar e classificar
- Desafios
- Avanços

8 - Lições aprendidas

- Identificação dos princípios norteadores das ações realizadas
- Principais aprendizados gerados com a prática da escola

9 - Recomendações

- Orientações sobre o exercício da experiência
- Referências ao(s) produto(s) desenvolvido(s)

10 - Fontes de informação



Ficha Técnica

CONSULTORA DE CONTEÚDO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS - UNESCO
Dulce Angela Salviano da Silva

EQUIPE DE APOIO TÉCNICO

Alexandre Alves Batista
Camila Gomes Alves
Kamyla Amorim Gonçalves
Sandra Consoli
Sônia Maria da Silva

EQUIPE DE CAMPO

Adriana Cardoso
Rita Motta

COPIDESQUE E REVISÃO

Sheila Dunaevits

FOTO DA CAPA

Escola Municipal Otelo de Souza Reis

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

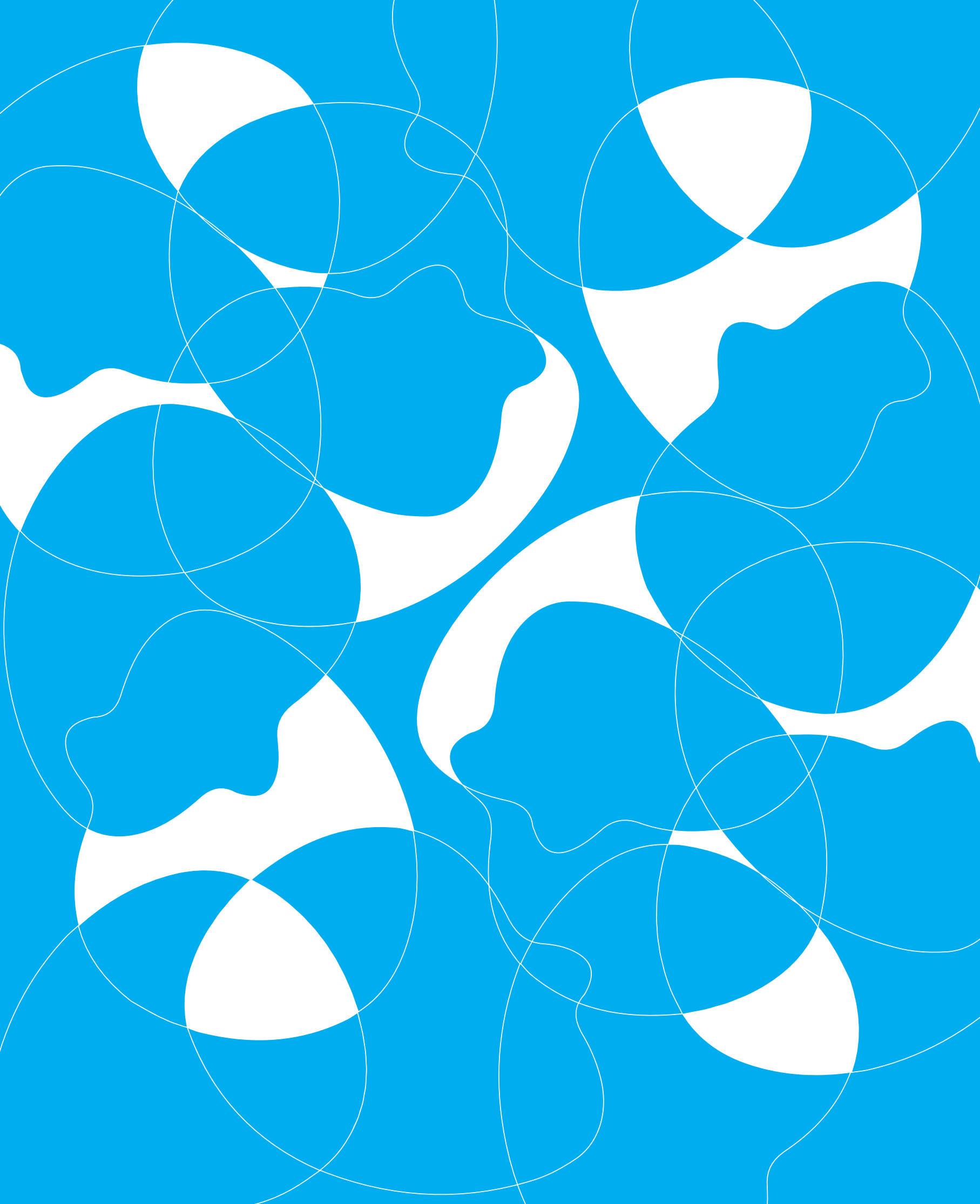
Renata Fernandes

ARTE-FINAL

Daniel Duarte

IMPRESSÃO

J. Di Giorgio





Cooperação
**Representação
no Brasil**



Escolas
do Amanhã

